

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

200327062

## ENTRE AS ASAS DA SERRA

Érica Speglich

Orientador: Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Este exemplar corresponde à redação final da  
dissertação defendida por Érica Speglich e  
aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 21 / 02 / 2003

Orientador: Alc. Amorim

Comissão Julgadora:

Manfredini

Dr. Carlos Roberto de Jesus

Gradig

Leonor

Alc. Amorim



2003

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

© by Erica Speglich, 2003.

UNIDADE	3C
Nº CHAMADA	Unicomp SP 322
V	EX
TOMBO BC/	55387
PROC.	01-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	23/08/03
Nº CPD	

CM00188242-0

BIBID 238926

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Sp32e	Speglich, Erica. Entre as asas da Serra / Erica Speglich. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.
	Orientador : Antonio Carlos Rodrigues de Amorim. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade	de Educação.
	1. Professores - Formação. 2. Identificação. 3. Educação ambiental. Amorim, Antonio Carlos Rodrigues. II. Universidade Estadual de
Campinas.	Faculdade de Educação. III. Título.
	03-044-BFE

## Resumo

Esta dissertação tem como intenção produzir uma escrita sobre o trabalho denominado “resgate histórico-cultural do bairro da Serra, Iporanga, SP” desenvolvido por mim e duas professoras que trabalham tanto na Escola Estadual “Vítor Rodrigues da Motta” como na organização não governamental do bairro, a ASA (Associação Serrana Ambientalista). Procuramos pensar no “resgate histórico-cultural” como uma movimentação que pode trazer/produzir/inventar/reconstituir sujeitos múltiplos para o bairro da Serra. Sujeitos, estes, que estão imersos num novo contexto cultural que traz como característica a tensão entre o novo – o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira e o turismo – e as “tradições” locais. Tentaremos trazer, no desenrolar desta escrita, essa movimentação e as diversas dimensões e desdobramentos que apareceram destes sujeitos múltiplos criados/inventados para o bairro.

## Abstract

This research endeavours to produce a writing about a work named “historic-cultural retrieval of the Serra neighborhood at Iporanga, SP” that was developed by me and two teachers who work both on the school “Vítor Rodrigues da Motta” and on the non -governmental organization of the neighborhood, ASA (Associação Serrana Ambientalista). We tried to think about this work as a motion that should bring/produce/invent/recompose Subjects for the Serra neighborhood. These Subjects are plunged into a new cultural context characterized by the tension between what is new – the Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira and the tourism – and the local “traditions”. Along this writing we intend to bring this motion and the different dimensions that showed up by these invented/created multiple Subjects.

# Sumário

1. Chegar ao Bairro da Serra: fragmentos em memórias .....	09
2. Anúncio de um momento .....	15
3. Um trabalho feito em grupo .....	27
4. Uma conversa para começar .....	41
5. Tempo de rememorar .....	69
6. Onde é mesmo que era a escola? .....	83
7. Sistematização e escrita .....	95
8. Várias histórias para cirandar .....	110
Bibliografia .....	117

# Agradecimentos

Ao Antonio Carlos pelo carinho e apoio.

Às professoras Sandra e Tânia pelo trabalho conjunto e pela amizade que se construiu.

Às “meninas” do grupo de Educação Ambiental, pelo companheirismo, amizade e apoio nessa caminhada: Alessandra (minha madrinha!), pelas longas conversas ao telefone; Alik, pela amizade e paz que me ajudam; Carol, pelas músicas na serrinha de Sorocaba; Rio (a madrinha do Cris!) pelo apoio e força constante; Rita, pelas viagens juntas; Shaula (apesar da distância) pelos sorrisos e organizações; Vivian, pelas risadas mais gostosas.

À Susana por transformar em realidade alguns dos sonhos deste trabalho.

Às outras pessoas que fazem parte do projeto “Floresta e Mar”, em especial ao Pedro, pela amizade e apoio em tantos anos e à Lúcia pela força, principalmente no início do trabalho.

Ao Carlos Joly pelo apoio em todas as fases deste (e de outros) trabalhos.

Ao Marcos Sorrentino pelo incentivo desde o início deste trabalho.

Ao Marcos Aidar, pela casinha no alto da Serra.

Ao CRIA pelo apoio institucional e às pessoas do CRIA, em especial à Paula, pela amizade.

Ao Dirceu, pelas maravilhosas pinturas que me fazem sonhar a cada espiada.

À minha família, especialmente mamãe, papai, Márcia e Matheus. E à tia Cecília pelos inúmeros jantares, doces e dengos!

Aos amigos e amigas que povoam e transformam a nossa vida cada um a seu modo, em especial à Lisiê e Flavinha.

Ao Cris, com amor.

## 1. CHEGAR AO BAIRRO DA SERRA: FRAGMENTOS EM MEMÓRIAS

A primeira vez que cheguei, já tarde da noite, não entendi muito bem como a pessoa que estava dirigindo o carro o havia diferenciado no meio da paisagem para mim parecia mais o meio do caminho.

No dia seguinte de manhã “achei” o bairro dividido entre os dois lados da estrada Apiaí-Iporanga. Um bairro como tantos outros na região do Vale do Ribeira: pequeno, amontoado, com casas de alvenaria e de pau-a-pique se misturando. E foi nesse “meio do caminho” que paramos e continuamos voltando por mais quase três anos.

A escola ... nosso caminho de entrada ao bairro da Serra. Verde. É o que mais chama a atenção. Seja pela mata em volta seja pela cor dos muros, das portas. Encravada no início do bairro, à esquerda de quem chega pela estrada Iporanga – Apiaí, é uma escola muito parecida com tantas outras: muros pintados de branco com alguns grafites ainda dos “500 anos de Brasil”, portão fácil de pular que hora está aberto, hora fechado, um murmurinho constante que invade a rua e as casas da frente. Parecem duas casas unidas por um telhado, um pátio no meio com samambaias, mesas compridas com bancos também compridos. Os bastões para três bandeiras, nunca vi utilizados para colocar bandeiras, mas para servir de sobe e escorrega ... uma delícia! Dois latões enormes, amarelos em contraste com a parede verde, com faixas brancas onde está escrito “A.S.A.” pousam, fechados, do lado esquerdo de quem entra.

As salas de aula (cada professor tem a sua) são pequenas, quentes, coloridas e com poucos alunos. Característica da escola de um bairro que tem pouca gente. E como havia pouca gente, séries foram unidas nas mesmas salas com o/a mesmo/a professor/a e duas salas do primário se tornaram multisseriadas. Outra característica de escolas em bairros pequenos e rurais é que, às vezes, elas são divididas em vários prédios: o central, no bairro maior, e outros pequenos em bairros menores e mais afastados, de onde as crianças não poderiam chegar a esse prédio “central”. Há, então, uma sala multisseriada em uma escola rural vinculada, a do bairro Lajeado.

Na hora do recreio, seja de manhã, com os mais velhos, ou de tarde juntando a pré-escola e primeira à quarta, o barulho fica mais forte. Uma correria pela merenda apesar de terem tomado um café da manhã ou almoço na entrada e a certeza de um almoço ou café da tarde na saída. *“É complemento para as crianças. Aqui, ninguém passa fome”*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Fala de uma das funcionárias, responsável pela merenda da escola.

A cidade de Iporanga, fui conhecer mais tarde, pelas mãos de Lígia em visita a sua mãe. *"Adrenalina Pura. Conheça as maravilhas da natureza em Iporanga – SP, a Capital das Grutas"* diz o folheto de uma das pousadas. *"Visite essa cidade histórica rica em cavernas, rios e cachoeiras, com importantes serra e vales profundos e uma incomparável fauna e flora, declarada como Reserva da Biosfera pela UNESCO. Entre as mais de 250 grutas conhecidas nesta região destacam-se a maravilhosa Caverna de Santana, a caverna Casa de Pedra com seu pórtico de 215 metros de altura e várias outras no PETAR – Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira"*. O folheto traz, ainda, uma listagem do que se pode fazer: visitas a cavernas, passeio de bóia cross, banhos de cachoeira, passeio a cavalo, trilhas e caminhas... e lá no cantinho: *"participar das lindas festas tradicionais e religiosas"*.

Com as entrevistas para o "resgate histórico" do bairro conheci ainda mais famílias, além das histórias, das lendas, das comidas... Fui convidada para jantar num lugar, participei da arrumação final antes de um mutirão para ajudar o primo-do-irmão-do-vizinho-de ...

Conta a história, ou as pessoas que contam a história, que um casal de escravos apaixonados – Mandu e Efigênia - foi pedir licença ao dono da fazenda para casar. Esse senhor colocou um preço, claro, o peso da moça em ouro. Mandu entra em pânico: como é que ia arranjar tanto ouro? Aos prantos sem se conformar, vai andando pelo mato, entrando no sertão. A noite chega e ele acaba caindo barranco abaixo e lá adormece de tristeza e cansaço. No dia seguinte, ao amanhecer, se descobre coberto de uma fina camada dourada, seria o efeito dos raios de sol? Olhando mais atentamente percebe que é ouro e, feliz, recolhe tudo o que pode no meio das avencas desbarrancadas e volta, correndo, a levar o passaporte para sua felicidade. Mas o dono da fazenda desconfia, onde é que foi que esse escravo arrumou tanto ouro em tão pouco tempo? Morro das Avencas, disse o moço. Pois pode tratar de achá-lo novamente. E quem conseguia? Procuraram por todas as encostas, vales, ribanceiras e cavernas e não conseguiram achar o Morro das Avencas. Como castigo, o fazendeiro manda matar os dois apaixonados, e a gente fica querendo que eles tivessem vivido felizes para sempre...

Nessas entrevistas pude encontrar um pouco mais do cotidiano do Bairro, de como as pessoas se encontravam, conversavam, viviam. De suas falas, caminhos abertos para pensar a dissertação, a composição de um livro sobre o bairro com as professoras, a vida.

A família de Dona Ana e Seu João, acolhedores desde o início, curiosos e cuidadosos conosco. Fernanda, a filha mais velha, monitora ambiental e única pessoa nascida no bairro que foi presidente da organização local (a ASA – Associação Serrana Ambientalista), Fabiane que estava sempre arrumando uma desculpa para ficar meses longe dali, Fábio e a rádio comunitária (que durou pouco pois a moçada começou a interferir nos poucos telefones locais) e Fernando, o caçula, com o qual eu passava um bom tempo conversando. Uma admiração especial pela Dona Ana que voltou a estudar no meio desta pesquisa, deixava janta pronta e saía todos os dias à noite para o

Surpresa e admiração a cada nova imagem trazida pelo Dirceu e Suzana. Nada parecido com o que eu esperava, tudo cheio de significados, de possibilidade, de beleza. Sonhos transformados em imagens, aqui. Prontas, inacabadas, reais, imaginárias.

Árvores que mais parecem rizomas coloridos: não com um tronco único e central, mas ramificados e múltiplos. Criações que voltarão ao bairro para lá ficar. E mudar.

## 2. ANÚNCIO DE UM MOMENTO

Esta dissertação tem como intenção produzir uma escrita sobre o trabalho desenvolvido por mim e duas professoras que trabalham tanto na Escola Estadual "Vítor Rodrigues da Motta" como na organização não governamental do bairro, a ASA (Associação Serrana Ambientalista).

Nesta escrita pretendo buscar as diversas dimensões e desdobramentos dos movimentos produzidos no desenrolar do projeto denominado "resgate histórico-cultural do bairro da Serra" que, nessa movimentação, traz/produz/inventa/reconstitui sujeitos múltiplos em um novo contexto cultural tensionado pelas relações entre o novo - o turismo - e as tradições locais.

Este contexto é atravessado em vários momentos por uma dobra: a escola como instituição, com valores, lembranças, ausências e desejos que poderiam conferir novos sentidos e, em alguns momentos, estabilidades, em tempos da contemporaneidade marcados pela transitoriedade, pela fuga constante de pontos/eixos centralizadores e pela necessária mobilidade de posições a que os sujeitos são chamados a tomar.

Quais são, então, os movimentos deste trabalho de investigação que a escrita pode capturar e expressar?

Penso que buscamos, por meio do projeto de "resgate histórico-cultural", a construção, a invenção de novos sujeitos para o Bairro da Serra. Sujeitos que surgem na relação com o turismo, com os turistas, com as novas ordens que aparecem com esses outros, esses estranhos. Sujeitos estes, que não podem mais ter sua identificação exclusivamente por uma relação pura de classes, de dominantes e dominados, de pares de opostos, ou por eixos estruturantes da sociedade respaldados unicamente nos fatores econômicos e/ou ideológicos. Mas sujeitos que poderiam ser vistos dentro da complexidade fragmentada no que chamamos de pós-modernidade. Um movimento, portanto, de constituição, de invenção de sujeitos situados no pano de fundo da pós-modernidade.

Pano de fundo que pretendemos situar e atravessar.

Linda Hutcheon nos traz as discussões de como a pós-modernidade e o pós-modernismo têm sido cunhados nos círculos filosóficos.

*"O pós-modernismo tentar instalar e reforçar, tanto quanto, escavar e subverter, as convenções e pressupostos que parecem nos desafiar. Assim, parece razoável dizer que o intuito inicial dos pós-modernos é des-naturalizar alguns conceitos*

*dominantes de nosso modo de vida, é apontar que coisas que nós inconscientemente experienciamos como 'naturais' (que poderiam incluir, inclusive, o capitalismo, o patriarcado, o liberalismo) são, de fato, 'culturais'; feitos por nós mesmos, não dado para nós. Mesmo a natureza, do ponto de vista do pós-modernismo, não cresce em árvores”<sup>1</sup>*

Para ela, a pós-modernidade seria “a designação de um período ou ‘condição’ social e filosófica (...) envolvendo uma crítica ao humanismo e positivismo, e uma investigação da relação de ambos com nossas noções de subjetividade”. Discussão que se inicia nos debates sobre a noção de modernidade entre Jurgën Habermas e Jean-François Lyotard. “Ambos concordaram que a noção de pós-modernidade não poderia ser separada das noções de unidade e universalidade ou o que Lyotard chamou de ‘metanarrativas’. Habermas argumenta que o projeto da modernidade, baseado no conceito da racionalidade iluminista, está ainda incompleto e precisa ser finalizado”<sup>2</sup>.

Lyotard, contrariamente a esse pensamento, traz a idéia de uma modernidade liquidada pela história e pelo início da “tecnociência”, que, para ele, modificou todo o conceito de conhecimento conhecido até então. Em contrapartida, Lyotard pensa que a pós-modernidade não se caracteriza mais por uma única e totalizante narrativa, mas por narrativas pequenas e múltiplas que não buscam uma universalização ou legitimação estável.

Período ou condição social, como sugerido acima que, para David Harvey, traz uma “compressão do tempo-espaco que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural”<sup>3</sup>. Para ele, houve uma rápida mudança na forma como a sociedade e o trabalho se organizam e há dois desenvolvimentos importantes na forma como foram sendo produzidos significados para o consumo: 1. a moda em mercado de massa como meio para acelerar o consumo não somente de bens considerados não-essenciais como de estilos de vida e atividades de recreação e 2. a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços (aí incluído o lazer) efêmeros. “O ‘tempo de vida’ desses serviços (uma visita a um museu, ir a um concerto de rock ou ao cinema, assistir a palestras ou freqüentar clubes), embora difícil de estimar, é bem menor do que o

---

<sup>1</sup> Hutcheon, Linda. 2002. p. 01-2.

<sup>2</sup> Idem. p. 23.

<sup>3</sup> Harvey, David. 1998. p. 257.

*de um automóvel ou uma máquina de lavar. Como há limites para a acumulação ou o giro de bens físicos (...) faz sentido que os capitalistas se voltem para o fornecimento de serviços bastante efêmeros em termos de consumo*<sup>4</sup>.

As conseqüências dessas mudanças seriam a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, processos de trabalho, idéias, ideologias, valores e práticas e a instantaneidade e descartabilidade de tudo, incluindo os modos de ver e agir. Há uma mudança na relação com o tempo: *"com acelerações dos tempos de giro na produção, na troca e no consumo, que produz, por assim dizer, a perda de um sentido de futuro, exceto e na medida em que o futuro possa ser descontado no presente. A volatilidade e efemeridade também tornam difícil manter qualquer sentido firme de continuidade"*<sup>5</sup>.

Passa, então, a existir o que o autor chama de *"tempo parado"* onde tudo parece uma repetição incessante do presente. *"Tudo, da escritura de romances e do filosofar à experiência de trabalhar ou constituir um lar, tem de enfrentar o desafio do tempo de giro em aceleração e do rápido cancelamento de valores tradicionais e historicamente construídos"*<sup>6</sup>.

E, em contrapartida a toda essa velocidade, essa volatilidade, há a busca por valores e hábitos mais duradouros; entre esses movimentos, Harvey cita o revivalismo religioso, a explosão dos nacionalismos, *"o retorno do interesse por instituições básicas (como a família e a comunidade) e a busca de raízes históricas"*<sup>7</sup>. Numa sociedade do descarte, é cada vez maior a busca por valores e situações que possam produzir uma noção de verdade.

Há, na necessidade vista pelas professoras para fazer este trabalho, essa busca por valores e hábitos que possam ser situados como característicos do lugar, do bairro. Formas de pensar e agir, conhecimentos existentes, relações entre as pessoas. E, nesse caminhar, podemos destacar o trabalho de montar as árvores genealógicas das famílias e, com isso, localizar algo que seja de origem, de essência, de início das culturas locais. Uma busca pela criação de laços de família e de origem com a construção dessas árvores genealógicas.

Além disso, este é um movimento que traz em si uma reação e uma aceitação ao exterior (o turismo). Podemos pensar aqui no turismo como o externo, o estranho, o outro. Há uma busca pela diferenciação com relação a esse outro, uma diferenciação que podemos pensar

---

<sup>4</sup> Idem, p. 258.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 263.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 263.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 263.

como uma reação a ele e uma aceitação dele. Não apenas uma aceitação nem apenas uma reação, mas um movimento que está entre essas duas situações.

Poderíamos pensar nesta necessidade de se buscar a história do bairro como uma forma de mercantilização da história e costumes locais, como sugere David Harvey:

*"Na melhor das hipóteses, a tradição histórica é reorganizada como uma cultura de museu, não necessariamente de alta arte modernista, mas de história local, de produção local, do modo como as coisas um dia foram feitas, vendidas, consumidas e integradas numa vida cotidiana há muito perdida e freqüentemente romantizada (vida de que todos os vestígios relações sociais opressivas podem ser expurgados). Por meio de uma apresentação de um passado parcialmente ilusório, torna-se possível dar alguma significação à identidade local, talvez com algum lucro" <sup>8</sup>*

Mas, aqui, vamos atravessar nosso pano de fundo procurando outros caminhos que nos levem a outros pensamentos. Queremos achar outras brechas, outros espaços e entremeios nestas afirmações. A procura por realizar um trabalho que leva em conta, sim, a necessidade de emprego e de dinheiro das pessoas que ali moram, mas que não se limita a isso. Queremos pensar neste trabalho como uma busca pela criação de possibilidades de identificação dos sujeitos com seu local, com sua história, um movimento de criação de novos sujeitos para o bairro da Serra. Um movimento que traz desejos de nova vida, opções políticas e sonhos.

O objetivo desta dissertação é mostrar esse movimento que quer trazer esses sujeitos. E, seguindo esse movimento, nos deparamos com duas questões: como essa busca por novos sujeitos foi pensada e realizada? Quem são esses sujeitos?

Antes disso, porém, na quarta parte deste trabalho (*Uma conversa para começar*), procuro apresentar, por meio de um diálogo com outro diálogo – uma escrita em conjunto com a transcrição de uma entrevista à professora Cecília – o bairro, a escola, o PETAR, as modificações que vêm ocorrendo no bairro nos últimos anos. O que poderíamos chamar de pano de fundo do desenvolvimento do projeto de "resgate histórico-cultural". Muitos são os fios que se abrem dessa conversa, alguns que serão puxados posteriormente e outros que serão deixados assim desfiados. Escolhas que fizemos no processo de pesquisa e escrita.

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 273.

Desses momentos podemos destacar três formas por meio das quais o trabalho foi realizado: uma tentativa de sistematização da história, a busca por uma origem por meio das árvores genealógicas e a busca de um local de transmissão e validação dos conhecimentos produzidos, que foi a escola.

E como os fragmentos e as entrevistas buscadas vão sendo constituídos pelas professoras para se pensar novos sentidos para o lugar, novas formas de vida para as pessoas do bairro?

Relações criadas, não apenas entre as professoras e eu, mas também - e nisto gostaria de me deter - entre nós e as pessoas escolhidas para entrevistar, para conversar: as histórias escolhidas para serem "resgatadas". Para o caminhar deste pensamento podemos conversar com algumas passagens do texto "*Poder e diálogo na etnografia: a iniciação de Marcel Griaule*" de James Clifford. Neste texto, o autor nos aproxima de seus pensamentos a respeito da construção das pesquisas do antropólogo citado no título. Para ele, essas pesquisas "*são invenções elaboradas de autoria de uma variedade de sujeitos – europeus e africanos*"<sup>9</sup>, as situações registradas, os pensamentos resultantes, os textos elaborados não são apenas a visão dos que faziam as perguntas e anotavam as respostas, mas trazem, em seu interior, aquilo que os entrevistados, as pessoas escolhidas para dar sua contribuição, acham importante de ser registrado, contado e, no nosso caso, o que deve ser passado às próximas gerações como característico do bairro. "*Para Griaule cada auto-representação do informante (assim como a do etnógrafo) era uma dramatização, uma exposição de certas verdades e a omissão de outras (...) o etnógrafo [aqui, podemos acrescentar também o informante] faz desfilar pela sua face uma coleção de máscaras tão rica quanto aquela de posse de qualquer museu*"<sup>10</sup>.

As respostas a quem são os sujeitos buscados por esse trabalho vêm por meio de vários desdobramentos: as árvores genealógicas, a exterioridade (PETAR e turismo), a procura pelo essencial.

Esses movimentos trazem, a meu ver, no lugar do encontro de um sujeito ideal e fixo, mais desdobramentos que vêm com esses sujeitos. Não é uma síntese, nem um movimento dialético entre pares de opostos que possa resolver um conflito, mas um conflito que fica pulsante. "*A ex-posição da diferença exige que se evite simplesmente neutralizar as oposições binárias típicas da metafísica (do tipo*

---

<sup>9</sup> Clifford, James. 2002. p. 185.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 185 e 205.

*identidade/diferença, sujeito/objeto, inteligível/sensível, dentro/fora etc.). Buscar a simples dissolução das dicotomias é continuar a confirmar o sistema fechado onde as oposições aparecem”<sup>11</sup>.*

Há um clamor por um “ser” que se quer que seja visto, que apareça com força para poder se colocar diante do externo – o turismo.

É possível, e necessário, deixar os desdobramentos aparecerem e se fortalecerem, as incongruências, as diferenças, a multiplicidade que surge nesse movimento. Essa é a riqueza do movimento.

*“Não se trata de conciliar os lados da dobra. É preciso lidar com a dobra e com o que, na dobra, forma uma simples, mas irrecusável incompatibilidade. A configuração contemporânea dá a medida, ou a desmedida, de uma incompatibilidade aberta do pensamento consigo mesmo (à diferença de outros momentos em que a atualidade estava na resolução, na síntese, na organicidade)”<sup>12</sup>*

A escolha do que deve ou não ser dito, do que é bom ou não ser lembrado, os desdobramentos que aparecem, as diferenças, as incompatibilidades são escolhas políticas. Escolhas políticas de pessoas. Pessoas diferentes, com desejos, sonhos e necessidades diferentes. Sentidos que são construídos pelas pessoas, com suas diferenças.

*“De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão da ‘identidade mestra’ da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais (...) Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença”<sup>13</sup>*

---

<sup>11</sup> Oliveira, Roberto Chaves Feitosa de. 2001. p. 226.

<sup>12</sup> Nancy; Jean Luc. 2000, p. 113.

<sup>13</sup> Hall, Stuart. 2000. p. 21.

Alik Wunder, em sua narrativa sobre as relações construídas entre Monitores Ambientais e professores na escola de Barra do Ribeira, em Iguape (SP), busca entender a diferença como uma fértil possibilidade de interação entre as pessoas, e procura pensar sobre as identidades construídas a partir das relações marcadas por diferenças. Identidades que vão sendo construídas e desfeitas nos processos de reconhecimento de semelhanças e diferenciações em cada acontecimento vivido, marcadas pelas contingências dos encontros. Movimentos de aproximação e distanciamento a partir de imagens de si e do outro. Do que quer de si, do que representa o outro.

*“[os monitores ambientais] por vezes querem ver-se próximos daquele professor que ocupa um lugar definido de respeito na comunidade e que representa o modelo a ser seguido, a responsabilidade, o conhecimento acadêmico (...) Mas por outra perspectiva pode-se ver na fala de Miguel uma demarcação da diferença entre o professor e o monitor, quanto à natureza dos saberes (...) Ao aproximarem-se e diferenciarem-se destas diversas imagens de professores trazidas em suas narrativas os monitores parecem buscar suas posições como educadores”<sup>14</sup>.*

Saberes errantes e identidades errantes. Construídas, inventadas.

É sobre o processo de invenção de sujeitos, de identidades que tratamos na quinta parte deste texto (*Tempo de lembrar*). Iniciamos com uma discussão sobre o processo de “resgate”, o lembrar e relembrar e, com isso, inventar os sujeitos e as histórias que se quer para o bairro. Procurar momentos, espaços, tempos passíveis de identificação pelas pessoas que ali moram, uma alquimia entre o novo e o antigo, entre o que é o conhecido e o estranho.

Um processo de construção de uma linha de fuga da história oficial, dos que colocam o Vale do Ribeira como um bloco único, homogêneo “*às margens dos grandes ciclos de desenvolvimento econômico do país*”. Às margens, ao lado, atrás. Dos que de lá saem procurando sentidos, identidades, identificações em outros lugares. Uma linha de fuga ... “*Fugir, mas fugindo, procurar uma arma*”<sup>15</sup>. É uma busca por achar esses sentidos ali mesmo, mesmo que num passado distante – ou nem tanto – numa “tradição secular” revista para o momento atual. Buscar outros territórios de sonhos, de possibilidades, de futuro. Ou “*devir presente*”<sup>16</sup> ?

---

<sup>14</sup> Wunder, Alik. 2002. p. 135-49.

<sup>15</sup> Deleuze, Gilles e Parnet, Claire. 1998. p. 158.

<sup>16</sup> Idem. p. 33.

Territórios e sonhos que são construídos e reconstruídos nas tensões existentes nessas relações, um pouco do que Michel Maffesoli nos traz com a idéia de enraizamento dinâmico:

*"Eis precisamente o problema que a errância traz consigo, a fuga é necessária, ela exprime uma nostalgia, ela lembra a fundação. Mas, porque tem um sentido, é preciso que essa fuga se opere a partir de alguma coisa estável. Para ultrapassar o limite, é preciso que ele exista. Assim, antes de pensar um dos termos da dialética de modo separado, é indispensável encará-lo em sua globalidade. Para descrever isso é que propus falar de um 'enraizamento dinâmico'. Trata-se no caso de uma bipolaridade, especificando da melhor forma o antagonismo paradoxal de toda existência. Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir deste lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente (...) O espaço é como um fogo que anima, aquece na caminhada, também reconhece o percurso, por isso mesmo designa um alhures, um outro lugar. O limite só pode ser compreendido em função da errância, como esta tem necessidade daquele para ser significante" <sup>17</sup>.*

Nesse processo de busca de sujeitos, de identidades e identificações há também iniciativa de construção de uma cultura local, uma cultura que vai sendo modificada na relação com o turismo, com o PETAR.

*"Cultura' pode ser o nome do meio onde se produzem discursos, elaboram-se repertórios através, por exemplo, de palavras, e uma das mais fortes no Ocidente é justamente 'cultura' (...) O contexto de definição de 'cultura' será sempre a própria cultura, e essa via estreita não tem saída simples (...) A definição de cultura vê-se logo inviabilizada, corroída, jamais se dando de forma neutra, transparente ou exterior (...) A palavra cultura deverá designar cada vez menos o lugar de uma identidade significativa, coincidente ou não com uma unidade geopolítica. A esse valor redutor de cultura pode se sobrepor*

---

<sup>17</sup> Maffesoli, Michel. 2001. p. 79-83.

*um outro, descolonizador e não regionalizante. Corroída em suas estruturas metafísicas, cultura poderá assumir o valor forte de ponto de partida ou área de atuação cuja prova de fogo está na dependência de deixar vir o outro (...) As culturas interessantes serão aquelas capazes de assimilar cordeiros e dar-lhes vozes, empostá-las e com isso alterificar-se, (outrar-se, profere lindamente Pessoa nas 'Ficções do Interlúdio') em permanência, num ventriloquismo intenso”<sup>18</sup>.*

Isso nos traz uma nova pergunta: quem cabe nessa cultura? E, nesse movimento, o projeto de “resgate” quer trazer elementos da cultura local, da tradição, do antigo, para compor esse novo que chega. *“Decididamente mundializante, essa cultura cosmopolita pode um dia se confundir num grande mapa geral, mas ao contrário do processo em curso ela deverá se fazer não pelo apagamento das diferenças e sim pelo relevo dado a cada uma de suas regiões, a toda nuance ou colatura do tecido”<sup>19</sup>.*

Uma característica marcante do trabalho foi a procura de como organizá-lo, como fazê-lo mais visível. Três foram os caminhos buscados para isso: por meio das conversas, entrevistas e lembranças, pela sistematização e escrita dessas histórias apreendidas nas conversas e a pela busca da entrada dessas produções nos conhecimentos escolares.

Imaginamos que essas formas e lugares que buscamos para organizar o trabalho – e vamos pensar, aqui, mais propriamente na escola, tema que desenvolvemos na parte 6 (*Onde é mesmo que era a escola?*) – são locais de solturas e amarras. Por isso não poderíamos ficar apenas na escola, sob o perigo de nos amarrarmos a estruturas fixas que exigiriam uma fixidez do trabalho. A mutabilidade necessária à proposta de trabalho seria dificilmente encontrada na escola. Por isso, também, não poderíamos deixar de perpassá-la, sob o perigo, então, de nos amarrarmos a outras estruturas e de não nos deixarmos também perpassar pelas solturas da escola, pelas suas cores. A escola poderia “validar” nossa proposta, nossa história encontrada, inventada, com suas cores características.

Há uma tendência, muitas vezes, em não vermos as cores possíveis da escola. Escolho para trazer aqui um trecho do texto de Alik Wunder (em seu trabalho na Barra do Ribeira, município de Iguape) que me fez pensar sobre o que deixamos de ver em espaços aos quais já chegamos com amarras, com filtros de cor.

---

<sup>18</sup> Nascimento, Evandro. 2000. p. 10-9.

<sup>19</sup> *Idem*. p. 19-20.

*"No entanto, reconheço que este meu primeiro olhar figurou uma escola opaca, surda e cega a tudo o que ocorre no seu entorno e dentro dela. Do mesmo modo que entrei na escola da Barra pelo que lhe é externo, o projeto de educação ambiental dos monitores, percebo que a princípio também olho para ela assim. Não pelo fato de ser simplesmente alguém de fora, o que, a meu ver, já confere este olhar estrangeiro, mas pela maneira como me identifiquei com os monitores ambientais. Esta identificação se deu principalmente devido ao meu breve histórico como educadora em atividades de extensão comunitária ter sido marcada mais fortemente por trabalhos de educação não formal. Via, assim, a escola cinza e um colorido de fora, do mundo vivo, da experiência, da comunidade, da AMAI [Associação dos Monitores Ambientais de Iguape], que potencialmente poderia transformá-la. Ao enxergar as cores da AMAI, ofusquei-me com seus tons e talvez não tenha visto alguns mais sutis do cotidiano escolar"*<sup>20</sup>

Na busca múltipla de como fazer o trabalho, o que é capturado e o que é incapturável? Quais as cores da escola que não conseguimos capturar nesse caminhar? E quais as que nos perpassaram? E com quais cores pudemos manchá-la?

A escola não quis participar do processo que nós inventamos mas ela nunca foi esquecida. Mesmo após diversos entraves colocados e de grande parte das entrevistas já realizadas em outros espaços e tempos, a "Ciranda de Senhoras" (reunião de cinco senhoras para contar sobre suas vidas e histórias) aconteceu na escola. Essa não participação voltava sempre como uma dúvida, uma incompreensão: por que não? E novamente, uma tentativa de volta aos seus espaços e tempos.

Sempre um retorno como um lugar de melodia e refrão da nossa ciranda.

A sistematização e escrita da história (ou das histórias) do bairro foi um desejo sempre muito forte das professoras. Um processo que pensamos como o de produção de uma narrativa que recolha as histórias não oficiais sobre o bairro, a região, como salientamos na sétima parte (*Sistematização e escrita*). Um passado que, embora tenha sua existência empírica, só é significado no presente por sua passagem aos textos. Uma tentativa de fixação deste passado para que ela possa atravessar um tempo mais longo sem modificações, embora essa fixação seja impossibilitada pela capacidade de movimento das palavras.

---

<sup>20</sup> Wunder, Alik. 2002. p. 48.

Escolhemos, então, a narrativa como forma de escrita, tentando trazer, por meio dela, os sujeitos múltiplos criados/inventados para o bairro. A escolha da narrativa como forma de interpenetração pelas linguagens pode criar alternativas de escrita que se submetam menos às ordenações e organizações por “conceitos” ou “luzes concentradas”. Uma escrita que permita espaços de criação e de invenção, que permita, ao leitor, visitar os textos como se visita a um lugar, podendo passar por diversas entradas, caminhos e saídas.

Movimento que também é possível de se fazer nas imagens criadas pelo artista Dirceu Marins para as árvores genealógicas das famílias do bairro. A criação dessas “árvores” foi também parte desta necessidade de sistematização dos trabalhos.

Neste momento da escrita nos permitimos uma dobra. Dobra com os pensamentos de Rosa Maria Hessel Silveira a respeito dos momentos de entrevistas. Momentos marcados pela interação entre entrevistadores/as – entrevistados/as, pela construção *conjunta* de respostas e de pensamentos, pela criação *conjunta* de uma multiplicidade de histórias e interpretações. Momentos marcadamente *conjuntos*.

E é desses momentos conjuntos, das criações surgidas nessas interações que trazemos pequenos trechos (re)inventados de histórias do bairro da Serra (parte 8 – *Várias histórias para cirandar*). Trechos que nos ajudarão a explicitar os desdobramentos e multiplicidades dos sujeitos criados/produzidos/revividos para o bairro da Serra nesse projeto de “resgate histórico-cultural”.

Histórias que nos convidam a alçar vôos para outros lugares, outros tempos, outras histórias.

Centésima Vigésima Segunda Noite

- Mas, Senhor – acrescentou Scherazade, notando que o dia estava a despontar – por mais agradável que seja a história que acabei de vos contar, sei outra que é muito mais. Se desejares ouvi-la amanhã de noite, estou certa de que vos agradaará.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Tahan, Malba. 2000. p. 237.

### 3. UM TRABALHO FEITO EM GRUPO

*"A aranha tece puxando fio da teia  
A ciência da abelha, da aranha e a minha  
Muita gente desconhece"<sup>1</sup>*

Este trabalho foi desenvolvido em grupo. No bairro da Serra, com as professoras, em Campinas um grupo de pesquisadoras em Educação Ambiental do projeto temático Floresta e Mar.

O projeto temático "Floresta e Mar: Usos e Conflitos no Vale do Ribeira e Litoral Sul, SP" (processo FAPESP no.14514-1) foi desenvolvido por pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) da Unicamp, coordenados pelas Profas. Dras. Lúcia da Costa Ferreira e Alpina Begossi entre 1999 e 2002. Neste projeto, pretendíamos estudar os usos de recursos naturais e conflitos devido às restrições impostas pela legislação ambiental nas comunidades de interior e entorno de três Unidades de Conservação <sup>2</sup> (U.C.s) do Vale do Ribeira e Litoral Sul de São Paulo: PETAR, Área de Proteção Ambiental de Cananéia, Iguape e Ilha Comprida (APA-CIP) e Estação Ecológica da Juréia-Itatins (EEJI). As equipes envolvidas dividiram-se para o trabalho com três grandes temáticas: sobre os conflitos relacionados à implantação das U.C.s especificadas acima, os diferentes usos dos recursos naturais disponíveis na região e as "Intervenções e Educação Ambiental", o grupo de EA. Neste grupo propomos o desenvolvimento coletivo de discussões e de ações. As discussões desse coletivo foram a base para o desenvolvimento de grande parte do trabalho e, principalmente, da noção de Educação Ambiental utilizada aqui, noção esta construída coletivamente e na relação entre nossas discussões de textos, livros, artigos, teses e nossas idas e vindas ao Vale do Ribeira.

Sinto-me à vontade para usar, portanto, trechos de nossas publicações para explicitar esta noção de Educação Ambiental e como o trabalho foi desenvolvido.

---

<sup>1</sup> Trecho da música "Nas asas do vento" de João do Vale e Luiz Vieira.

<sup>2</sup> "Unidades de Conservação" (U. C. s) são as áreas designadas pelo Estado para a preservação ambiental. São divididas em "Unidades de Proteção Integral" (permitem apenas o uso indireto dos recursos naturais: pesquisa com autorização prévia dos órgãos administradores em todas elas e visitação pública controlada nos Parques e Monumentos Naturais) e "Unidades de Uso Sustentável" (permitem "um certo grau de" ocupação humana, pesquisa, turismo e retirada controlada de recursos naturais) – Fonte: Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

"A trama da rede", "Entre Asas de Histórias", "Encontro de saberes"... em nosso grupo usamos tantas imagens que sugerem o tecer, o encontro. Tramas, teias, teares... Em um dos painéis que fizemos para que uma de nós pudesse apresentar o trabalho do grupo <sup>3</sup>, utilizamos uma teia de aranha com gotas de água como fundo. Imagens de nossos trabalhos nas gotas, textos nos espaços entre os fios da teia e as gotas.

Meu *devoir-bióloga* foi procurar alguma espécie de aranha que vivesse em comunidade <sup>4</sup>. Chamam-nas de "aranhas sociais". Vivem em cachos durante o dia, uma do lado da outra formando grandes uvas amarelas. De noite, cada uma tece sua teia unindo-a com a das outras e formando uma nova e grande teia que, dizem, fica nos espaços entre diversas copas de árvores. As presas ali se emaranham e acabam divididas entre as aranhas. Amanhecendo, cada uma recolhe sua pequena teia e volta ao cacho...

Olhando a teia, as gotas, os espaços entre os fios... os textos falando sobre o grupo nesses espaços entre... falando sobre nós: quem somos, o que fazemos, como fazemos. Atos, pensamentos e reflexões posteriores, organizadas, sistematizadas. Mas o que somos? Como fomos sendo? O que fazemos? Como fomos fazendo? Somos/fomos/fazemos/fizemos no entre: entremeio, entre lugar, interstício... no devir de mais do que um, podendo estar sendo dois, três, dez... No tecido e no tecer dos espaços de trabalho sejam eles na Academia, sejam no Vale do Ribeira.

E para que esses espaços pudessem ser tecidos coletivamente, procuramos construir diferentes teias interligadas - projetos e propostas de atuação - de acordo com as características, pessoas, grupos e possibilidades que encontramos em cada localidade. Para isso, utilizamos uma metodologia de pesquisa que envolveu um extenso trabalho de levantamento de dados "sobre lideranças formais, não formais e potenciais, associações locais, organizações não governamentais e órgãos públicos que vêm desenvolvendo trabalhos ligados à temática sócio-ambiental na região"<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Trabalho resultante da pesquisa de doutoramento de Maria Rita Avanzi (coordenadora da temática "Intervenções e Educação Ambiental") apresentado na Reunião Anual da ANPED-Sudeste de 2002.

<sup>4</sup> Agradeço aqui, as gentis respostas de Eduardo Wienkovisk às minhas curiosidades sobre as aranhas.

<sup>5</sup> Maria Rita Avanzi, *et al* (1999) p. 156. "Estão sendo chamados de líderes formais os representantes de grupos de interesse locais, tais como: escolas, instituições religiosas, associações de moradores, ONGs, etc. Líderes não formais são aqueles que não necessariamente pertencem a alguma organização, mas são referências para indivíduos ou grupos no momento de tomadas de decisões. Já os líderes potenciais são aqueles que começam a despontar como representantes e/ou referências para a comunidade. Para um esclarecimento sobre o conceito de grupos de interesse, cf. ISER, 1996"

Com esse trabalho de levantamento e a relação com pesquisadores das outras equipes do Projeto "Floresta & Mar" pudemos nos aprofundar sobre os problemas que surgem com a implantação das U.C.s na região e tivemos contato com o conflito existente entre conservação ambiental e qualidade de vida. Deste contato começamos a pensar nosso trabalho:

*"Caminhar pela zona rural no Vale do Ribeira é estar de frente para este ponto nodal, em que se depara com comunidades que vivem em situação precária no que diz respeito à infra-estrutura e serviços básicos, como saúde e educação, imersas numa mata exuberante e rica do ponto de vista ecológico. Não se trata de engrossar as vozes de um discurso que por décadas tem objetivado a negação da problemática ambiental. Pelo contrário, o propósito é desenvolver um trabalho com estas comunidades, que compreenda conservação ambiental e direitos sociais como objetivos complementares e que, neste sentido, procure outras alternativas de desenvolvimento.*

*O trabalho vem sendo desenvolvido por um grupo constituído por pesquisadoras de diferentes áreas acadêmicas que desenvolvem projetos de pesquisa e intervenção educativa junto a organizações comunitárias, escolas e comunidades do Vale do Ribeira tendo como princípios comuns:*

- *o reconhecimento do papel ativo do sujeito no processo do conhecimento;*
- *a preocupação com a democratização de saberes (científico e popular);*
- *a relação entre teoria e prática no processo do conhecimento"*<sup>6</sup>.

Espaços e projetos que surgiram da mistura entre sensibilidades, vontades, desejos, cobranças internas e externas, cursos e busca por algumas definições. Mas, e a "Educação Ambiental"? De que Educação Ambiental estamos falando?

Sentimos a necessidade de nos diferenciar de práticas que encontramos na região como a de alguns projetos de EA nos quais nos chamou a atenção a falta de discussão política, como se para pensar Educação Ambiental não fosse necessário incluir posicionamentos políticos e discussões ligadas aos problemas e conflitos das pessoas envolvidas. Procuramos, então, desenvolver nossas propostas de trabalho a partir da seguinte idéia:

---

<sup>6</sup> Costa Pinto, Alessandra; *et all.* 2001.

*"Partimos do pressuposto de que a educação ambiental está imbuída de um conteúdo político e de que a ação educativa situa-se numa ampla e complexa relação de conflitos histórica, social e culturalmente condicionados. Desta forma, compreendemos que para que este pressuposto seja internalizado à prática é necessário trabalhar sob a perspectiva da "pedagogia da demanda", que visa desencadear um processo gestor de iniciativas, propostas e soluções (GUTIÉRREZ & PRADO, 1999: 50). Segundo estes autores, o sentido do processo nasce do acontecer dinâmico, dos problemas percebidos na cotidianidade e da busca de solução [...] Com base nestas reflexões, procuramos direcionar nossas diferentes atuações educativas neste trabalho no sentido de "contribuir para a conservação da biodiversidade, para a auto-realização individual e comunitária e para a auto-gestão política e econômica, através de processos educativos que promovam a melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida" (SORRENTINO, 1998: 193). Entendemos que este objetivo se aproxima daqueles da educação popular comunitária, fundamentada no reconhecimento da diversidade cultural, no desenvolvimento da autonomia das pessoas, grupos e instituições e na promoção da cidadania. Seu motor é a melhoria da qualidade de vida, partindo do princípio que nos educamos na medida em que participamos ativamente dos processos sociais e sobre eles refletimos coletivamente. A educação popular compreende o momento de reflexão comunitária sobre a própria prática como culminante e desencadeador do processo educativo (GADOTTI & GUTIÉRREZ, 1993; GUTIÉRREZ PEREZ, 1994)"<sup>7</sup>.*

Com essas idéias em mente, trabalhamos buscando contribuições para pensar uma Educação Ambiental para o Vale do Ribeira, ou seja, uma Educação Ambiental que guarde as características e peculiaridades da região e que leve em conta sua pluralidade cultural. E guarde, também, as especificidades de cada local e as especificidades de cada pesquisadora.

Procuramos, então, a construção conjunta de soluções com os moradores locais, a discussão das formas de Educação Ambiental existentes na região e o repensar da forma como os diferentes conhecimentos são tratados, procurando trabalhar com uma relação não hierárquica entre conhecimentos. Novas teias a se unirem às que já estavam sendo produzidas.

---

<sup>7</sup> Costa Pinto, Alessandra; *et al.* 2001.

Isso foi feito guardando-se as diferenças, as demandas existentes e os trabalhos já em andamento com os quais tivemos contato em cada localidade o que gerou propostas muito diferentes de atuação e pesquisa dentro do grupo e que descrevo brevemente abaixo:

1. em Ilha Comprida, com a comunidade de Pedrinhas, foi desenvolvido por Alessandra Buonavoglia Costa-Pinto <sup>8</sup>, um trabalho de retomada de práticas coletivas de agricultura, e com a Associação de Extratores de Plantas Nativas, Vivian Gladys de Oliveira<sup>9</sup> realizou uma reflexão sobre as possibilidades de participação das comunidades locais nos planos de manejo das U.C.s;
2. em Iguape, na comunidade de Barra do Ribeira, houve busca por estreitar o relacionamento da Associação de Monitores Ambientais de Iguape e os professores da escola onde desenvolvem um trabalho de EA com as crianças e adolescentes, cujas análises e leituras interpretativas fazem parte da dissertação de Mestrado de Alik Wunder <sup>10</sup>; também uma reflexão, realizada por Caroline Ladeira de Oliveira <sup>11</sup>, sobre o aprendizado político desses jovens (os monitores) nessa prática de EA;
3. em Iporanga, no bairro da Serra, houve/há o presente projeto.

Além disso, houve uma reflexão, de Rita de Cássia Nonato<sup>12</sup>, sobre as concepções e práticas "oficiais" de EA nas U.C.s, isto é, os pensamentos sobre EA das direções do PETAR e da Juréia; e um projeto no qual se está refletindo sobre o nosso grupo, nossas práticas e nossa forma de construção coletiva, de Maria Rita Avanzi <sup>13</sup>.

Essa multiplicidade de espaços e instituições onde os trabalhos são desenvolvidos traz também a nossa opinião (em diálogo com Dayrell <sup>14</sup>) de que todos os espaços são potencialmente educativos:

*"(...) [trabalhamos em diferentes espaços] organizações comunitárias, escolas e comunidades - do interior e entorno de Unidades de Conservação daquela região [o Vale do Ribeira] e, a partir de suas especificidades e idiosincrasias, buscam contribuir para a construção de uma proposta de Educação Ambiental em que se reconhece o papel ativo do sujeito no processo do*

---

<sup>8</sup> Costa-Pinto, Alessandra Buonavoglia. 2002.

<sup>9</sup> Oliveria, Vivian Gladys, 2002.

<sup>10</sup> Wunder, Alik, 2002.

<sup>11</sup> Oliveria, Caroline Ladeira, 2001.

<sup>12</sup> Nonato, Rita de Cássia e Avanzi, Maria Rita

<sup>13</sup> Avanzi, Maria Rita. 2002 (*no prelo*)

<sup>14</sup> Dayrell, J. 1996.

*conhecimento. Trata-se, portanto, de uma proposta que visa valorizar as diferentes formas de saber (científico, popular e outros), buscando compreender de que maneira os conhecimentos produzidos nestes diferentes espaços podem contribuir com novos olhares para a discussão sobre sustentabilidade”<sup>15</sup>.*

*“Nossa prática configura-se, portanto, como uma rede tecida por diferentes sujeitos - universitários e moradores do Vale do Ribeira - de maneira dinâmica e complexa, prevendo como produto contribuir para que avancemos tanto na prática social quanto na teoria. A constituição deste trabalho vem também contribuir para a formação de um espaço dentro da universidade que comporte pesquisa, ensino e extensão como ações complementares, buscando uma proposta de universidade condizente com a realidade brasileira e auxiliando no debate a respeito da responsabilidade social da universidade: **para que e para quem estamos fazendo ciência?**”<sup>16</sup>.*

Nosso grupo constitui-se, a meu ver, como um importante espaço para as reflexões teóricas e como um ponto de apoio para as escolhas dos caminhos das pesquisas e das atuações no Vale do Ribeira. Como já foi dito, em nossa proposta, o trabalho com metodologias participativas e a produção coletiva de conhecimento sempre foram pontos de partida, seja com os grupos formados no Vale do Ribeira, seja dentro do próprio grupo de EA.

Podemos pensar nas metodologias participativas de pesquisa como uma possibilidade de fazer emergir novas narrativas, de propor um novo caminho de produção de saberes que *“subvertam os discursos hegemônicos (...) narrativas que contêm histórias de novos sujeitos e novas histórias que desinstalem as velhas identidades de suas privilegiadas posições de referência e normalidade”*<sup>17</sup>. As produções narrativas coletivas partindo da conexão de diferenças podem construir *“a autodefinição de identidades comuns e quebrar o silêncio imposto por sistemas discursivos essencialistas e excludentes”* sejam eles da academia (com relação às pesquisadoras do grupo de EA) ou de parte do movimento ambientalista (com relação às comunidades do Vale do Ribeira)<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> Maria Rita Avanzi, *et all.* 2001.

<sup>16</sup> Costa Pinto, Alessandra; *et all.* 2001. [grifos dos autores]

<sup>17</sup> Costa, Marisa Vorraber, 2002: 115.

<sup>18</sup> *Ibidem.* p. 114.

Singularidades... dos espaços, das pessoas envolvidas, das situações encontradas e criadas. Singularidades confundidas e misturadas. Momentos de recolher sua teia e depois de novamente juntá-la às outras.

*"Nos mergulhos individuais, cada pesquisadora tem seu projeto - iniciação científica, mestrado ou doutorado - com seu questionamento próprio e com as reflexões e aprofundamento teóricos que lhe dão sustento. Estes projetos, a partir de seu acontecer dinâmico, alimentam os questionamentos do grupo de pesquisa e embasam as reflexões teóricas do mesmo nos encontros chamados de "orientação coletiva"”<sup>19</sup>*

Tão parecidas e tão diferentes que por vezes estávamos em pontos da teia aparentemente distantes que nos levavam a buscar por onde começamos a tecer para traçar os caminhos seguidos e buscar as pontas de união. E buscar as relações não só entre pressupostos teóricos mas também com os trabalhos desenvolvidos em conjunto com as pessoas no Vale.

As nossas singularidades misturadas também às daqueles com os quais nos envolvemos nesses quatro anos de trabalho.

Sempre com um pouco do outro. O devir. Pesquisadoras e grupos em devir ... devir-pesquisadora e devir-grupo. Não mais os mesmos, também não somente o outro. Mas si mesmo entremeado no/com o outro.

Podemos dizer que esse trabalho e essa busca foram construídos nos *interstícios* da academia, em um espaço que tivemos que buscar, que ocupar, ou deixar. Um espaço de liberdade: liberdade de ser, de mudar, de criar e de deixar. A despeito, porém em diálogo, com métodos e modelos que buscamos e que chegaram a nós.

Gosto de pensar no grupo de EA como um espaço de nomadismo... um espaço livre para "*experimentação, ou busca ou transição*" . Devir... não ser mais eu nem outro mas devir-eu e devir-outro, reinventar a si e ao outro, fazer-se em relação. A procura por identidades nômades do estar sendo pesquisadora, em construção, em mudança, em contradição, em descontinuidade "*trabalhando as incertezas não como derrotas mas como traços constitutivos do ser*"<sup>20</sup>. Uma tessitura nômade, que se ajusta ao espaço existente, se abre, se move, desliza<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Costa Pinto, Alessandra; *et all.* 2001.

<sup>20</sup> Swain, Lúgia Navarro. 2002. p. 338-9

<sup>21</sup> Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. 1997. p. 181.

*"Numa identidade em construção que não visa um desenho final,  
o que importa é o movimento" <sup>22</sup> .*

E a esse movimento do grupo de EA na Unicamp soma-se o movimento da formação e trabalho do grupo no Bairro da Serra. Novas teias que se intercalaram, que se misturaram, que inovaram.

O primeiro contato com o Bairro da Serra e a escola "Vítor Rodrigues da Motta" foi em 1999, quando acompanhamos um dos integrantes do Projeto "Floresta & Mar" que trabalhava no bairro buscando compreender as mudanças decorrentes da implantação do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) no local. Um "olhar distraído" <sup>23</sup> , quando procuramos conhecer os/as professores/as da escola, a diretoria da associação de bairro (Associação Serrana Ambientalista - ASA), alguns monitores ambientais, as pessoas ligadas à Prefeitura e/ou ao Estado.

A partir desse contato e de conversas com os outros integrantes do "Floresta & Mar" que trabalhavam no local, pensamos em constituir um grupo de estudos de professores e de representantes da ASA e promover uma análise da relação ASA-escola, bem como estudar temáticas ligadas aos problemas locais, a serem escolhidas conjuntamente no grupo.

Os objetivos propostos nesse momento eram: *"estimular a reflexão e a auto-avaliação da parceria entre uma ONG ambientalista e uma escola do Vale do Ribeira, tentando contribuir para o aprimoramento das práticas e do diálogo entre as partes; analisar como as questões ambientais vêm sendo tratadas na escola e como essa ONG pode interferir ou com está interferindo no cotidiano da escola e na formação dos professores com relação a isso e; analisar como essa parceria foi montada, como ela é vista pelos participantes da ONG, da escola e da comunidade e até que ponto essa parceria está contribuindo para a resolução de conflitos e para o entendimento da problemática ambiental"* <sup>24</sup> .

---

<sup>22</sup> Swain, Lígia Navarro. 2002. p. 341

<sup>23</sup> Chamamos de "olhar distraído" esse momento de simplesmente estar no local e procurar conhecer as pessoas, os lugares, as iniciativas sem estar procurando alguma específica, mas sentindo e observando tudo à nossa volta.

<sup>24</sup> Projeto de pesquisa apresentado no início de 2000, quando ingressei no Mestrado.

Essa idéia foi se modificando no decorrer do trabalho a partir de um contato maior com as pessoas envolvidas. As viagens nos permitiram conhecer melhor o bairro e seus problemas e, principalmente, a ASA, a escola, professores/as e direção. As especificidades de cada espaço, das pessoas, das relações entre elas.

Assim como no grupo de EA, já explicado anteriormente, essa possibilidade de modificações surge da busca por trabalhar a partir das questões e reconhecimentos de problemáticas e desejos locais, misturadas e repensadas também a partir de nossos desejos e vontades.

Durante todo o ano de 2000 as reuniões realizadas na escola giraram em torno da discussão sobre o que gostaríamos de fazer e o que seria possível. Nesses encontros, em grande parte do tempo, conversávamos sobre horário disponível dos/as professores/as para a realização de atividades e projetos. Isso, e a proposta do grupo de procurar trabalhar a partir do que já existia em cada localidade, nos levaram a procurar temas e projetos que, além de serem de interesse dos/as professores/as, já estivessem em andamento na escola.

Com essas reuniões e a presença na escola em outros momentos (como nos intervalos de aula, na entrada e saída de alunos e professores, durante as aulas, em festas, reuniões de pais, da comunidade na escola, com representantes da Diretoria de Ensino) pudemos acompanhar um pouco do cotidiano da escola, sua forma de organização e de tomada de decisões, o relacionamento entre professores/as, entre esses/as e a direção e entre a escola e a ASA, o que nos permitiu repensar a organização do grupo de estudos.

Nesse movimento, a relação com representantes da ASA ficou restrita aos professores/as e funcionários/as da escola que também integram a associação, devido à incompatibilidade de horários das pessoas envolvidas.

A proposta que surgiu foi, então, reunir todos os/as professores/as de todas as séries em um único grupo. Com a impossibilidade de um horário comum, discutimos a viabilidade de separação dos/as professores/as em dois grupos distintos: a) professores/as do 1º e 2º ciclos e b) professores/as dos 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, de modo a facilitar a utilização do Horário de Trabalho Coletivo (HTPC).

Pensamos sempre em usar o HTPC para as discussões e desenvolvimento do projeto para evitar sobrecarregar as pessoas com ainda mais compromissos e horários. Apesar de ser um horário determinado para que todos/as os/as professores/as estejam juntos na escola para discutir questões e problemas cotidianos, o HTPC é pouco aproveitado e muitas são as faltas dos/as professores/as.

O baixo número de alunos por sala, principalmente das séries iniciais, fez com que diferentes séries fossem unificadas em uma sala multisseriada com uma professora. Desde 1998, as duas séries do 1º ciclo são unificadas e, a partir de 2001, a elas se uniu a primeira série do 2º ciclo.

Isso gerou, ao final do ano 2000, uma indefinição sobre a continuidade dos/as professores/as das séries iniciais na escola, o que nos fez rever a possibilidade de um trabalho em separado. Em um encontro no mês de outubro de 2000, quando pensamos nas atividades para 2001, a idéia gerada foi continuar encontros separados nos horários de HTPC, porém sobre o mesmo tema e procurando uma relação entre todos os/as professores/as novamente. Também nesse encontro, a possibilidade de relação com a ASA, além dos integrantes já envolvidos com a escola, voltou a ser discutida e uma das metas para o início de 2001 foi procurar as alternativas para isso.

Em novembro de 2000 realizamos um planejamento conjunto (**Quadro 1**). Foi uma reunião movimentada, com grande participação dos/as professores/as. A idéia dessa reunião foi procurar saber o interesse real dos/as professores/as em participar do desenvolvimento de um projeto, definir seu tema e procurar pensar como fazer para torná-lo realidade. A forma de organização que utilizamos foi por meio de perguntas a serem respondidas durante a discussão e o desenvolvimento do projeto como : *“O que queremos? Quando queremos? Como? Por quê?”* <sup>25</sup>.

Uma das discussões mais presentes foi sobre a existência de muitos projetos. Na fala de uma das professoras <sup>26</sup> reconhece-se uma certa mágoa por muitos deles terem-se perdido, por não haver apoio da escola nem para guardar os materiais e muitos outros projetos não saírem do papel, também por falta de apoio. Desta discussão, surgiu a necessidade de um diagnóstico: *“o que existe feito? Quem fez? Onde está?”* e somente a partir daí *“o que mais falta? E o que precisamos fazer para conseguir o que falta?”*.

Também foi longamente discutida a necessidade de se guardar os direitos autorais de quem fez o quê no projeto, principalmente no caso de materiais já prontos que integrariam o mesmo. Uma preocupação que resulta de problemas que eles/as passaram na apresentação de alguns projetos que, conforme nos disseram, foram apresentados em nome da escola “como um todo”, tendo sido feitos, entretanto, por professores/as isolados/as e sem apoio da escola.

A essa discussão foi acrescentada a necessidade de constante reflexão e do registro do trabalho (não necessariamente escrito), sendo acrescentado, então, um item de *“redação final”* para se afirmar a necessidade de uma sistematização do trabalho, esta sim, necessariamente escrita.

---

<sup>25</sup> Anotações caderno de campo, novembro/2000

<sup>26</sup> Fala da Professora Beatriz – anotações caderno de campo, novembro/2000

Esses movimentos de formação e estruturação do grupo refletem a busca pela construção de um trabalho coletivo que envolve desde a procura por um horário comum ou uma forma de encontro e troca de experiências até a definição conjunta do tema de estudo e da forma como o tema será estudado. Como já dito anteriormente, são os pontos de partida do nosso trabalho no Vale do Ribeira: o trabalho com metodologias participativas e a produção coletiva de conhecimento.

Um dos problemas mais citados pelos professores, como já colocado acima, foi a falta de documentação dos projetos e iniciativas que acontecem na escola. Muitos dos projetos realizados e das idéias discutidas acabam se perdendo por falta de registro e de sistematização. Essa percepção aliada à necessidade de uma forma de acompanhamento à distância do grupo nos fez pensar sobre a utilização de "diários" por todos os participantes do grupo e na troca dos registros sistematizados durante os encontros.

Para além do Diário de Classe oficial, em que o professor geralmente relata de forma sucinta os conteúdos ministrados em sala de aula, o diário proposto se assemelha mais a um diário de campo, onde são registrados acontecimentos, pensamentos, sentimentos e percepções buscando uma forma de registro das mudanças ocorridas interiormente no decorrer do trabalho. A pouca adesão dos professores nos levou a repensar na utilização do diário como uma forma de registro e sistematização possível nesse momento e a buscar outras formas como, por exemplo, a troca de correspondência entre o grupo de professores da escola e o grupo de EA, o que nos permitiria, ainda, uma maior integração.

Posteriormente, a formação desse "grupo" como havia pensado inicialmente (com participação de todos os/as professores/as e direção nos horários de HTPC) não aconteceu pois muitos dos/as professores/as que se dispuseram a participar do projeto desistiram em 2001.

Uns alegando falta de tempo: muitas aulas, muito trabalho, a participação de uma das professoras na Secretaria Municipal de Educação, o início, para outra, de um curso de pedagogia oferecido pela Diretoria de Ensino aos professores concursados que ainda não têm curso superior. Outros por simplesmente não se manifestarem ou não participarem de nenhuma atividade proposta: a espera pela aposentadoria, o descrédito com o desenvolvimento de projetos e o não querer se envolver por estar apenas de passagem, por ser professor/a substituto/a ou estar querendo pedir transferência de escola. Outros por falta de interesse no assunto ou no desenvolvimento deste projeto. Houve também o afloramento de diferenças pessoais: onde um participa o outro não vai ou não se propõe a ir, incompatibilidades que anos de trabalho conjunto só fizeram piorar.

Foi formado, então, outro grupo, de outra forma e com outra dinâmica: Cecília, Lígia e eu, com o objetivo de finalizar um projeto já em andamento, uma proposta escolhida pelas professoras e aceita por mim: um "resgate histórico cultural do bairro da Serra".

O planejamento feito em conjunto com outros/as professores/as não foi deixado de lado, mas repensado procurando adequá-lo às características do grupo que naquele momento se formava. Em março de 2001 fizemos uma primeira reunião, quando procuramos desenvolver ainda mais esse planejamento, montando o que as professoras chamaram de “projeto” que pudesse também compor o Plano Político Pedagógico da escola (**Quadro 2**).

As perguntas de pesquisa passam por mudanças e o processo de desenvolvimento do trabalho de “resgate histórico-cultural” configura-se como o que terá mais atenção. Várias são as perguntas que surgem como possibilidades para se pensar o trabalho: *“o que, nesse processo de pensar o resgate histórico-cultural que está sendo proposto, se reafirmará da identidade do povo do Vale do Ribeira, do povo do bairro da Serra. O que é considerado como característico desse povo e que precisaria ser resgatado? E como essas características a serem resgatadas se articulariam com as novas características da região e do bairro? O que pode permanecer e o que pode mudar nesse processo?”*<sup>27</sup>.

Na de escrita da dissertação, alguns foram os caminhos escolhidos para percorrer, dentro das diversas possibilidades que se abriram. Procuramos, então, pensar no “resgate histórico-cultural” como uma movimentação que pode trazer/produzir/inventar/reconstituir sujeitos múltiplos para o bairro da Serra. Sujeitos, estes, que estão imersos num novo contexto cultural que traz como característica a tensão entre o novo – o PETAR e o turismo – e as “tradições” locais. Tentaremos trazer, no desenrolar desta escrita, essa movimentação e as diversas dimensões e desdobramentos que apareceram destes sujeitos múltiplos criados/inventados para o bairro.

Procurarei desenvolver meu texto a partir dos registros das reuniões na escola, das conversas (gravadas ou não) com os professores, direção e outras pessoas (principalmente da ASA), das entrevistas e conversas com moradores do bairro feitas conjuntamente com as professoras Cecília e Lígia, as produções desse período todo (anos de 2000 e 2001) e, principalmente, as conversas e entrevistas com essas duas professoras. O trabalho de “resgate histórico cultural” está agora em fase final: entrevistas feitas e transcritas, textos selecionados, lidos e discutidos, árvores genealógicas confirmadas, reconfirmadas, digitadas e refeitas e, com o trabalho de Dirceu Marins<sup>28</sup>, um início de como podemos unir isso tudo e apresentar a todos do Bairro...

---

<sup>27</sup> Texto de qualificação, apresentado em março de 2002.

<sup>28</sup> Artista plástico que elaborou as árvores genealógicas das famílias do bairro.

**Quadro 1.** Planejamento do trabalho para o ano de 2001, realizado em novembro de 2000 com o grupo de professores/as.

*Fases do Trabalho para 2001*

1 - Planejamento

O que queremos? Resgate histórico cultural do bairro; Espaço para esse tipo de trabalho na escola; Registro "legal", isto é, um registro do trabalho que possa ser guardado e reconhecido como válido.

Porque queremos? Busca por uma identidade; trabalhar com cotidiano; conhecer a si mesmo / raízes.

Como queremos? Trabalho em grupo com começo e fim.

Quando queremos? 2001.

2 - Diagnóstico

O que existe feito, quem fez e onde está? Trabalhos já feitos na escola; Levantamento bibliográfico (Bibliotecas da escola, do PETAR e da ASA).

O que mais falta para completar o que queremos?

3 - Desenvolvimento

Entrevistas e questionários.

Resenhas e resumos.

Organização dos dados.

4 - Redação Final

5 - Desdobramentos

Reflexão  
Registro  
Direitos  
autorais

**Quadro 2.** Projeto de "Resgate Histórico Cultural do Bairro da Serra" realizado em março de 2001.**Resgate Histórico Cultural do Bairro da Serra, Iporanga/SP**

**Objetivo Geral :** Resgatar aspectos históricos e culturais da comunidade do Bairro da Serra, Iporanga/SP.

**Justificativa :** O presente projeto foi baseado na meta 2 do Plano de Gestão 2000 da Escola Estadual "Vitor Rodrigues da Motta" que propõe "resgatar as tradições culturais e históricas da comunidade" com o "levantamento de dados históricos e etnográficos da comunidade do Bairro da Serra" .

Esse projeto se justifica, como também explicitado no Plano de Gestão, pela falta de conhecimento, por parte dos alunos, da história, cultura e tradições do local onde vivem.

É um trabalho que vem se desenvolvendo desde 1996 por meio de projetos que hora envolvem os alunos diretamente e hora são trabalhos de pesquisa dos professores.

**Desenvolvimento:** A idéia é partir do que já foi feito por meio de um levantamento do material existente na escola, na Associação Serrana Ambientalista e na biblioteca do PETAR.

Com base nisso serão feitas entrevistas/questionários para complementar as informações existentes que, conjuntamente com resumos e resenhas de trabalhos, constituirão um texto final.

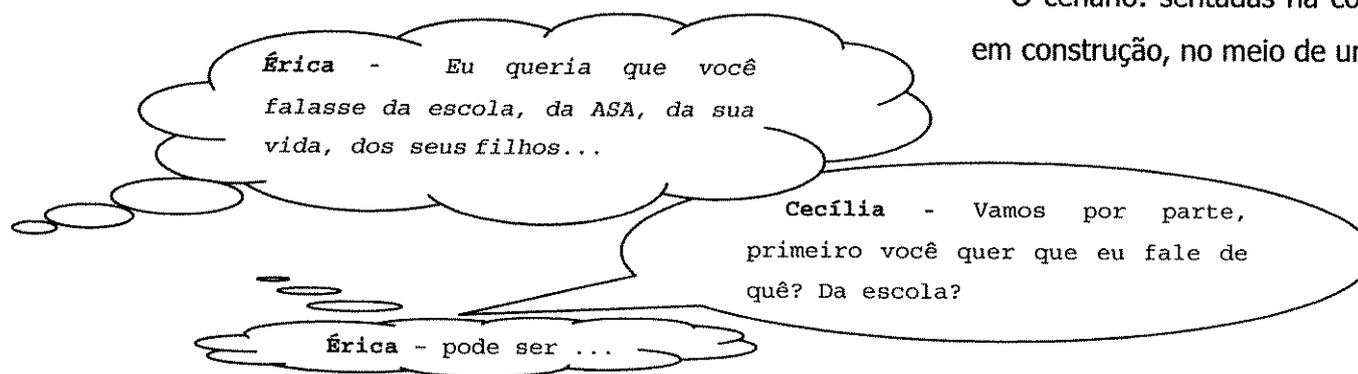
Os alunos participarão das fases de entrevistas e organização dos dados respeitando-se as peculiaridades de cada ciclo do ensino.

**Conclusão :** Pretende-se produzir um documento que sirva de base para futuras pesquisas e estudos; um registro da história e cultura local.

## 4. UMA CONVERSA PARA COMEÇAR



entrevista realizada em 08 de agosto de 2000 com a Professora Cecília



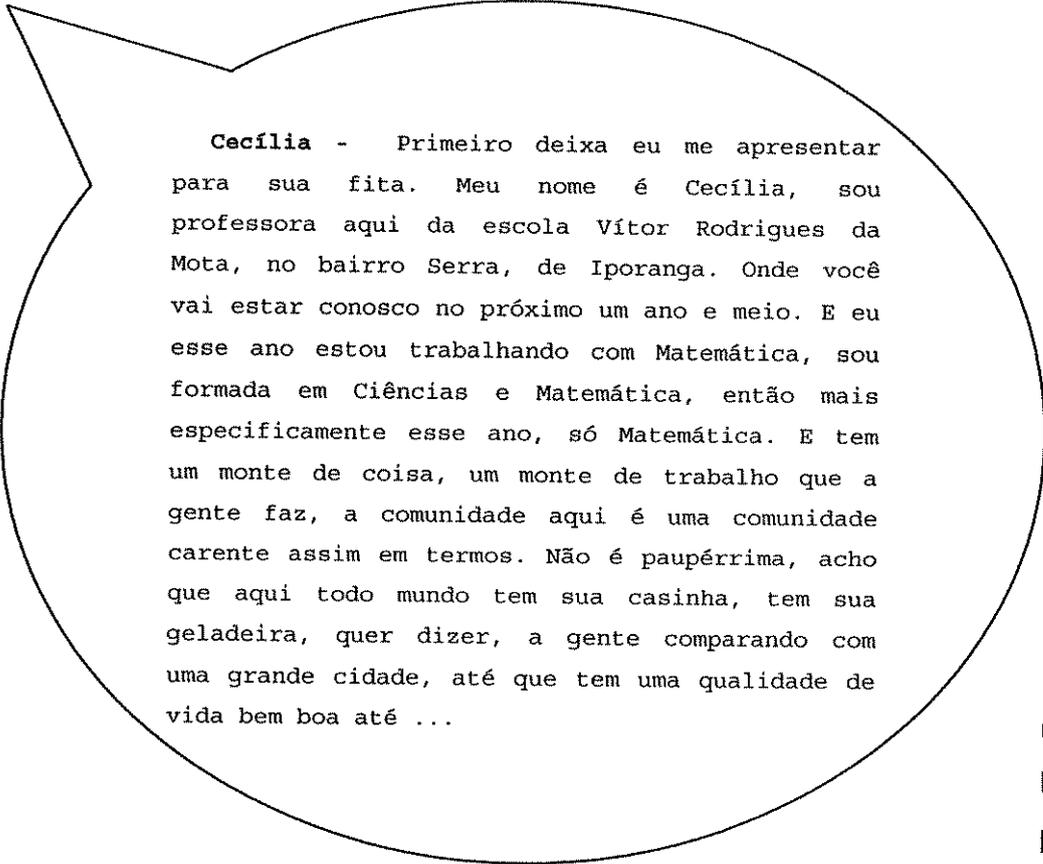
O cenário: sentadas na cozinha da casa de Cecília, ainda em construção, no meio de uma tarde quente.

Tomando suco e café e rindo com os trejeitos e as tiradas de seu filho.

O propósito dessa conversa era saber mais sobre a escola

do bairro, seus projetos e as vontades dos/as professores/as. A conversa caminhou de uma forma que, retomando-a mais tarde, senti a vontade de colocá-la quase na íntegra, puxando, a partir dos fios deixados, as diversas reflexões e pensamentos que surgiram e surgem. As falas dessa entrevistas são recheadas, ainda, com outras falas de outras entrevistas, anotações de caderno de campo e bibliografias.

Nas idas e vindas de uma conversa, os fios que aqui surgiram me permitiram descrever o bairro, as mudanças sociais ocorridas com a implantação do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (o PETAR), a chegada do turismo e os cursos de monitores ambientais, falar sobre a escola e o trabalho dos professores. Vou destacando, ao longo do texto, os momentos em que as discussões sobre o "resgate histórico cultural" foram surgindo e seus desdobramentos, para poder retomá-los mais tarde.



**Cecília** - Primeiro deixa eu me apresentar para sua fita. Meu nome é Cecília, sou professora aqui da escola Vítor Rodrigues da Mota, no bairro Serra, de Iporanga. Onde você vai estar conosco no próximo um ano e meio. E eu esse ano estou trabalhando com Matemática, sou formada em Ciências e Matemática, então mais especificamente esse ano, só Matemática. E tem um monte de coisa, um monte de trabalho que a gente faz, a comunidade aqui é uma comunidade carente assim em termos. Não é paupérrima, acho que aqui todo mundo tem sua casinha, tem sua geladeira, quer dizer, a gente comparando com uma grande cidade, até que tem uma qualidade de vida bem boa até ...

A região do Vale do Ribeira e litoral sul do Estado de São Paulo é conhecida por suas belezas naturais, suas praias quase desertas, cachoeiras e rios propícios para os (tão em moda) "esportes radicais".

Para os ambientalistas, é uma das principais áreas de conservação da Mata Atlântica. Suas 12 Unidades de Conservação representam cerca de 83,6% dos remanescentes ainda existentes no Estado <sup>1</sup> e cerca de 64% da área total dos municípios <sup>2</sup>.

A região é conhecida também por apresentar um dos menores índices de desenvolvimento do Estado <sup>3</sup>. Não é raro ouvir entre as inúmeras propagandas eleitorais algum candidato prometendo – finalmente – levar o "desenvolvimento" para região.

---

<sup>1</sup> Secretaria do Meio Ambiente. 1996.

<sup>2</sup> Hogan, Daniel *et al* 1998 –99.

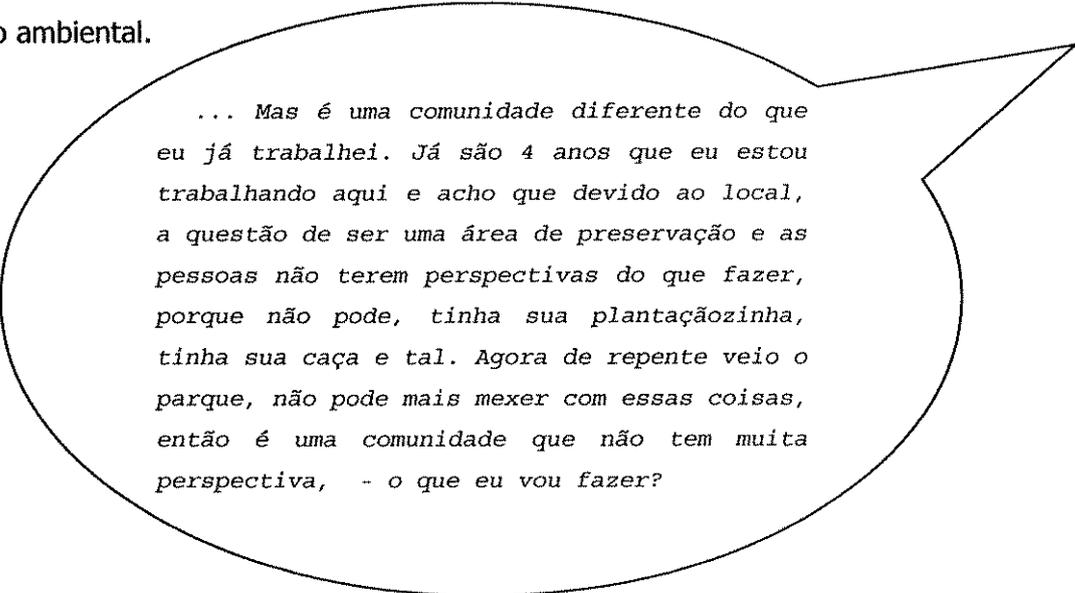
<sup>3</sup> Hogan, Daniel *et al*; *op. cit.*

No mesmo trabalho citado acima, Daniel Hogan *et. all* destacam a "singularidade" e o "contraste" da região com relação ao restante do estado quando as variáveis utilizadas para a medição de índices de desenvolvimento são comparadas. Neste trabalho, os autores destacam "*mortalidade infantil, abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, condições de habitação, níveis de renda e escolaridade*", urbanização e industrialização. Destacam também, que grande parte da população vive em áreas rurais com agricultura de subsistência e extrativismo.

Em uma visão bem diferente da colocada pela professora Cecília, essa "singularidade" e esse "contraste" da região são colocadas de forma negativa, para esses autores "*frente ao desenvolvimento das outras regiões do Estado, a população do Vale do Ribeira exige agora suas próprias oportunidades de crescimento econômico e aspira aos mesmos padrões de consumo e qualidade de vida*". Uma das barreiras colocadas pelos autores para essas oportunidades é a implantação das Unidades de Conservação e a tensão criada, com isso, entre qualidade de vida e preservação ambiental.

As unidades de conservação (U.C.s), pela sua forma de implantação e pela visão presente na legislação <sup>4</sup> atual sobre áreas de preservação, que desvinculam o homem e natureza, impõem restrições diferenciadas ao uso da terra e dos recursos naturais pelos moradores residentes na região, criando outra tensão: a da relação entre homem e natureza.

No município de Iporanga cerca de 76% da área é ocupada por vegetação nativa.



... Mas é uma comunidade diferente do que eu já trabalhei. Já são 4 anos que eu estou trabalhando aqui e acho que devido ao local, a questão de ser uma área de preservação e as pessoas não terem perspectivas do que fazer, porque não pode, tinha sua plantaçozinha, tinha sua caça e tal. Agora de repente veio o parque, não pode mais mexer com essas coisas, então é uma comunidade que não tem muita perspectiva, - o que eu vou fazer?

<sup>4</sup> Sistema Nacional de Unidades de Conservação, - Lei 9985 de 18 de julho de 2000.

Três Parques Estaduais (P.E.) possuem áreas pertencentes ao município: P. E. Turístico do Alto do Ribeira (PETAR), P. E. Intervalles e P. E. Jacupiranga<sup>5</sup>. A região do Bairro da Serra é a principal entrada para o PETAR.

A implantação dessas Unidades de Conservação, apesar de ser resultado da ação do Estado e do movimento ambientalista, não contou com a participação efetiva das comunidades locais nem a procura por alternativas de desenvolvimento para a região, o que acabou por gerar conflitos. Esses conflitos giram em torno, principalmente, da falta de alternativas de geração de renda para a população em geral.

Brandão *et all* em pesquisa sobre "*a vida, o trabalho e o meio ambiente no Vale do Ribeira*" trazem uma interessante reflexão sobre como a questão ambiental, vista por meio da chegada das U.C.s na região pode ser vista: "*Não será exagero de quem foi ao Vale do Ribeira, atento ao que ele é e a como diferencialmente se pensa e se fala sobre o meio ambiente, dizer que nos dias de agora, praticamente todos os problemas – dos sujeitos individuais ao grupo doméstico, deles à comunidade de vizinhança (do bairro urbano ou rural) e de cada uma delas aos diversos modos culturais de sentir-se 'do Vale' e reconhecer-se preocupado com o seu presente e o seu futuro – de alguma maneira têm a ver com temas e questões, propostas e projetos vinculados a isto a que, de maneiras muito diferentes, contrastantes mesmo em alguns casos, as pessoas de lá ou que estão lá aprenderam a chamar de 'meio ambiente'*"<sup>6</sup>.

Destaco também deste trabalho, as reflexões dos autores com relação à forma como as políticas ambientais são processadas na região atualmente. Para eles, uma política específica para a região, associada à questão ambiental, é indispensável, porém, propõe que elas sejam repensadas "*principalmente no que se refere: a) à criação política e técnica de 'reservas', de 'parques' e de 'áreas de proteção ambiental' em todo o Vale do Ribeira; b) aos modos e modelos de implantação de tais áreas de proteção ambiental, em*

---

<sup>5</sup> Hogan, Daniel *et all*; *op. cit.*

<sup>6</sup> *in* Brandão, Carlos Rodrigues *et all.* 1999. p. 155-6 [grifos dos autores]

*todos os lugares e em todos os momentos políticos em que elas foram implantadas; c) ao exercício do poder nas questões de preservação ambiental, seja em áreas de proteção, seja em 'áreas livres'*<sup>7</sup>.

Há necessidade, portanto, de uma reavaliação da forma de definição e implantação das U.C.s e, principalmente, da participação da população local nessas decisões, o que vai ao encontro das preocupações e desejos da professora Cecília.

Então as crianças já estão crescendo com essa característica; então é difícil de você conseguir colocar na cabeça deles - vai estudar que é importante, fazendo um trabalho aqui, vai ser bom para você no futuro. O que eu escuto dos alunos daqui é: "tanto faz estudar ou não, não vou ter serviço mesmo". Então é essa a realidade que a gente tenta mudar. Questão de segurar eles aqui, para eles não precisarem mais sair, ir embora porque não tem serviço. Então vai lá para São Paulo trabalhar na construção civil, como aconteceu muito na última década, o pessoal saiu muito daqui, porque o parque chegou de repente, então cortou o "barato" de todo mundo, então o pessoal teve que se virar . Os jovens mesmo daqui. Então tem essa leva, desse pessoal que hoje deve estar com 30/35 anos que mora fora do Parque porque não teve opção.

**Cecília** - É, mora em Salto, Sorocaba, São Paulo. Então tem uma "rapa grande" que mora fora porque teve espaço, que eles ficaram assim meio perdidão. Não tinha nada para fazer, foi todo mundo saindo.

**Érica** - Mora tudo lá em Salto !

<sup>7</sup> *Idem.* p. 159.

A implantação do PETAR não divergiu muito do histórico de implantação das U.C.s de todo o Vale do Ribeira. O PETAR foi criado em 1958 com o propósito de proteção às cavernas ali existentes; as comunidades que viviam nesse espaço dependiam, principalmente, da agricultura, mineração e fábricas de palmito, rotina que não foi alterada até a década de 80<sup>8</sup>. Com o movimento de espeleólogos e ambientalistas ao final da década de 70, o PETAR começa a ser realmente implantado, desencadeando conflitos com a população local pois gerava, além dos problemas relativos à posse e desapropriação da terra, grande desemprego.

Essa chegada mudou a fonte de renda de quem morava no local. A extração de recursos naturais da floresta e a agricultura - geralmente de subsistência - que implicavam em uma relação direta com a natureza, foram proibidos. Por um tempo, os jovens não viam possibilidade de continuar morando no local, isso gerou uma grande migração dessas pessoas para a região de Registro, Sorocaba e Grande São Paulo.

A geração de renda ficou ligada à extração ilegal de produtos da mata, principalmente o palmito.

*Então mudou bem a característica do local e agora já o pessoalzinho que está crescendo, está começando a ter uma visão diferente. Já está tendo assim outras opções, então hoje já está começando a ver que dá para mexer um pouquinho com o turismo. É a subsistência deles. É a mãe que trabalha numa pousada, as próprias pousadinhas do pessoal daqui que está surgindo...*

---

<sup>8</sup> Silveira, Pedro Castelo Branco. 1998 (*mimeo*).

O trabalho colocado como "alternativo" foi o turismo. Um turismo que não mais utiliza os conhecimentos que se ligam a essa relação com a natureza de extração de recursos e de plantio, mas se liga àqueles trazidos pelos biólogos e espeleólogos - o conhecimento acadêmico - em que se baseiam os cursos para monitores (guias turísticos) oferecidos à população local.

Ao longo dos anos o fluxo de turistas cresceu enormemente. No início da pesquisa, o bairro se agitava apenas nos feriados prolongados, feliz com a possibilidade do ano propagandeado como o de maior número de feriados prolongados dos últimos tempos (2000). Mas, segundo os moradores, após uma série grande de reportagens sobre o PETAR na imprensa televisiva e revistas (revistas especializadas em turismo, "Globo Repórter" e programas na rede "Globo News") o turismo cresce cada vez mais. Pousadas são reformadas aproveitando esse crescimento e a não atuação da atual diretoria do Parque (que acaba de ficar novamente sem diretor, ao final de julho de 2001) no processo de embargar obras no bairro. O "riacho seco" que passa ao longo do bairro já não passa despercebido com seu cheiro.

Pedro Silveira, analisando as transformações ocorridas no bairro da Serra, escreve:

*"As discussões e reivindicações dos moradores, como se vê, geralmente têm como tema repetido o emprego. Se em Bombas [outro bairro de Iporanga, localizado proximamente ao bairro da Serra, porém dentro dos limites do PETAR] a possibilidade de permanência está condicionada à redução da atividade agro-extrativista dos moradores a um mínimo necessário para sua subsistência, no Bairro da Serra ela depende de um crescente abandono das atividades antigas e do envolvimento com o turismo. O turismo é festejado por muitos moradores porque foi capaz de gerar uma fonte de emprego, ou pelo menos de trabalho esporádico, que estancou parcialmente um fluxo migratório já existente e manteve muitos jovens na região. O turismo é proposto no discurso dos gestores como um substituto para a mineração, para o*

*corde de palmito, para a agricultura. O câmbio para as atividades ligadas ao turismo, entretanto, significa muito mais do que uma simples troca de emprego e de fonte de renda'* <sup>9</sup>.

Para Pedro, a chegada do turismo trouxe diversas modificações nas relações sociais antes promovidas pelas atividades de agricultura, e destaca diversos *eixos de sociabilidade* ("as fontes de aglutinação social, como os "motivos" para se estabelecerem relações sociais") procurando compreender de que forma essas relações sociais se modificaram.

Os *eixos de sociabilidade* destacados são as relações de parentesco, de trabalho, religiosas e políticas. As relações de trabalho foram as que Pedro Silveira considerou como as que tiveram maior modificação: da base agrícola, com relações relativamente igualitárias passando pela mineração, com relações de patrão-empregado e pelo corte de palmito com relação de dependência, chegando à atual "*sociabilidade do turismo*":

*"A sociabilidade do turismo não é exclusiva dos jovens, mas inclui uma parte dos moradores do bairro que desde a década de 1970 envolveu-se com os turistas que começaram a aparecer desde então (...) por meio do turismo conseguiram um status social, ou "acumular capital simbólico", como diria Bourdieu, de uma maneira que talvez não conseguiriam se o bairro permanecesse com características agrícolas (...) As novas relações de trabalho criadas pela vinda de turistas, ou seja, resultantes da hegemonia das relações de trabalho capitalistas, formataram, por um lado, novas relações entre os moradores e, por outro, novas relações entre os moradores e pessoas vindas "de fora". Entre os moradores, além de certas relações patrão-empregado (...) criaram-se novos paradigmas do que é ser um bom trabalhador(...). A consequência é que são valorizadas as pessoas do bairro que têm uma experiência passada com o turismo, em detrimento a personalidades que se destacavam como bons roceiros, ou bons caçadores"*<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Silveira, Pedro Castelo Branco. 2001.

... então eles começaram a perceber esse lado que dá para ficar, dá para fazer alguma coisa, aí entra a questão da monitoria, que o pessoal já tem essa opção de trabalho, então a escola tem contribuído dessa forma, a gente esclarece muito esse lado . Que não adianta nada sair, sair para SP, ganhar talvez um pouco mais do que poderia ganhar aqui, mas tendo uma vida de cão .

Érica - É verdade ...

Cecília - Tendo uma vida de cão. De serviço pesado. Então conseguiu segurar um pouco o pessoalzinho, o pessoal mais jovem, 17,18, 20 anos, já está conseguindo se virar por aqui mesmo. E isso é um trabalho que a associação vem fazendo na escola, vem fazendo nesses últimos anos. Cinco, seis anos para cá a gente vem trabalhando em cima disso. Para que eles se conscientizem que tem como ficar aqui e fazer alguma coisa também. Bom então, eu misturo um pouco as coisas. Eu falo um pouco de tudo ao mesmo tempo...

O primeiro curso de monitores ambientais (a partir daqui, apenas "monitores") foi realizado em 1995 e organizado pela associação local, a Associação Serrana Ambientalista (ASA) em parceria com a prefeitura municipal, o Instituto Florestal<sup>10</sup> e a Sociedade Brasileira de Espeleologia. Este curso foi inspirado na experiência de formação de guias de turismo em Bonito, no Mato Grosso do

<sup>10</sup> Silveira, Pedro Castelo Branco. 2001.

<sup>11</sup> O Instituto Florestal é o órgão da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo responsável pela implantação e administração de grande parte das Unidades de Conservação Estaduais, entre elas, o PETAR.

Sul, e os participantes foram adultos e jovens com mais de 18 anos e o curso básico contém módulos teóricos com aulas de espeleologia, conservação e educação ambiental, primeiros socorros e módulos práticos de visitas orientadas a cavernas.

Para Pedro Silveira<sup>12</sup>, em estudo sobre a questão ambiental no bairro da Serra, o objetivo do curso de monitores de possibilitar a permanência dos jovens no bairro foi conseguido: *"muitos jovens transformaram-se em monitores e permaneceram no local, outros ainda voltaram desiludidos da capital e outras cidades grandes e permaneceram no bairro"*.

Mais dois cursos de monitores foram ministrados no bairro, a idéia estendeu-se para todo o Vale do Ribeira e a criação de associações de monitores foram estimuladas, como a Associação de Monitores de Iguape (AMAI) e a Associação de Monitores Ambientais de Iporanga e Região (AMAIR), que congrega monitores de outros bairros de Iporanga (os monitores do bairro da Serra congregam-se, na sua maioria, na ASA). No primeiro momento foram dados os cursos básicos e, posteriormente, com a ajuda de outras instituições, cursos de especialização como Educação Ambiental, Topografia, Botânica, Técnicas Verticais, entre outros.

A grande diferença dos últimos cursos com relação ao primeiro foi a diminuição da participação da ASA em sua concepção e implantação, que ficou a cargo do programa "Reserva da Biosfera" <sup>13</sup>. A participação da comunidade local ficou restrita à participação como alunos, e algumas mudanças e desejos das pessoas do bairro, como uma valorização da cultura e história locais, foram deixadas para segundo plano.

Esse trabalho com a cultura e história locais é explicitado em outra conversa, com as professoras Cecília e Lígia, onde Cecília coloca: *"(...) a pessoa, a ética do monitor tem que ser muito trabalhada, a questão pessoal, a formação pessoal, a maneira, quer dizer, essa questão de trabalho nosso. A formação histórica tem que ser trabalhada (...) eu queria participar de toda a elaboração porque eu sei de alguns pontos que são necessários de serem trabalhados"* <sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Silveira, Pedro Castelo Branco. 2001.

<sup>13</sup> O programa "Reserva da Biosfera da Mata Atlântica" pertence à UNESCO e destaca como suas principais funções *"a proteção da Biodiversidade, o desenvolvimento sustentável e o conhecimento científico"*. O Vale do Ribeira (Série Cadernos da Reserva da Biosfera, 2000).

<sup>14</sup> Entrevista gravada em 30 de junho de 2001.

★  
Depois de falar bastante sobre o bairro,  
peço a Cecília que fale sobre a escola

... então na escola é assim, falando por partes. Na escola é um trabalho diferente que a gente tem aqui, em função do que já falei para você, da falta de perspectiva, tal, então você tem que se virando com outras coisas. Então se tem que, eles adoram sair por exemplo, eles estão no lugar de sair, então eles não estão no lugar de ficar dentro da sala fechado, a vida deles, eles conhecem tudo ai, eles são do rio, eles são da caverna, eles gostam . Então se você for ficar o tempo todo ali em cima do livro, se cansam mesmo, então você tem que fazer um trabalho diferente. E aqui é uma oportunidade mesmo para isso . Samantha [coordenadora da escola] tem cabeça aberta, ela aceita bem as opiniões para esse tipo de coisa, então dá para fazer...

O ano passado eu trabalhei, que eu estava trabalhando com Ciências, eu consegui fazer um trabalho muito interessante assim na questão da Educação Ambiental, saía muito com eles e.... Sobre tudo, sobre água, sobre o problema do lixo que tem, eles tem uma visão, são bem esclarecidos com as questões, quer dizer, eu moro num lugar muito bonito, todo mundo gosta daqui mas eu sei que aqui tem problemas, que está faltando isso, eles conseguem saber? Saber visualizar esse tipo de coisa...então dá para fazer um trabalho legal que o pessoal tem uma consciência...

A necessidade de trabalhar o turismo na escola é explicitada em outra conversa com a professora Cecília<sup>15</sup>, para ela isso é preciso, pois é, atualmente, a fonte de renda das pessoas da Serra, mas ressalta que não se pode perder a identidade cultural/histórica. Para ela é necessário retomar com as crianças o ato de plantar, o conhecimento das plantas/animais que as pessoas da Serra tinham e que agora não tem sido mais transmitido para as crianças.

Pensamentos, desejos e falas que podem nos levar a pensar neste trabalho de “resgate histórico-cultural” como um processo de produção de novos sujeitos para o bairro da Serra. Sujeitos que poderiam trazer esses conhecimentos, essas vivências que existiam neste lugar para se articular com os novos conhecimentos e vivências que chegam com o PETAR e com o turismo.

*Érica - Aqui é considerada zona rural?*

*Cecília - Zona rural. É um bairro de Iporanga, só que é uma zona rural bem urbana. Eles tem acesso a muita coisa; televisão está aí e o turista mesmo que vem traz muita informação. Então eles não são assim aquelas crianças assim fechadas (...) depois com o tempo a gente começou a trabalhar mais esse lado deles, que as pessoas estão aí e que o progresso está vindo e que não dá para ficar fechado dentro de casa, e é o lugar é aqui e não tem como ficar isolado disso. Dessa realidade e com muito trabalho, muito teatro, muito desenvolvimento da desenvoltura deles mesmos, muita festinha que a gente fazia, de cantar, eles começaram a soltar. E hoje em dia você fala - Vamos fazer um teatro - Ichi, ficam loucos, adoram, eles mudaram bem desses cinco anos para cá, vai fazer 5 anos que eu estou aqui. Deu para perceber uma mudança assim (...) o desenvolvimento deles, o próprio bairro mudou nesses tempos, sabe. Deu para perceber, dá para perceber que foi uma mudança radical (...) É gostoso trabalhar aqui, eu gosto, eu vim meio forçada para cá, vim meio chorando, mas depois que vim, gostei e fiquei (...)*

<sup>15</sup> anotação do caderno de campo, abril de 2000

**Cecília** - (...) e já basta aquela história que eu falei da falta de interesse, pela própria perspectiva, e daí vem essa questão de valores hoje em dia com a família, valores mesmo. Acho que é questão de valores mesmo, não tem muito hoje em dia, não existe um Deus, um pai que é cabeça de tudo. Ninguém tem medo de nada, então não tem valores mais, muito pouco, então é complicado. A gente também sofre esse tipo de problema aqui. É como eu falei para você, aqui todo mundo acha que é um paraíso. Chega aqui o lugar é lindo, maravilhoso, mas aqui também tem seus problemas, são problemas graves tanto uma cidade grande e tal. Quer dizer, você pode criar os filhos aqui e pode deixar até 10 horas da noite, 11 horas na rua. Depois mandar buscar, está ali na frente de casa, não vai acontecer nada com ele. O trânsito horrível que vai atropelar seu filho, você não tem, não tem assalto, não tem poluição. Mas você tem um monte de problemas . Todo lugar sempre tem a sua característica. Mas assim, acho que a gente consegue achar soluções com o jeitinho da gente. Meu trabalho com o lixo, acho que mudou bem a cabecinha deles, hoje em dia eles já sabem que a latinha não pode estar jogando, que está poluindo (...) infelizmente isso depende de governantes, depende de prefeito, técnicos, mas a gente conseguiu pelo menos fazer um passinho, que é um pouquinho de conscientização. Hoje, agora tudo isso aqui...esse trabalho com as crianças, vai de casa em casa, não é para ficar jogando lixo na rua, eles fazem coleta, saquinho, luvas e tal e a criançada adora.

**Érica** - Claro!

**Cecília** - Mas eles aprenderam bastante coisa, tem consciência maior, mas ainda tem muito caminho para ser trilhado, muita coisa para andar ainda. Sei lá, que mais?

**Érica** - ASA ...

*Cecília - Da Associação? Eu estou meio assim, meio distante da associação nos últimos meses. Do ano passado para cá eu estava com muita coisa, e eu acabei me distanciando. Faço parte do Departamento de Educação, e a ASA é uma ONG ambientalista, só que ela tem uma atuação municipal, não é uma associação de bairro, é uma associação ambientalista...*

Para Pedro Silveira, a ASA surgiu como um movimento de resistência ao processo de demarcação da área do Parque. Esse processo atingiu diretamente a área da Serra e o conflito foi resolvido informalmente em um acordo verbal entre moradores e Estado. Esse acordo veio à tona com a expansão do turismo e da conseqüente especulação imobiliária no local, e começaram muitas negociações. Nesse mesmo momento, alguns novos moradores do Bairro, vindo de fora, e se juntando posteriormente a moradores locais, criaram a ASA <sup>16</sup>.

A ASA se estabeleceu com três principais objetivos, o primeiro, o diálogo com a coordenação do PETAR na questão dos limites do mesmo. Na determinação desses limites, parte do bairro da Serra, já com moradores e residências, foi considerado área do Parque. Esse limite foi negociado informalmente com representantes do Instituto Florestal (geralmente a direção do Parque) e Secretaria do Meio Ambiente. Essa negociação veio à tona com a expansão do turismo e a crescente ampliação das casas e pousadas no bairro a partir de 1995. O Instituto Florestal começa a paralisar as obras de reforma e construção com a alegação de que a área pertence ao Parque. A atuação da ASA refere-se no momento, a tentar retirar essa área da área de Parque "trocando-a" por outra área não habitada e fora dos limites.

<sup>16</sup> Silveira, Pedro Castelo Branco. 1998 (*mimeo*).

... pelo menos acho que foi para isso que ela foi formada, mas ela acabou se envolvendo com tudo, então, é uma associação que briga por formação profissional do pessoal aqui, problemas assim agrários, o problema do recuo do parque, estava em cima o tempo todo e conscientiza muito o pessoal...

Acaba fazendo o papel de associação de bairro mesmo. Sabe aquela função de reunir a comunidade, discutir sobre os problemas que tem mesmo, e chamar o prefeito se for preciso; então a ASA tem esse lado, acabou mudando um pouquinho. Sei lá, foi formada para uma coisa e acabou misturando, mudando um pouquinho a personalidade da associação. Mas também nessa questão, como a gente tem a atuação mais no município mesmo, de todos os problemas que o bairro tem, então a gente trabalha com uma série de coisas, além da questão dos monitores que foi um passo que a associação deu. Eu acho que contribui muito para o pessoal aqui e ainda tem o trabalho que a gente está fazendo, trabalho com a escola. trabalho com parcerias com outras firmas assim ...

Essa situação gerou (e gera) muito conflitos no bairro, o principal deles, citado por Fifi <sup>17</sup>, (coordenadora da ASA na gestão 1999 – 2001) foi a dificuldade enfrentada por moradores do Bairro da Serra em reformar ou ampliar suas casas (quando estes residem dentro da área do parque). Fazendo uma reflexão sobre o papel desempenhado pela ASA no Bairro da Serra, Fifi relata que o principal resultado

Que nem a latinha, foi um trabalho que veio da associação. A associação começou a discutir, tal, e eles mesmos começaram a fazer a coleta, eu cheguei de enchirida, tal. Comecei a me meter no meio, vamos trabalhar. Daí eles tinham um certo tanto já de latinha arrecadada, mas isso entre os monitores, o pessoal, e aí vamos colocar na escola no meio, aí a escola começou a trabalhar também. Daí consegui fazer um convênio com uma firma lá de São Paulo que pegava as latinhas em troca de bens materiais, então, ventilador - tinha que está levando os créditos para lá, porque a gente tem um crédito bom lá, para ver pelo que vai trocar. Então veio, foi um trabalho que partiu da associação e acabou englobando a escola também.

<sup>17</sup> anotação do caderno de campo, abril de 2000.

de seu trabalho foi a mudança da visão do morador a respeito do Parque. Para ela: *"a relação do bairro da Serra com o Parque era uma coisa antes da ASA, agora é outra. A população hoje não vê mais o Parque como um oposto, mas como oportunidade de trabalho"*.

O segundo objetivo da ASA é a formação de Monitores Ambientais – como já descrevi anteriormente, entre os projetos da ASA, esse é o de maior destaque.

E o terceiro objetivo, a interface com educação por meio de parceria com a escola do Bairro. Conforme conversas informais com grande parte dos/as professores/as e coordenação, a escola já desenvolve, a algum tempo, projetos em conjunto com a ASA.

Um desses trabalhos é o acompanhamento em saídas de campo dos alunos; esse trabalho é feito voluntariamente por algum Monitor Ambiental com tempo disponível. Outro trabalho citado é a reciclagem de lixo. O lixo reciclável (principalmente deixado por turistas em feriados e finais de semana) é recolhido pelos alunos, armazenado na escola e comercializado pela ASA que

*Então as vezes eu me confundo um pouco, não sei se eu sou professora, se eu estou trabalhando pela associação, ou se eu estou trabalhando pela escola, então vira, fica meio misturado, tem esse lance, de eu misturar um pouco as coisas e tem uma pá de coisas que a gente consegue muito com a associação. Por exemplo para escola, eu consegui fazer uma formação muito boa através do que a associação tem, a questão assim da biblioteca, que a associação tem, que recebe muito, por ser uma ONG, acaba recebendo um monte de material, livros; livros que ajudaram muito na minha formação, lógico que ajudava muito as crianças também, porque acabei podendo passar uma série de coisas, e eles têm acesso a muitos cursos, muita capacitação, se tem alguma coisa a gente vai, acaba, a gente aprende cada vez mais. Sempre está conversando, se reúne, discute alguns dos problemas, acaba ajudando muito na sua formação. Você fica mais politizada e também a associação consegue muito material para escola assim, didático mesmo.*

reverte os benefícios para a escola. Segundo as professoras, esse trabalho é acompanhado pela reflexão sobre os problemas da produção de lixo aliado ao consumo exagerado e desperdício. Entretanto, professores e coordenação expuseram sua demanda por um trabalho mais constante, com a participação mais freqüente das pessoas envolvidas com a ASA dentro da escola, para isso, duas professoras (Cecília e Lígia) ligaram-se à ASA no setor relativo à educação entre 1999 e 2001 e, na eleição de 2001, a Cecília passou a participar diretamente da coordenação da entidade.

Ressalto a importância da participação das professoras na ASA como um processo de politização, isto é: a participação direta na ASA propiciando, além de um maior entendimento dos problemas e demandas da comunidade a atuação direta na busca da resolução desses problemas. É o exercício político que pode refletir diretamente nas práticas escolares, na sala de aula, o que vai ao encontro do pensamento de Matthias Finger<sup>18</sup> em que as ONGs podem ser vistas como "*agentes de aprendizado social*" pois podem abrir espaço para a participação ativa das pessoas nas decisões ligadas a sua realidade. As ONGs seriam, segundo esse conceito, peças chave para a discussão sobre uma sociedade sustentável e apresentação de alternativas econômicas e sociais que possam contribuir para modificações na opinião pública. Para Lúcia Ferreira, o papel principal das ONGs "*na atualidade talvez possa ser resumido em apontar evidências de que há inúmeras possibilidades de superar a crise global atual*"<sup>19</sup>.

Ainda dentro desta perspectiva Avanzi<sup>20</sup>, em discussão sobre a relação entre ONGs e escolas, coloca duas ordens de desafio para essas relações: repensar o espaço público da escola ampliando o espaço para um "*fazer autônomo, democrático e coletivo*" e "*colocar a escola em comunicação com a aprendizagem que se constrói na prática social*". É importante ressaltar desse pensamento que essa relação deve ser vista e praticada como uma relação de diálogo e construção coletiva garantindo, com isso, a participação de todos, a busca pelas mudanças de postura e pela autonomia da escola sem passividade e/ou assistencialismo e sem que se possa esquecer de problematizar o papel do poder público na educação.

---

<sup>18</sup> Finger, Matthias. 1996: 60-5.

<sup>19</sup> Ferreira, Lúcia da Costa. 1998:18.

<sup>20</sup> Avanzi, Maria Rita. 1998:94-5.

Érica - Você estava falando da associação - E os monitores? Os monitores mesmo, formados por esses cursos da ASA, eles atuam só quando vocês saem para ir em cavernas, que eu sei que sempre tem alguém que acompanha, mas além disso eles tem algum trabalho com a escola ou é mais a parte da diretoria, do pessoal, mais a diretoria da ASA?

A parceria existente no bairro da Serra entre a ASA e a escola é vista de diferentes maneiras pelas pessoas envolvidas. Para os professores, a parceria ainda deixa a desejar em vários aspectos, principalmente no que se refere à constância da presença dos monitores na escola. Para Samantha, a coordenadora da escola, a parceria entre a ASA e a escola não é tão forte como ela vê sendo colocado pela coordenação da ASA, o entendimento de parceria, na fala dela, subentende uma atuação constante e não apenas em momentos específicos como atendimento a pedidos de monitoramento para saídas de campo ou a coleta de lixo. Segundo ela, se os trabalhos são feitos pelas duas professoras participantes da ASA, a coordenação da ONG entende o trabalho como parceria com sendo um trabalho da ASA, "*mas eles são funcionários da escola, e daí? Qual a diferença?*"<sup>21</sup> para ela, essas professoras, nesses momentos, trabalham pela escola e não pela ASA.

---

<sup>21</sup> Anotações no caderno de campo, setembro de 2000 (pp. 129-130)

Cecília - A parte da ASA, na escola, acaba ficando meio restrita ao pessoal da diretoria. Quanto ao pessoal que a diretoria tem é nessa questão mesmo didática na hora que a gente acaba saindo em campo, vai para uma caverna. Qualquer momento que precisar, solicitar, eles sempre estão ali, a fim de ajudar tal. A escola não suga tanto quanto poderia, acho que até poderia aproveitar mais. Acho que é uma questão até de estar se organizando, quer dizer, é muito pouco tempo que muita coisa aconteceu, acho que tem muita coisa que precisa ser organizada, para gente poder estar trabalhando. Dentro da monitoria, dentro do pessoal que se formou, existem pessoas com muita capacidade mesmo de está ajudando na escola, aquela coisa assim, vir lá, está ajudando, dando uma palestra ou outra, participando no horário de recreação, só que ainda não tem esse trabalho, mas acho que é uma questão, disso que eu falei de está se organizando, de está propondo, o pessoal é super aberto para esse tipo de coisa ...

Pensando a escola como um espaço sócio-cultural, ou seja, considerando todas as subjetividades envolvidas, o que é vivido por cada sujeito e seus posicionamentos políticos e culturais; a parceria com uma ONG pode ser entendida, então, como uma possibilidade de ampliação do espaço escolar como agente/grupo social. Contextualizando no bairro da Serra, podemos compreender essa parceria como um novo espaço que se forma, uma nova organização social surgida no encontro de diferentes instituições, um espaço que pode discutir novas possibilidades de geração de renda e de sustentabilidade ambiental para o bairro em um processo de transformação da relação negativa entre conservação ambiental e qualidade de vida que discutimos acima.



*Saindo da discussão sobre o papel da escola neste trabalho, Cecília começa a falar sobre a relação entre pesquisa, pesquisadores e moradores do Bairro. Mais especificamente sobre as pesquisas que "somem", isto é, aquelas das quais os moradores participam, mas não mais têm notícias depois que os pesquisadores deixam a região.*

*Cecília - (...) eles são meio assim com a questão de pesquisador aqui dentro, por isso que - acho que você sentiu um pouquinho - porque veio muita gente estudar aqui, continua vindo e vai continuar. Não sei o que o pessoal gosta tanto de lá, porque. Mas vem muita gente, e o que acontece? Vieram muitos para cá, estudaram, conheceram, pegaram conhecimento, porque o pessoal daqui conhecia uma série de coisas interessantes, então pegou conhecimento e foram embora e acabou, não trouxeram nenhum retorno, não ajudou em nada tal, então as pessoas ficaram meio assim, meio desconfiadas. Por exemplo a Lígia mesmo, você deve ter sentido mais ou menos isso. A Lígia já é direta, ela fala na cara.*

A não existência de um retorno das pesquisas às populações não é problemática exclusiva do bairro da Serra, deparamos-nos com essa questão em vários momentos de nosso trabalho em todo o Vale do Ribeira.

*(...) Hoje em dia, tanto na escola quando as pessoas vem procurar a gente, quanto na associação, a primeira coisa que se toca é isso, você precisa dar um retorno para comunidade do que você está fazendo. Você vai fazer uma palestra do que você conseguiu descobrir, você descobriu aquilo tal, você tem trabalho de levantamento, você vai trazer algum material para escola que vai ficar exposto, que vai ajudar na sua pesquisa - alguma coisa que dê retorno (...)*

*(...) então aqui tem muito disso, demora para você conseguir se encaixar, para você conseguir se encaixar na comunidade, na escola, entendeu, as pessoas te aceitarem, é difícil, é uma característica do pessoal daqui, fechadinho. Aqui as pessoas casam sempre com elas mesmas. Aqui é primo com primo, acho até que tem um monte de problemas, sei lá, então é uma comunidade muito fechada, acaba sendo muito difícil de você penetrar, quem vem aqui para trabalhar acaba tendo essa dificuldade (...)*

(...) No começo quando eu comecei a trabalhar com o pessoalzinho, sair com os alunos, levar eles comigo, eu percebi que era uma questão só de passeio, depois deu para perceber que conforme eles foram fazendo os cursos, se especializando mais, eles começaram a ter mais facilidade de trabalhar, porque eles estão trabalhando com aluno mesmo não com colega do bairro. Então é uma coisa mais profissional, eles sabem chegar na hora, vamos por aqui, nesse lugar aconteceu isso, histórico, eles conseguem passar isso ai. Então já ajuda bastante. No começo era engraçado, como eu trabalhava com os meninos na formação, na monitoria, sempre trabalhando um curso, alguma coisa, então eu ficava meio de espiã. Eu ficava só olhando como era o desenvolvimento deles. E parecia que eles saíam mesmo com a função de recreação, e eu comecei puxar: conta tal coisa que você aprendeu, alguma coisa que você viu, ai começou a desenvolver. Hoje em dia a gente vê cada um que é uma belezinha. Trabalham muito bem, sabe, eles conseguem mesmos desenvolver um trabalho muito legal e é gratificante. Você vê que acabou participando dessa formação, então é bom, é interessante. E a criançada da escola, eles estão crescendo com esse tipo de idéia - eu quero ser monitor, eu quero trabalhar com isso. E já tem esse tipo de trabalho mesmo, na escola, de conscientização, então você já cresce querendo ser.

Nesta fala, Cecília destaca a importância do trabalho com as crianças na escola para a formação para o turismo, um aspecto que sempre é lembrado nas falas dos/as professores/as, monitores/as e coordenação da ASA, que traz a preocupação com a saída dos jovens do bairro por falta de perspectiva de trabalho. Mas, e os que não querem ser monitores ambientais? Para estes há uma outra possibilidade de trabalho para ficar no bairro da Serra?

Érica - E querendo ficar ou ainda tem muita gente ainda que tem a idéia de ir embora?

Cecília - Hoje em dia, já é mais difícil do pessoal querendo ir embora, você percebe que o pessoal já pensa assim - meu pai está abrindo uma pousadinha - tem dois quartos é uma pousada, está conseguindo fazer alguma coisa . Vou trabalhar com ele lá, para se sustentar, o pessoal não está muito saindo mais, está ficando mais aqui. Esse pessoal mesmo, que trabalha, trabalha mesmo de monitor a gente tem uma 40 pessoas, rapaziadinha assim. Esse pessoal não tem a idéia de largar os que eles tem aqui para sair. Então, acho que tudo tem que se trabalhar direitinho, direcionado para que de repente eles não tenham que perceber que o campo está saturado, que não dá mais para ficar.

Então eu acho que a questão do turismo aqui vai desenvolver mais ainda, para isso vai ter que ter muita gente cabeça para estar direcionando isso, senão de repente vai ter uma chuva de gente aqui querendo seu pedacinho da fatia, o que não é muito grande, mas o pessoal acha que é. Vai começar a vir muita de gente e acaba virando naquela mesmo. O pessoal continua sem serviço tal ou então empregado de quem acabou vindo aqui e que não é

... E é assim, eles começam a se formar, já começa a abrir mais a cabeça, porque sempre a gente consegue incutir uma coisa ou outra, então eles acabam vendo que o mundo é um pouquinho maior que o próprio umbigo. Daí começam a perceber que tem muitas coisas para fazer...

A preocupação com o aumento do fluxo de turistas transparece não só na fala da professora Cecília como também nas discussões a respeito do Parque com pessoas ligadas à sua administração. O aparecimento constante da região na mídia e a popularidade dos “esportes radicais” fez com que esse fluxo aumentasse ainda mais.

Se no início deste trabalho (1999) os anos sem feriados prolongados significavam um ano de pouco dinheiro para os moradores da Serra, atualmente, um final de semana comum significa movimento e monitorias constantes. Esse grande fluxo de turistas traz também as agências especializadas, já com seus guias, não utilizando a monitoria local, o que traz o medo da saturação do mercado de trabalho e, novamente, a impossibilidade de permanência dos jovens na região.

*(...) E também a questão de formação de uma associação mesmo, a associação tem a ASA que a gente trabalha assim, a ASA tem o departamento de monitoria, está se estruturando, tem lá o pessoal da monitoria, diretor do depto tal, que precisa também estar acertando e trabalhando muito, direcionando o trabalho da monitoria, formar mesmo um núcleo de monitoria, onde as pessoas possam chegar e os trabalhos sejam direcionados. Tem tal caverna para ir, tem tal monitor para que todo mundo possa trabalhar, como se fosse uma cooperativa mesmo. Esse trabalho tem que ser feito meio rápido. É interessante, a primeira turma de monitoria é de 95 ou 96, uma turma pequena e, depois dessa primeira turma começou curso de monitoria no Vale inteiro (...)*

*(...) para que eles consigam o que eles têm de direito, precisa ser direcionado, fazer um trabalho certo, senão é lógico que vem gente de fora, com a cabeça muito mais aberta e vai pegar o espaço deles. É esse tipo de consciência que a gente tenta colocar na cabeça deles. Só que não tem ainda aquela união desejada, que tudo dê certo, isso ainda é um sonho, acho que com o tempo a gente vai conseguir, mas por enquanto a gente está engatinhando (...)*

Cecília - [no feriado] é lotado de gente, o bairro tem na média de 600 pessoas, no feriado ele fica com 4000 pessoas. O bairro é muito pequenininho, não tem estrutura mínima nem para quem está aqui, você já pensou alojar 4000 pessoas? Então é lógico que tem muita gente de olho nisso, percebe isso, percebe que pode desenvolver, que pode ser um polo turístico, que pode se desenvolver, se acontecer o negócio da estrada, de repente começa o esgoto sai e isso aqui vai crescendo, dá para fazer um trabalho que vai ter muito campo para as pessoas trabalharem. Então se de repente o pessoal começa a vir trabalhar aqui, logicamente que vem mais especializado, vem com curso de inglês, sabendo um monte de coisa, vai tomar o lugar da criançada...

... porque as crianças hoje em dia, estão crescendo aqui até por uma questão da formação familiar, eles já não conhecem o que os pais conheciam. Então já não tem tanto para oferecer se a gente não der essa formação, eles não vão ter o que oferecer. As pessoas vêm e querem saber como que é o caipira mesmo, o que você conhece daquela erva, o que é bom para tal coisa, não é mesmo? Como que é o bicho de tal lugar, como que é, ensinava, no meio do mato não sei onde. Quem não conhece isso está ficando para trás, é só as pessoas mais velhas e isso não está sendo passado. Não tem aquela questão de tradição mais, que tinha antes...

A preocupação com o aumento do fluxo de turistas e a concorrência que surge com a entrada de outros guias na região é uma constante. É nessa preocupação que surge a necessidade de se diferenciar o trabalho, dos monitores locais oferecerem "algo a mais" para os turistas.

Para a Cecília, esse diferencial pode ser o conhecimento da história e da cultura do bairro. A tradição, os costumes e conhecimentos considerados "dos antigos" como um meio de diferenciação da comunidade, dos jovens.

... antes as pessoas, os mais velhos daqui, eles conhecem muito daqui, porque caçavam, tiravam palmito, eles conhecem tudo. Você fica boba de ver, você conversa com o Didi, Seu Antonio, nossa eles conhecem tudo! Se você for pegar o filho do seu Antonio, já conhece menos, e o filho do filho cada vez menos. Você pega uma mudinha de [palmito] jussara chega para criança pequenininha - O que é isso? - Não conhece.

Érica - Vocês estão querendo trabalhar isso na escola?

Cecília - É meu sonho. Há dois anos atrás nós fizemos um trabalho de levantamento sócio-econômico. Foi um trabalho magnífico, foi um trabalho muito gostoso. Não sei se o Pedro chegou a comentar com você. A Lígia tem um trabalho de levantamento genealógico. Tem os trabalhos do histórico do pessoal mais velho, tipo assim o pessoal conta, aí a gente fez um trabalho de levantamento de como que era, a quantidade de pessoas, como que é agora, de dados estatísticos.

Érica - Vocês tiveram vontade ou tiveram a alfinetada de alguém?

Cecília - Foi assim, tinha um seminário de educação que ia ser feito ...

Érica - Aquele lá de Iporanga?

O primeiro "Seminário de Iporanga" aconteceu em outubro de 1997, uma reunião que envolveu cerca de 300 pessoas entre professores/as, diretores/as e outros/as participantes com o objetivo de discutir "*a educação e seus vários aspectos e suas relações estreitas com a problemática ambiental em nível de região*"<sup>22</sup> principalmente com relação às mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e municipalização do ensino básico que, na região, implicariam no fechamento de diversas escolas rurais e, conseqüentemente, na impossibilidade de muitas crianças de freqüentarem a escola.

<sup>22</sup> Anais do "Seminário de Iporanga". 1997. p. 05.

A escola possui, também, um trabalho de etnografia do bairro, que consiste em um levantamento bianual de dados sobre o bairro: o número de pessoas nas famílias, qualidade da moradia, renda, comércio e pousadas existentes... Esse trabalho é feito geralmente em conjunto com os alunos, nas aulas de matemática, e os dados constam do Plano Político Pedagógico da escola. No documento final do "Seminário de Iporanga" há um registro dessa primeira sistematização, e foi denominado de "Tese da Serra" onde levantaram os números de escolaridade e fatores de evasão do bairro.

A sistematização dos trabalhos e projetos realizados ou em andamento na escola foi apontado diversas vezes como um problema e um sonho. O sonho de ter um livro, uma publicação que mostrasse esses trabalhos da escola e um problema para realizar essa sistematização. Um problema de tempo, de paciência, de disponibilidade, de apoio. Em uma das visitas à escola, em agosto de 2000, a professora Cecília me mostrou os trabalhos apresentados em um encontro de coordenadores de escolas da região. Alguns trabalhos já estavam desmontados e ela falou que isso é comum, fazendo com que elas tenham sempre que remontá-los para novas apresentações.

*Outro dia a gente estava comentando: Vamos fazer isso virar realidade, vamos levantar esses dados certinho e vamos fazer um livrinho onde as crianças possam estar pesquisando, as histórias estão aí e estão se acabando. As pessoas, as páginas dos livros estão sendo arrancadas, não é mesmo? Com o tempo, daqui a 10 anos, nada mais vai ter. A questão dessa cultura que eles têm aqui, as pessoas mais velhas não passam mais, antigamente os mais novos tinham interesse em saber - ô pai, como que é que eu faço para plantar tal coisa? - O pai passava pro filho, tinha interesse porque era a vida dele. Hoje em dia não, agora é geração coca-cola.*

*Érica - Não pode mais plantar...*

**Cecília** - *É, então mudou a característica deles aqui, se você não conseguir segurar isso mesmo num: vídeo, segurar num livro, bau bau e acabou, então esse trabalho é um compromisso que eu e a Lígia, a gente tem com isso, a gente vai fazer, nem que seja para um monte de gente chegar...*

Tem muita gente que já está interessado no que a gente já fez, no que a gente já tem. Já está trabalhando em cima disso, só que a gente quer fazer um trabalho certinho. Um arquivo interessante, por fotos, por documentário, com gravações. Então a gente vai fazer esse trabalho, é um compromisso que a gente tem, a gente está adiando. Meu Deus, tanta coisa para gente fazer ainda!

Nossa idéia é assim: começar o trabalho fazendo levantamento de histórias. Contar a história é como se a gente tivesse vivendo a história naquele momento. Acho que tem que gravar eles falando, filmar mesmo, então esse trabalho a gente vai fazer.

Daí levantamento de dados a gente já vem fazendo, já vem guardando alguma coisa, esse trabalho já está no levantamento genealógico deles, é interessante mas só que é muito confuso porque um casa com o outro assim.

Então esse trabalho a gente quer fazer, junto com as crianças porque pelo menos eles vão aprendendo, vão aprendendo um pouquinho deles mesmos. Quem sou eu? Nem sou daqui, de repente quer ensinar para eles quem eles são? Acho que tem que ser assim mesmo, não pode deixar perder os que eles tem aqui.

## 5. TEMPO DE REMEMORAR

*"o registro do trabalho seria esse tipo:  
armazenar o caso, guardar na caixinha da memória,  
ou sei lá onde, para depois passar a própria  
experiência..."<sup>1</sup>*

No caminhar da pesquisa e da escrita deste trabalho muitos foram os caminhos que se abriram para trilhar. Um dos que mais me chamou atenção, e que aqui tentarei percorrer, foram as discussões sobre *tempo* e, mais a gosto do aqui percorrido, *processo temporal*. Passado-presente-futuro nem seria futuro-passado-presente nem presente-passado-futuro ou... Sem procurar "resolver" nenhuma questão, procuro aqui os *traços* dessas discussões no caminhar do projeto no bairro da Serra e nas possibilidades que se abrem a partir delas. As diferentes maneiras de se pensar o passado, o presente e o futuro que podemos encontrar dispersas e, por vezes, confusas e contraditórias, nas falas e registros podem explicitar as maneiras que os três espaços desta pesquisa (escola, ASA e bairro) são entendidos, olhados, pensados, sonhados...

Pensando em um *processo temporal* onde se produzem/inventam sujeitos. Sujeitos buscados, resgatados e atualizados nas relações com o turismo e nas tradições do bairro, em um *processo temporal* que vai se constituindo. Uma *"idéia de passado passa a ser simultânea com o presente, e ao mesmo tempo que há essa simultaneidade passado/presente, um passado começa a ser*

---

<sup>1</sup> Fala da professora Lígia, em reunião de HTPC do primário, abril de 2001.

*imaginado ainda por se fazer em um futuro que ainda está por vir*"<sup>2</sup> ou ainda, *"um passado que não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo"*<sup>3</sup>.

Não uma história, mas uma memória. E memória que também vai se constituindo. Uma memória que, quando colocada em movimento, quando lembrada, retomada, torna-se narrativa: *"a memória estaria guardada em segredo e só voltaria se fosse narrada no presente (outro presente), e isto que reaparecesse, no exato momento em que surgisse, deixaria de ser memória e passaria a ser narrativa"*<sup>4</sup>.

Narrativa de acontecimentos, fluida e também em movimento. Uma memória *nômade* que traz as relações e as não relações entre esses acontecimentos e narrativas que vão se constituindo em seus caminhos. Também não uma negação da história, mas a possibilidade de colocar outros acontecimentos e narrativas para compô-la e produzir novos espaços e novos sujeitos.

Acontecimentos e espaços que transformam e constituem os sujeitos, inventando-os. Qualquer itinerário que se tome pode-se passar por diferentes espaços povoados de acontecimentos que vão modelando os sujeitos. E os sujeitos mesmos se tornam acontecimentos, *devires*. *"O devir-verdade do sujeito, como devir-sujeito do tempo é o que 'faz passar todo o presente para o esquecimento, mas conserva todo o passado na memória'. E se o esquecimento fecha o caminho para todo retorno aquém do presente, é a memória que a partir de então funda a 'necessidade do recomeço'"*<sup>5</sup>.

Mas construir quais novos espaços e novos sujeitos? Constituição esta que passa pela relação com o *outro*. *Outro* que aqui, como já colocado na primeira parte deste trabalho, escolhemos ser o turismo e todas as mudanças com ele chegadas. E pensando em constituição de sujeitos, podemos pensar na busca de identidades e identificações, discussão que retomaremos mais à frente.

---

<sup>2</sup> Amaral, Adriana C. L. 2000. p. 31.

<sup>3</sup> Deleuze *in* Alain Badiou. 1997. p. 77.

<sup>4</sup> Amaral, Adriana C. L. 2000. p.33

<sup>5</sup> Deleuze *in* Badiou Alain. 1997. p. 81-2.

A memória, podemos pensá-la aqui, não como um simples refazer o passado, mas um retorno a ele, um retorno que traz ao presente, já de uma forma diferenciada, determinados pontos e idéias que ajudarão a repensar o presente em que se vive e o futuro que se planeja. *"A memória na verdade mostra que o passado falta e abre a possibilidade de repetição, sempre em diferença, no futuro"* <sup>6</sup>.

É importante ressaltar esse retorno *em diferença* ... Uma volta, um retorno, um *resgate, em diferença*. Não uma repetição simples, uma cópia, mas um movimento de retorno que volta diferenciadamente produtivo, repetidamente criativo. *"A exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente, tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele [o presente] não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado"* <sup>7</sup>.

O primeiro registro sobre a idéia deste projeto está nos cadernos do já citado "Seminário de Iporanga". Neste registro, a proposta de trabalho da escola é:

*"levantamento sócio-econômico da comunidade do bairro Serra e Resgate Histórico cultural" e seus objetivos, "reconhecer a pluralidade cultural da comunidade, bem como levantar dados quantitativos" a continuidade da proposta foi colocada como: "podemos dar continuidade aos levantamentos, realizando mais entrevistas e formando uma espécie de memória da comunidade, material que servirá para as futuras gerações, bem como para qualquer interessado no assunto"* <sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Amaral, Adriana C. L. 2000. p. 32

<sup>7</sup> Gagnebin, Jeanne Marie. 1994. p. 19.

<sup>8</sup> Anais do "Seminário de Iporanga". 1997, Volume IV p. 37.

A idéia de montar uma *memória da comunidade* pode ser vista como uma forma de compartilhar a memória entre as pessoas, um movimento de procurar o passado para repensar o presente e pensar o futuro, de pensar em ações futuras olhando para aspectos do passado vistos com olhos do presente. Esse movimento é explicitado de diversas maneiras e para diversos objetivos nas falas das professoras e nos documentos que analisamos.

Mas, neste procurar uma memória da comunidade, há uma diversidade de produção de significados para os acontecimentos rememorados, para cada fala registrada. O que, nessa diversidade, é considerado importante de se registrar, de se *resgatar*?

Podemos estender nosso pensamento com a idéia de *tradição* pois, em grande parte das discussões e das falas das pessoas envolvidas neste trabalho a *tradição* é colocada e, muitas vezes, como a justificativa para o trabalho e para a importância do *resgate*. Do que se fazia e não se faz mais, do que se perdeu, do que não se quer perder, do que se quer *resgatar*.

*"... porque as crianças hoje em dia, estão crescendo aqui até por uma questão da formação familiar, eles já não conhecem o que os pais conheciam. Então já não tem tanto para oferecer se a gente não der essa formação, eles não vão ter o que oferecer. As pessoas vêm e querem saber como que é o caipira mesmo, o que você conhece daquela erva, o que é bom para tal coisa, não é mesmo? Como que é o bicho de tal lugar, como que é, ensinava, no meio do mato não sei onde. Quem não conhece isso está ficando para trás, é só as pessoas mais velhas e isso não está sendo passado. Não tem aquela questão de tradição mais, que tinha antes..."*<sup>9</sup>.

Paulo Borges, em seus pensamentos em um trabalho sobre as visões do ano de 1500 com uma aldeia guarani, ressalta a possibilidade de modificação da memória de um grupo para que esta venha a atender a aspectos históricos atuais. Um movimento

---

<sup>9</sup> Entrevista com Cecília, realizada em 08 de agosto de 2000.

de lembrar e reconstruir as experiências do passado no momento atual e a possibilidade de, neste movimento, se reinventar a tradição de acordo com as necessidades presentes. E ressalta: *"ao vasculhar o baú (...) o importante não é saber se os fatos recordados são ou não reais, mas o porquê de aqueles fatos terem sido recordados (...) porque certos elementos aparecem em detrimento de outros"*<sup>10</sup>.

Homi Bhabha nos coloca outra questão para pensarmos sobre os fatos e pensamentos que são escolhidos como "tradicionais" ou importantes para serem recordados e revividos:

*"A enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima. Trata-se do problema de como, ao significar o presente, algo vem a ser repetido, relocado e traduzido em nome da tradição, sob a aparência de um passado que não é necessariamente um signo fiel da memória histórica, mas uma estratégia de representação da autoridade em termos do artifício do arcaico"*<sup>11</sup>.

Nas escolhas de quem entrevistar, nas perguntas proferidas e nas falas das professoras há a busca por elementos que possam *identificar* as pessoas da Serra, e com as quais elas possam *se identificar*.

*"Que é o resgate cultural? Então é: fazemos com que o aluno conheça sua própria identidade, sua própria família, sua própria história e, até ontem a Samantha [coordenadora da escola] pediu essa colaboração para as famílias porque não estava tendo esse entendimento ainda, que há necessidade da família de contar a história, a sua própria*

---

<sup>10</sup> Borges, Paulo Humberto Porto. 1998. p. 42-48.

história, sua identidade, e a gente está, pelo menos eu, estou trabalhando, nesse sentido, das crianças, é um trabalho longo, tem dia que parece que você não fez nada, você só conversa com aluno, mas é onde ele traz a história dele e isso eu já estou fazendo, se depois você quiser dar uma olhada, a gente deixa separado, eles estão trazendo, por exemplo, minha história, quando começou, quem são meus pais, meus avós, quando e como eles se conheceram, já tem mais ou menos isso...alguma coisa nesse sentido" <sup>12</sup>.

Identificações e identidades que podemos pensar como construídas nas relações entre diferentes culturas, como diz Bhabha: no diálogo, negociação e articulação das diferenças culturais que podem emergir em "*momentos de transição histórica*"<sup>13</sup>. Pode-se, nessa fusão de diferentes tradições culturais, criar uma nova cultura que busca articular essas diferenças e as relações entre o "velho" e o "novo", como no caso das pessoas que mudam de país, de região:

*"Elas [as pessoas] são obrigadas a negociar com novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são nem nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas, irrevogavelmente, são o produto de várias histórias e culturas interconectadas [...] elas são irrevogavelmente traduzidas"*<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Bhabha, Homi K. 1998. p. 64-5.

<sup>12</sup> Fala da professora Lígia, em reunião de HTPC do primário, abril de 2001.

<sup>13</sup> Bhabha, Homi K. 1998. p. 21

<sup>14</sup> Hall, Stuart. 2000. p. 89

A tradição se coloca nesse processo de *tradução* não pela persistência, não por estar sempre presente de uma mesma forma, mas por sua capacidade de aparecer como justificativa em certos momentos gerados por demandas. Tradição essa que se constrói, que se inventa, e que, então, se pode usar como justificativa.

Ao que podemos propor um paralelo com o que Derrida nos coloca a respeito do poder da memória: *"Isto porque o poder da memória, de acordo com Jaques Derrida, não está em recusitar o passado, mas em um 'ato constitutivo do espírito que é limitado a seu próprio presente e orientado a caminho do futuro de sua própria elaboração'"*<sup>15</sup>.

A partir dos diferentes objetivos ou motivos que levam / levaram as pessoas a procurarem esse *resgate* queremos destacar alguns pensamentos diluídos nas falas e escritos aos quais tivemos contato. Pensamentos que não podemos colocar em contraponto um ao outro, não são "defendidos" por pessoas diferentes ou em momentos diferentes. São pensamentos que se misturam, se fundem, se confundem nas mesmas conversas, nos mesmos documentos. São pensamentos que podem nos mostrar a multiplicidade de visões do bairro, da escola, da ASA. Diferentes visões do que se têm, do que se teve e da busca do que poderá ter.

Pudemos destacar, então, o que agrupamos em dois objetivos visualizados pelas professoras com relação ao trabalho de "resgate histórico cultural":

- a) a busca por um reencontro com práticas e histórias do passado como forma de instrumentalizar os jovens do bairro para o trabalho com um turismo que pode, desta forma, ser diferenciado do trazido por guias e agências externos ao bairro - Há uma visão, bastante comum no bairro, do turismo como única possibilidade de renda e de vida para as pessoas. E, dentro do turismo, o papel dos guias, dos monitores ambientais, como central. Para isso, o bairro deve se adequar para o recebimento de turistas: as instalações, as comidas, a forma de se vestir, de falar, de viver... Dentro desta idéia, a ASA teria papel central

---

<sup>15</sup> Amaral, Adriana C. L. 2000. p.31.

na formação desses monitores, papel esse muito bem incorporado pela gestão anterior da entidade mas que acabou dando a ela o caráter de associação apenas de monitores, não atingindo, portanto outras pessoas da comunidade. Uma necessidade urgente no bairro é a garantia de trabalho não apenas para os jovens, mas para todos os moradores. A implantação do PETAR tirou a possibilidade, por vários anos, de geração de renda por meio das atividades conhecidas por essas pessoas e a chegada do turismo e dos cursos de Monitores Ambientais trouxe novamente a possibilidade de as famílias continuarem no bairro. A concorrência com monitores de outras regiões, principalmente os que vêm de São Paulo acompanhando as excursões para o PETAR, é a grande preocupação atual.

*b) a idéia de buscar uma relação entre os conhecimentos antigos e novos, uma proposta de revalorizar os conhecimentos e cultura locais como uma forma de valorização de uma identidade local - "Outro dia a gente estava comentando: vamos fazer isso virar realidade, vamos levantar esses dados certinho e vamos fazer um livrinho onde as crianças possam estar pesquisando, as histórias estão aí e estão se acabando. As pessoas, as páginas dos livros estão sendo arrancadas, não é mesmo? Com o tempo, daqui a 10 anos, nada mais vai ter. A questão dessa cultura que eles têm aqui, as pessoas mais velhas não passam mais, antigamente os mais novos tinham interesse em saber - ô pai, como que é que eu faço para plantar tal coisa? - O pai passava para o filho, tinha interesse porque era a vida dele"<sup>16</sup>*

Em um momento que ilustra bem o movimento entre as duas motivações para o resgate que falamos anteriormente, Cecília, logo no início da pesquisa, explicitou a necessidade de se trabalhar o turismo na escola, porém, sem perder a *"identidade cultural e histórica"* do bairro, a necessidade de *"retomar com as crianças o ato de plantar, o conhecimento das plantas/animais que as*

---

<sup>16</sup> Entrevista com Cecília, realizada em 08 de agosto de 2000.

*peças da Serra tinham e que agora não têm mais passado isso para as crianças” e a vontade de “gravar as histórias dos mais velhos do bairro”<sup>17</sup>. Em outro momento, a idéia de resgate, para ela, passa fortemente pela questão do turismo e da formação dos monitores ambientais:*

*“Quando eu vim para cá eu fiquei balançada porque a questão do meio ambiente é tão próxima, tão pulsante. Aí veio o trabalho dos monitores e tal. Mas está se perdendo muita coisa, está chegando uma geração que não sabe fazer uma horta... e aí eu fiquei pensando: por quê? Como é que pode perder isso? (...) Eu comecei a fazer esse trabalho com as outras professoras e foi super importante para mim porque ficou inacabado e desde lá eu fico tentando acabar isso (...) Eu fico viajando em como era a primeira mulher que morou aqui, como se formou. Resgate é isso, é conhecer, é saber as raízes. E quem conhece gosta, preserva”<sup>18</sup>*

Na fala abaixo, Lígia explicita um caminho de pensar o turismo além da monitoria ambiental mas, principalmente, um medo de que a cultura do local se perca:

*“Eu não queria ser professora, fui por falta de opção e o pessoal daqui é monitor ambiental assim também. Acho que eles não são monitores porque querem, não o pessoal mais antigo. O pessoal mais novo é que eu acho que vai gostar de verdade disso. Não acho que a monitoria é única forma possível de ganhar dinheiro, acho que o turismo sim, mas não só com monitoria. Que as pessoas podiam servir comidas típicas, vender artesanato, além dos esportes que agora estão na moda como o bóia-cross. Acho o trabalho dos monitores legal, mas não com toda a empolgação que a Cecilia tem, por exemplo. Tenho medo que a cultura daqui se perca, a cultura do bairro, da região. As comidas, os artesanatos, o uso das ervas, as crenças, as histórias”<sup>19</sup>*

---

<sup>17</sup> Anotações do caderno de campo, abril/2000.

<sup>18</sup> Anotações do caderno de campo, abril/2001.

<sup>19</sup> Anotações do caderno de campo, abril/2001.

Buscas por saber o que modificou que poderia voltar, mas pensando um espaço onde seja possível a identificação pelos novos sujeitos que estão se formando, uma formação que se quer que aconteça na relação com o turismo mas sem que se percam as características peculiares da comunidade e das pessoas que nela habitam.

*"Nós queremos concluir esse trabalho sobre a história da terra por dois motivos: um porque é o sonho nosso fazer isso aí, e a criançada está ficando perdida mesmo, eles não conhecem mais nada do você conhece, do que as pessoas têm aqui na terra (...) e pela questão do trabalho do pessoal, os monitores mais novos que estão aí (...) então, a gente está conversando com algumas pessoas para contar alguma história, alguma coisa sobre a terra que ela lembra, quanto mais notícias, melhor!"<sup>20</sup>.*

Uma movimentação que se parece com a da alquimia, proposta por Michel Maffesoli:

*"Por estágios sucessivos, os materiais brutos, heterogêneos uns em relação aos outros, entram em composição para levar à pedra filosofal, objeto da busca iniciática, naquilo que tem de unificadora. É assim que o longínquo ressoa no que está próximo. Por pouco que se esteja atento a isso, podemos ouvir nas coisas habituais o eco, mais ou menos ensurdecido, de um valor, de um modo de ser ou pensar vindo de outro lugar. As culturas, em seu momento fundador, souberam, assim, misturar no cadinho de sua tradição as múltiplas contribuições do estrangeiro"<sup>21</sup>.*

---

<sup>20</sup> explicação do trabalho dada pela Profa. Cecília em entrevista ao Sr. José, em 10/05/2001.

<sup>21</sup> Maffesoli, Michel. 2001. p. 102.

Uma movimentação que vai procurar acontecimentos e sentimentos que retomem e revivam aspectos que possam trazer essas identificações com o bairro mas em uma relação com outro. Uma movimentação que traz outro movimento em si, o de *enraizamento dinâmico* que explicitamos no início desta dissertação: *"Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir deste lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente"* <sup>22</sup>.

Uma dinâmica que pode forjar uma familiaridade com o lugar. *"Familiaridade das coisas e das gentes, familiaridade do meio ambiente e das paisagens, dos costumes, das tradições e dos hábitos, tudo isso é permanentemente trabalhado por seu contrário. Aquilo que é estranho"* <sup>23</sup>.

*"Cada vez que volto à Serra ela parece ainda mais diferente e mudada. Se eu comparo com o início da pesquisa, a mudança é fenomenal. Cresceu, ampliou. Um puxadinho aqui, um telhado ali, uma casinha acolá. De dia de semana os homens trabalhando no que der: pedreiro, eletricista, encanador. Todos são um pouco de tudo. As mulheres cuidam dos filhos, dos sobrinhos, dos vizinhos ... cozinham, lavam, passam, vão para a roça ... preparam-se para o final de semana. Da única vez que fiquei para ver num feriado, a poeira subiu com os carros. Os turistas ficavam passando por todos os lados com seus macacões coloridos, capacetes e carbureteiras. Os mais velhos do bairro sumiram. Os mais novos se agitaram. A noite ganhou movimento e o dia todo ganhou um barulho que não é o da mata, é do PETAR"* <sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> *Idem.* p. 79.

<sup>23</sup> *Idem.* p. 102.

<sup>24</sup> Anotações Caderno de Campo, maio de 2002. (PETAR = Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira)

Há a busca, neste trabalho, de uma valorização do local, da diferença, da peculiaridade. Um movimento que Stuart Hall aponta ao pensar sobre o processo de globalização do mundo atual: *"ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da 'alteridade'. Há, juntamente com o impacto do 'global', um novo interesse pelo 'local'. A globalização (na forma de especialização de flexível e da estratégia de criação de 'nichos' de mercado), na verdade, explora a diferenciação local"*<sup>25</sup>.

O resgate da história do bairro tem uma função, aqui, de diferenciar o "local" e, desta forma, garantir a permanência e o sustento dessas pessoas no bairro. Um pouco do que Homi Bhabha nos coloca a pensar quando fala sobre *"o trabalho fronteiriço da cultura"*: *"(...) essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado refigurando-o como um 'entre-lugar' contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O 'passado-presente' torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver"*<sup>26</sup>.

Como já colocamos anteriormente, as mudanças ocorridas no bairro modificaram não só a relação entre as pessoas mas delas com a natureza e com o conhecimento considerado importante. Muito do conhecimento que pais e avós detinham não mais faz sentido para os jovens dentro da nova ordem do bairro.

Para Boaventura de Souza Santos o passado pode, reinventado, possibilitar uma nova forma de se pensar buscando uma transformação social: *"o passado é um relato, e nunca um recurso, uma força capaz de irromper num momento de perigo em socorro dos vencidos (...) articular o passado historicamente não significa reconhecê-lo como verdadeiramente foi, significa apoderarmo-nos de uma memória tal como ela relampeja num momento de perigo"*<sup>27</sup>. Estamos, aqui, falando de construções, de invenções e de opções políticas, como já destacamos no início deste texto (parte 1 – "Anúncio de um movimento").

---

<sup>25</sup> Hall, Stuart. 2000. p. 77.

<sup>26</sup> Bhabha, Homi K. 1998. p. 27.

<sup>27</sup> Santos, Boaventura de Souza. 1997:105.

Homi Bhabha nos coloca ainda a questão das possibilidades que se abrem a partir de um revistar o passado, podendo nos trazer um posicionamento de manutenção de posições de dominação alicerçados em uma "história" ou possibilitar as mudanças ditas anteriormente e alavancar resistências:

*"o processo enunciativo introduz uma quebra no presente performativo da identificação cultural, uma quebra entre a exigência tradicional de um modelo, uma tradição, uma comunidade, um sistema estável de referência, e a negação necessária da certeza na articulação de novas exigências, significados e estratégias culturais no presente político como prática de dominação ou resistência"<sup>28</sup> .*

A proposta de se fazer um "resgate histórico-cultural" passa, portanto, por um processo de criação, de invenção de histórias, de tradições, de sujeitos, de identidades. Uma das características marcantes de todo o trabalho foi a procura de como organizá-lo, como torná-lo mais visível. Há uma busca pela sistematização dessas histórias, a procura por uma origem, um início, com a construção das árvores genealógicas e há a busca, também, por um local para a passagem, a estabilização dessas construções: a escola. É sobre esses aspectos que trataremos nos dois próximos itens.

---

<sup>28</sup> Bhabha, Homi K. 1998. p. 64.

## 6. ONDE É MESMO QUE ERA A ESCOLA?

*"Um momento comum, daqueles que se repetem todos os anos, um **ritornelo**, em que crianças aguardam ansiosas para apresentarem o teatro para suas mães. É dia das mães! Olhos emocionados, que podem sorrir mesmo com o prenúncio da chuva, olhos que vêem as pequenas flores cantando, recitando poesias, dançando desenraizadas. Apenas mais um momento comum, que acontece em todas as escolas. Uma homenagem, como tantas as que eu fiz quando era criança e ainda hoje faço, à minha mãe, e que, provavelmente o leitor também..."<sup>1</sup>.*

A escola teve um papel muito próprio durante o processo deste trabalho. As discussões, mesmo antes de minha chegada, começaram pela escola. Foram retomadas na escola em meio a reuniões e conversas com a minha presença, e, em certo momento (final de 2000) foi feito um planejamento do trabalho e do que fazer também dentro do espaço (físico e temporal) da escola (*vide item "Um trabalho feito em grupo"*).

Entretanto, esses espaços de discussão e planejamento foram sempre batalhados. Apesar de a chegada na escola ter sido simples e a posição oficial ter sido a de que poderíamos desenvolver o projeto com total apoio, isso não se refletia no cotidiano dos trabalhos. A ida ao Bairro da Serra e a utilização dos horários de HTPC uma vez ao mês eram negociados a cada dia, sendo que

---

<sup>1</sup> Dias, Suzana Oliveira. 2002. p. 112 (grifos da autora).

algumas vezes, mesmo com avisos e planejamentos prévios, esses espaços eram preenchidos por outras atividades, impossibilitando o desenvolvimento das discussões.

No começo de 2001, como já dito anteriormente, muitos dos professores que se dispuseram a participar do projeto em 2000 desistiram. Dedicaram-se a outros trabalhos e projetos, à formação pessoal ou às suas aulas. O projeto passa, então, a ser feito em parceria com apenas duas professoras: Cecília e Lígia.

Nesse caminho, a escola torna-se ainda mais distante. Nas primeiras entrevistas conseguíamos levar alguns alunos para formular as perguntas e nos acompanhar, o que ficou impossível nas seguintes.

Nos primeiros momentos era possível usar os espaços de HTPC para o planejamento, discussões e entrevistas, o que foi ficando também cada vez mais difícil. Esses momentos acabaram passando para os finais de semana e horários de folga das professoras, saindo completamente da escola.

Em junho de 2001 organizamos uma "ciranda de senhoras", cinco senhoras na escola, em roda, conversando com as crianças sobre seu tempo, os costumes e histórias passadas (vide item *Várias histórias para cirandar*). "A organização dessa "ciranda" trouxe à tona a falta de apoio da escola, da coordenação, da diretoria de ensino (que havíamos procurado no início de 2001)"<sup>2</sup>. Em meio ao preparo do almoço que fizemos juntas mais uma vez, conversamos sobre os rumos do trabalho, a forma como estávamos fazendo o trabalho, a relação das professoras com a ASA e, principalmente, a falta de apoio da escola.

*Cecília: [falando sobre entregar para a coordenadora da escola o projeto de resgate histórico cultural do bairro que tínhamos escrito na minha última viagem] aí ela decidiu que, decidiu não, praticamente mandou: "então me entrega". Eu não estou mais a fim de entregar o que eu escrevi, percebeu o que a gente está sentindo agora?*

---

<sup>2</sup> Anotações do Caderno de Campo, junho de 2001

*Érica:* eu já tinha percebido, das últimas vezes que vim para cá, nem na escola mais eu estava indo.

*Cecília:* Eu falei para você do negócio do recesso de ir à biblioteca e tal, você viu, quanto eu estou pedindo ... ah, sexta feira não dá porque você vai estar sozinha [desde o início do projeto, procurávamos um espaço para irmos juntas à biblioteca do PETAR pesquisar os documentos lá guardados]. Eu não quero mais que as coisas recaiam sobre mim e a Lígia, se é para fazer trabalho de grupo, vamos fazer trabalho de grupo e não individual que depois leve o nome de todo mundo, se é para fazer individual então fazer individual e leva só o nome da gente, é ou não é? É complicado isso.<sup>3</sup>

Havia passado um texto para elas que fala sobre o papel do historiador na construção da história, a minha idéia era que elas pensassem nesse texto e a relação entre o trabalho de resgate histórico cultural e a profissão de professoras. Com isso veio à tona a discussão de que este não é mais um trabalho delas como professoras, mas como comunidade. Para a formação do grupo de monitores, por exemplo. E a dificuldade de trabalhar dentro da escola.

*“Lígia:* Sempre que a Érica está aí ela [a coordenadora da escola] não acha positivo, sempre tem um monte de coisa no HTPC. Você já sentiu isso, Érica!

*Érica:* Já.

*Lígia:* Então em termos de escola, eu não estou contando muito não. Estou contando que ... o que eu estou passando para as mulheres é aquilo que eu realmente acredito:, que

---

<sup>3</sup> Entrevista com Cecília e Lígia realizada em junho de 2001.

vai ficar uma coisa registrada que a gente possa usar mais tarde. O meu objetivo é esse, só esse.

*Cecília:* na verdade sempre foi, mas a gente quis deixar uma coisa mais ampla e agora está vendo que não dá.

*Lígia:* Mas não quero também ficar falando do nomezinho de ninguém. Não está definido isso, tem que chegar lá, conversar com a Samantha, conversar com os professores: "eu vim aqui todo mundo falou que ia me ajudar só que até agora ninguém fez isso, então" ...

(...) *Érica:* é, mas aí ... a gente fez até o plano de trabalho, lembra? Teve aquela discussão toda, bacana até, e depois na hora de trabalhar ninguém quis, ninguém fez. Então não estou pensando como um trabalho da escola, mas como um trabalho de nós três e é isso, mas... mesmo assim, mesmo que não seja da escola, vocês são professoras, e aí? Tem alguma diferença isso ou não faz diferença nenhuma?

*Cecília:* É uma dúvida que eu tenho

*Érica:* porque pode não fazer diferença nenhuma.

*Lígia:* nós sermos professoras está ajudando esse trabalho?

*Érica:* não sei, é uma pergunta!

*Lígia:* é pessoal

*Cecília:* o profissional, ali ...

*Lígia:* não está ajudando em nada

*Cecília:* não está ajudando em nada, entendeu? Porque, usar o meu nome como professora não está ajudando em nada, em termos de tempo, em termos de espaço, entendeu? O que eu

consegui? Eu consegui imprimir algumas coisas lá, eu posso fazer isso em casa, no computador. Eu vou ter que tirar um dia para isso, e daí?

**Lígia:** esse negócio de subir na secretaria do Parque não precisa ser professora, pode ser qualquer um, quem quiser pode ir lá, não é mesmo?

**Cecília:** mas o negócio é o seguinte, quem quer ir? Eu quero ir, eu quero ver o material que tem, só que o profissional nesse caso, no meu tempo de serviço, eu não vou conseguir nunca que ela me libere para mexer com material da biblioteca da associação, entendeu? É isso que eu estou querendo te dizer. Então, olha, a gente está mexendo com que tempo? Tempo que eu tenho na minha casa, tempo que eu tenho para minha família, entendeu? Porque está enrolado esse negócio da biblioteca até agora lá na associação? O João quer que eu vá lá, falei: não vou cara! Porque eu trabalho o dia todo! Eu quero chegar em casa e ficar um pouquinho, cheirando meus filhos e tal... Essa semana eu fiquei dois dias em reunião lá... Então você chega, e está cansada, então eu estou tendo que usar que tempo? Tempo disponível que eu tenho para ficar na minha casa. Então não é o profissional que está agitando, é a Cecília, é ou não é? Então outro dia que falei para você que deixei tudo, eu fui no sábado que eu estava fazendo a festinha deles lá, porque precisava uma pessoa para ficar cuidando da escola, aí eu falei, está bom, eu vou, só que preciso fazer uns negócios no computador... Daí ela liberou, por quê? Porque ela precisava que tivesse uma pessoa que ficasse responsável pela escola. Mas eu tive que ficar o dia inteiro lá porque precisava ter uma pessoa que...e eu precisava do computador, entendeu?

**Lígia:** A escola não dá nada, não troca nada...

*Cecília: Então vai continuar assim, tudo bem, a gente trabalha, e tal, só que agora é a gente...<sup>4</sup>*

Em um movimento de tentar trazer à escola uma história diferenciada há, no desenvolvimento do trabalho, uma desestabilização da condição de ser professor. *"Ser professor não está fazendo diferença nenhuma"* diz uma das professoras enquanto a coordenadora, refletindo sobre um trabalho feito por professores/as que também participam da ASA pergunta: *"mas eles são funcionários da escola, e daí? Qual a diferença?"*.

Aqui podemos conversar com Inês Teixeira<sup>5</sup> que vê os professores como atores sociais de grande visibilidade. E dentre outras questões levanta uma pergunta instigante: que traços singularizam os professores perante outros grupos sociais? Para esta autora é necessário entender o professor como sujeito sócio-cultural:

*"Os sujeitos professores não são apenas profissionais. Embora o magistério seja parte significativa de sua experiência e identidade, eles vivenciam em seu cotidiano outras práticas e outros espaços sociais, como a família, o lazer, a cidade. Muito embora estes universos estejam articulados, apresentam territorialidade, rituais, linguagens e gramaticalidade próprias, ampliando as experiências constitutivas dos sujeitos"<sup>6</sup>.*

Três momentos devem ser analisados, segundo a autora, para se singularizar o professor: *"a relação professor aluno"* (de troca, aprendizado, conflito, tensão e intimidade), *"a instituição escolar e seus desdobramentos sobre a condição docente"* e a *"especificidade do tempo na vida do professor"*.

---

<sup>4</sup> Entrevista com Cecília e Lígia realizada em junho de 2001.

<sup>5</sup> Teixeira, Inês in Dayrell, Juarez, 1996. p. 179-84.

<sup>6</sup> *Ibidem* p. 181.

Os sujeitos, portanto, se constituiriam de suas experiências vividas, seriam "*seres de ação*" inseridos no mundo. "*Coexistindo no mundo, neste 'estar entre os homens', os sujeitos se fazem sujeitos políticos. Sua ação é ação política, na qual está dada a possibilidade de sempre começar algo novo*" <sup>7</sup>.

E aqui podemos pensar na dimensão política da atuação do professor, da escolha dos conteúdos a serem ministrados ao relacionamento professor-aluno. Como bem aponta Kincheloe em diálogo com Paulo Freire "*as escolhas diárias de atividades para a sala de aula têm dimensões políticas que giram em torno de questões de quem faz as escolhas*" <sup>8</sup>. As decisões tomadas trazem, portanto, a vivência dos envolvidos, suas experiências e pensamentos que se fazem perceber na sala de aula, nas relações de construção do conhecimento, nas relações pessoais e nas relações entre escola e comunidade.

Não procurando alimentar a dicotomia da escola como mera reprodutora da estrutura social vigente *versus* a escola como salvadora do mundo, mas pensando nas ambigüidades e conflitos como descrevemos acima, o professor também pode ser visto e entendido dentro dessas ambigüidades e conflitos, construindo-se e reconstruindo-se no cotidiano.

Se pensarmos na construção de identidades se dando por meio da produção de sentidos com os quais podemos/conseguimos nos identificar, sentidos esses, que são dados por imagens e histórias construídas sobre os espaços – a nação, o bairro, a escola <sup>9</sup>: qual o sentido da escola e do ser professor neste trabalho em específico?

As professoras procuram um novo sentido para a escola com o projeto: articular suas aulas com as mudanças que vêm estar ocorrendo no bairro. O sentido de ser professora é poder dar aos alunos uma possibilidade do que fazer sem sair dali, sem se perder do ser da Serra, ser da roça, ser do mato...

---

<sup>7</sup> *Idem*, p. 186.

<sup>8</sup> Kincheloe. 1997. p. 202-3.

<sup>9</sup> Hall, Stuart. 1998. p.51.

No momento em que isso parece ser barrado – não há uma vontade da escola, ou da coordenadora, em produzir *esse* sentido para *esse* espaço – o ser professora passa a não ter mais sentido no desenvolvimento do projeto na escola. Há um fortalecimento da necessidade de produzir um *sentido para o lugar*, para o Bairro, independentemente de serem professoras:

*Lígia: é pessoal*

*Cecília: o profissional, ali ...*

*Lígia: não está ajudando em nada*

E "*Qual a diferença?*" A diferença que vejo é com relação ao espaço para o qual há a preocupação de produzir um sentido possível de identificação pelas pessoas: o Bairro incluindo a escola ou o Bairro independentemente se há escola ou não.

Pelas falas das professoras muitos foram os projetos que passaram pela escola (ou que a escola passou por eles?), mas muito poucos foram incorporados ao cotidiano de trabalho ou serviram de base para tomada de decisões... muitos, incluindo o nosso, aconteceram fora do horário de trabalho dos/as professores/as sem quase nenhum apoio institucional. Vemos, no caminhar da conversa, o descrédito a essas iniciativas e ao real interesse da escola para o desenvolvimento delas.

*"Cecília: mas assim, a questão do trabalho na escola, a gente estava conversando aquela hora, a Inês propôs o trabalho para a 7ª série, jogou no dia e acabou, entendeu? Então não tem uma continuidade. Tudo bem, eu não vou falar que estou assim em cima deles, é muita coisa. Semana passada a Samantha não estava aí, os professores não estavam aí, eu praticamente não consigo ficar dentro da sala de aula então é muita coisa em cima, eu preciso descentralizar um pouco isso, tirar de cima de mim a carga, está cansando. Mas tudo bem, continuar fazendo o trabalho do jeito que a gente está fazendo e depois todo mundo levar mérito falar que todo mundo fez, então ... não*

*adianta, não vou mesmo, não estou afim de fazer isso. Até hoje eu não entreguei o projetinho que a gente escreveu, ela ficou falando “áh, a gente precisa por no plano” mas consegui sair para ir na biblioteca? Não”.*

Um projeto de “resgate histórico cultural” estaria trazendo novos caminhos para a escola?

Para Gilberto Velho “*o projeto é elaborado dentro de um campo de possibilidades que se configura em meio a preocupações, problemas e temas de interesse que são priorizados por aqueles que elaboram o projeto em certo momento (...) o projeto é algo que pode ser comunicado. A própria condição de sua existência é a possibilidade de comunicação*”<sup>10</sup>. Qual a “capacidade de comunicação” existente no projeto – comunicação desses sentidos que estão sendo buscados para o lugar, para as pessoas? A escola não estaria sendo constantemente buscada por representar um espaço privilegiado para essa comunicação?

Além da ampla comunicação possibilitada pela escola há outra possibilidade possível no adentrar ao seu espaço: o de validação, de reconhecimento do nosso trabalho de “resgate histórico-cultural” como legítimo, importante, necessário a todos.

E com esse ir e vir, a escola se faz sempre presente nos tempos das conversas. Uma escola que é chamada a todo o momento, lembrada, repensada, sonhada, sempre de volta.

Em julho de 2001, novamente na escola, acontece a *Ciranda de Senhoras*, um evento que reuniu cinco senhoras da comunidade para contar suas histórias para alunos/as e professores/as sobre o bairro, sobre suas vidas, sobre suas visões das mudanças ocorridas na Serra. Havia outras possibilidades de espaço para essa reunião, como o salão comunitário ou um dos núcleos do PETAR, mas o espaço escolhido – e batalhado – foi o da escola.

Nessa conversa, muitas foram as cores lembradas.

---

<sup>10</sup> *in* Dias, Suzana Oliveira. 2002. p. 130

As primeiras perguntas foram relativas à escola, perguntas que senti como uma busca das professoras por valorizar o espaço da escola. Uma espécie de recado do tipo “viu? A escola é importante e não somos só nós que achamos”...

Crianças que iam correndo à escola com o lanche na bolsa, trazido de casa pois na escola não havia merenda – uma melhoria dos tempos atuais, citada por todos/as os/as entrevistados/as. A escola que era de madeira, com bancos também de madeira, uma professora brava que mandava ajoelhar no milho quem não fizesse a lição. Uma escola que ficava longe para muita gente, como ainda fica, e que fez e faz muitos desistirem de estudar.

Diferenças com a escola dos dias de hoje que as professoras quiseram marcar fortemente. Várias foram as vezes que voltavam a perguntar sobre as amizades e como eram as aulas, as professoras, as cadeiras, o prédio. Imagens que se queria de volta e com força.

Enquanto isso, uma aluna entra no meio da conversa para saber das brincadeiras, uma pergunta rapidamente sobreposta por outra, novamente sobre a “escola-institucional”...

*Lígia* – onde é mesmo que era a escola?

*Dona Elisabete* – a escola era lá onde a Dona Luzia mora...

*Lígia* – onde a Dona Luzia mora...

*Dona Elisabete* – era de madeira a casa...

*Lígia* – era 1ª. e 2ª. Série? Como é que era?

*Dona Elisabete* – antigamente falava 1º. ano, 2º., 3º. e 4º. Ano. Então não era como fala agora.

*Aluna - vocês brincavam de quê?*

*Dona Leopoldina - tinha cantar, tinha aquele de amarrar um pano e tampar o olho...*

*Dona Elisabeth - é cobra-cega.*

*Dona Leopoldina - cobra-cega, cabra-cega, não sei bem.*

*Dona Elisabeth - é cobra-cega, é.*

*Lígia - Dona Clara, a sua escola, sua professora como é que era?*

*Dona Clara - a minha escola nesse tempo era lá na Pousada das Cavernas. Tinha um porão. A professora minha era Dona Gilda, Dona Tereza... só lembro dessas duas.*

*Cecília - até que série a senhora estudou?*

*Dona Clara - eu estudei até a 3ª. De onde eu morava para ir à escola era difícil.*

Lugar de alegria e saudade, de amigos de toda a vida e com lembranças capazes de levar uma das senhoras às lágrimas. Lembrança de um desses momentos comuns, destes que têm em todas as escolas, em qualquer lugar, a qualquer tempo.

*Dona Rina - na escola tinha festa de sete de setembro, cada um levava uma coisa de comer e beber.*

*Dona Elisabeth - cantava e depois cada um recitava verso.*

*Aluna - a senhora lembra de algum verso que recitou em 7 de setembro?*

*Dona Elisabeth - lembro, lembro sim!*

*Aluna - recita para a gente?*

*Dona Elisabeth - aí até choro! Mas sei decor...*

*Dona Elisabete - era bem arrumadinha a escola, era de tábua, mas era bem arrumadinha.*

*Lígia - e caneta?*

*Dona Leopoldina - caneta naquela época...*

*Dona Elisabete - era pena, a nossa era pena.*

*Cecília - pena de galinha?!?!*

*Dona Elisabete - não! É um negócio que você põe assim no tinteiro.*

*Dona Leopoldina - isso era para a turma mais adiantada, senão era lápis. Era um lápis com uma borrachinha na cabeça do lápis. Hoje em dia é diferente. E a caneta era difícil senão borrava tudo, então tinha que ter a mão muito leve. Mas mesmo assim era gostoso lá! A gente saía, brincava, o lanche a gente mesmo levava, era uma batata assada, um cará assado, um qualquer coisa, não tinha nada de sanduichinho igual hoje, mas era muito gostosa naquela época. Era muito bom.*

Era de madeira MAS era bem arrumadinha ... não tinha merenda MAS era gostoso lá ... a professora mandava ajoelhar no milho MAS era muito boa (do jeito dela...), era tempo de pobreza MAS a gente ia para a escola, MESMO ASSIM era gostoso...

Cores de uma escola e de um tempo em que as coisas eram bem difíceis, ninguém deixa de frisar isso, como não deixam de citar como muitas coisas melhoraram; a merenda, a água encanada, a eletricidade... mas, mesmo assim, uma época que deve ser lembrada, também nas suas dificuldades.

Não um passado lembrado apenas como maravilhoso – o bom é o que era – mas um passado lembrado com carinho, com sentimento, lembrando-se do que era bom e do que não era.

Histórias que se queria recolher, gravar e escrever. E é sobre esse processo que falaremos a seguir.

## 7. SISTEMATIZAÇÃO E ESCRITA

*“Vocês são como as páginas de um livro. Tem muita coisa na memória de vocês que as crianças, se não souberem por vocês... eles vão esquecer. Tem muita coisa que eles não conheceram como, por exemplo, o que vocês falaram de roça, que é bom eles estarem conversando para guardar essa memória”*<sup>11</sup>

A idéia do “resgate” passou por vários momentos de conversas e negociações. Não foi imediata a escolha deste entre outros temas que surgiram nas inúmeras reuniões e conversas nos corredores, salas, ruas e casas. A discussão sobre o que fazer, como fazer e por que fazer esse trabalho... Muitas informações já haviam sido coletadas e algumas idéias pensadas, mas uma questão sempre apareceu nas discussões: a necessidade de fazer uma sistematização desse material já existente seja em papéis espalhados, seja na memória de cada uma e, além disso, de fazer uma sistematização da história da região, do bairro e de suas pessoas.

A sistematização dos trabalhos e projetos realizados ou em andamento na escola foi apontada diversas vezes como um problema e um sonho. O sonho de ter um livro, uma publicação que mostrasse esses trabalhos da escola e um problema para realizar essa sistematização. Um problema de tempo, de paciência, de disponibilidade, de apoio. Em uma das visitas à escola, em agosto de 2000, a professora Cecília me mostrou os trabalhos que a coordenadora (Samantha) tinha levado para apresentar em um encontro de coordenadores de escola da região. Ela falou que eles sempre desmontavam e depois tinham que montar de novo as apresentações.

---

<sup>11</sup> Professora Cecília em fala às senhoras participantes da *Ciranda de Senhoras*, em julho de 2001.

*"Samantha - E quanto ao resgate, o resgate eu acho que é uma boa, eu acho que deve fazer, eu concordo em gênero, número e grau. O que a gente puder, estar se unindo para estar resgatando eu acho viável porque a vida é passageira e logo a gente vai deixar isso aqui e sei lá eu, espero que demore 100 anos, mas eu acho que tem que ter aqui alguma coisa marcada entendeu, você precisa estar conhecendo o seu passado. Uma coisa que eu gosto muito e acho muito bonito é sempre ter vontade de estar trabalhando, outro dia mesmo estava a Cecília e a Renata, eu comecei a escrever o que ela tinha falado, do tempo que ela veio para cá, como era o bairro e se eu pudesse até eu teria esse levantamento comigo porque eu acho muito bom, viável mesmo, a criançada conhecendo o passado do resgate , eu acho muito importante*

*Érica - Por que você acha muito importante?*

*Samantha - Eu acho que tem que registrar porque as coisas vão se perdendo como eu acabei de dizer, de curta memória, essas pessoas que estão por aqui se elas não deixam alguma coisa marcada, gravada, de repente elas estão "gagás" e não lembram de mais nada e aí a gente não vai ter um histórico disso aqui, não vamos saber o que aconteceu a não ser o que os outros venham e consigam escrever e está por aí" <sup>12</sup>.*

Um trabalho já em andamento, de forma fragmentada, aqui e ali, por esta e por outra pessoa mas, de qualquer forma, já existente. À sinalização de que poderíamos desenvolver "até o final" esta recorrente idéia, há uma movimentação para a elaboração de um texto – um projeto – que possa ser somado ao "Projeto Político-Pedagógico" da escola. Há a necessidade da sistematização

---

<sup>12</sup> Entrevista com Samantha, realizada em abril de 2001.

por escrito, seja da proposta, seja do "produto final", mas deixar gravado, registrado, escrito o que foi feito, com as autorias devidamente marcadas.

É a necessidade de transformar a memória em escrita. Uma escrita que possa ser lida na escola, no bairro.

Para continuar a pensar sobre esse processo de sistematização e escrita, gostaria de trazer pequenos trechos de um texto de Bartolomeu Campos de Queirós chamado "*Foram muitos, os professores*". Por meio da recriação de momentos de sua vida, Bartolomeu Queirós nos faz viajar nas suas lembranças de como aprendeu a ler e escrever.

Meu avô, arrastando solidão, escrevia nas paredes da casa. As palavras abrandavam sua tristeza, organizavam sua curiosidade silenciosamente. Grafiteiro, afiava o lápis como fazia com a navalha. A cidade era seu assunto: amores defeitos, madrugada e fugas, casamentos e traições, velórios e heranças. Contornava objetos: serrote tesoura, faca, machado – e ainda escrevia dentro dos desenhos um pouco do destino de cada coisa; o serrote sumiu, a tesoura quebrou, o machado perdeu o corte. Eu, devagarinho, fui decifrando sua letra, amarrando as palavras e amando seus significados. Meu avô era um construtivista (sem conhecer nem a Emília do Lobato) pela sua capacidade de não negar sentido às coisas. Tudo lhe servia de pretexto.

A escrita, assim como a fala, nos permite a construção de uma narrativa, a produção de uma realidade com a qual as pessoas podem se identificar, amarrar sentidos, criar significados. Pela escrita, entretanto, em espaços que exigem uma maior fixidez das coisas – como a escola - pode haver um maior reconhecimento da memória narrada, dando mais visibilidade aos significados, sentidos e sujeitos ali produzidos.

*"Conhecimentos produzidos coletivamente podem constituir relatos que dêem 'visibilidade' e 'existência' a identidades ainda não descritas pelas narrativas [existentes] (...) É preciso encher o mundo de histórias que falem sobre as diferenças, que descrevem infinitas posições espaço - temporais de seres no mundo (...) O mundo, as vidas de pessoas, as identidades são construídos, reinventados, instituídos a cada nova história que circula" <sup>13</sup>.*

Como vimos anteriormente, há uma busca pela construção de novos sujeitos para o bairro, sujeitos estes articulados com a nova configuração iniciada com a implantação do PETAR e a chegada do turismo. E há, portanto, a necessidade de identificação das pessoas com esses novos sujeitos criados. É preciso que as pessoas decifrem essas letras-identidades, amarrem essas palavras-narrativas e amem esses significados-criações. Para Bhabha, uma das condições para a compreensão do processo de identificação é que este *"nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem"* <sup>14</sup>.

A sistematização e escrita das histórias e imagens coletadas parecem-nos um caminho de produção de imagens (des)identificadoras. Um caminho que traz uma maior possibilidade de comunicação dessas histórias, ao mesmo tempo em que traz amarras por se tornar algo não tão mutável como a memória e sua passagem oral. *"A escrita, segundo Jaques Derrida, deve ser legível e iterável, produzir uma marca que garantirá a repetição [com diferença] em qualquer contexto, visto que nenhum contexto se fecha mais sobre si mesmo e tampouco possui um centro absoluto"* <sup>15</sup>.

Adriana Amaral destaca, ainda, que, para Derrida, *"na relação entre escritura e memória há uma diferença fundamental observada por Freud que dá superioridade à memória, por ela se capaz de 'tornar duradouros acontecimentos que só se produzem uma vez'*

---

<sup>13</sup> Costa, Marisa Vorraber. 2002. p. 104-11.

<sup>14</sup> Bhabha, Homi K. 1998. p. 75-6.

<sup>15</sup> Amaral, Adriana Córner Lopes do 2000. p. 34.

*(...) primeiro algo é lembrado e depois escrito, e se a memória pode atualizar mas também pode modificar constantemente essa lembrança com a presença, a escritura não o pode'* <sup>16</sup>.

Mas a escritura possui seu movimento, pois, assim como a memória, o tempo, os sujeitos e narrativa, para Derrida, a escritura é feita de traços. *"Traços que marcam sua presença com uma ausência, a ausência do que já passou e com isso inauguram sempre, a toda hora, uma nova origem em um presente que se renova a cada instante"* <sup>17</sup>.

Eu restava horas sem fim, de coração aflito, seduzido pelas histórias de amor, de desafeto, de ingratidão, de mentiras do meu primeiro livro – as paredes da casa de meu avô. Assim, percebi o serviço das palavras – facas de dois gumes. Meu avô desdizia verdades eternas com as mesmas palavras com que escreveram a *Bíblia Sagrada*: “A bondade de Deus só não deu asa à cobra porque a cobra não cobrou; à noite todos os pardos são gatos; para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra; em casa de ferreiro pobre até o espeto é de pau porque não tem nem fogo”. Essa sua capacidade de negociar com as palavras, de buscar seus avessos, me atordoava e me seduzia.

O movimento da escritura que podemos entender como residual e dinâmico, uma narrativa escrita e não oral. Um movimento pensado pelas professoras para que a história do bairro pudesse se fixar, uma identidade que pudesse ser lida, um caminho pronto. Entretanto, os significados das palavras, ainda segundo Derrida, não podem ser fixados, visto que esse significado surge nas relações

---

<sup>16</sup> *Idem*. p. 34

entre as palavras: *"As palavras são 'multimoduladas'. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado"*<sup>17</sup>

Meu avô escancarava o mundo com letra bonita e me deixava livre para desvendar sua escritura.

Mesmo escrita, mesmo tentando passar apenas uma identidade, uma versão, uma visão, cada história trará novos movimentos a cada leitura, para cada leitor, a cada tempo, a cada espaço. Avessos, novas leituras, atordoamentos, novas identidades, seduções, outras identificações, desvendamentos surgirão impossibilitando a fixação desta história, desta escrita.

*"E se escrevo, da mesma forma que um nome, prescindindo da presença de quem fala. A escritura passa a responder por aquele que a escreveu, levando seu nome adiante no momento da inscrição, torna-se a memória dele, em nome dele"*<sup>18</sup>. E quais seriam as implicações nestas relações entre memória e escritura?

Para iniciar, podemos destacar a unicidade de cada instante, instantes que não podem ser resgatados inteiramente, mas rememorados e repetidos com e em diferença. Rememorações que dependem que quem as formula, para que e quando. *"Sempre ficção e não a cena em si"*. Dramatizações e desfiles de máscaras. *"O instante do resgate se torna mais importante que o instante a ser resgatado"*<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> *Idem.* p. 31.

<sup>18</sup> Hall, Stuart. 2000. p. 41.

<sup>19</sup> Amaral, Adriana. 2000. p. 37.

<sup>20</sup> *Idem.* p. 38-9.

A escritura, entretanto, por não exigir a presença de alguém, pode atravessar um tempo mais longo sem modificações. *"O ser na verdade se apaga sim, mas se inscrevendo. E o novo instante de uma nova presença do presente tem que ser imaginado em um novo contexto feito da ausência tornado presença"*<sup>21</sup>.

Mas como criar essa escritura desejada? A leitura das entrevistas nos imobilizava em frente ao papel branco procurando por onde começar a escrever, como continuar, como acabar... Por várias vezes nos sentamos para começar a sistematização de tudo que havíamos ouvido, visto, sentido, e os papéis apenas continuavam em branco.

Cheguei na escola de uniforme novo costurado pelo carinho de minha madrinha. Fui acolhido por Dona Maria Campos, minha primeira professora, com livro de chamada, caderno com plano de aula encapado com papel de seda (...) Sei que nesses atos singelos, praticados com gestos amorosos, dona Maria Campos me ensinou demais, muito além das paredes de meu avô. Ou melhor, me ensinava serem muitos os lugares da escrita e da leitura. De suas histórias lidas no fim da aula, eu ainda guardo o cheiro do livro.

---

<sup>21</sup> *Idem*. p. 38.

Idéia de escritura que ficou saltitantemente guardada até o final de 2002, quando Susana de Oliveira Dias passa a colaborar com o grupo de Educação Ambiental <sup>22</sup>. Mesmo longe das professoras iniciamos uma tentativa de sistematização dessas entrevistas e o caminho encontrado depois de várias conversas e imaginações foi a criação de pequenos textos, como contos, recheados das falas das entrevistas deixadas em primeira pessoa e tentando preservar a forma de falar, os tempos, as repetições, as contradições. Uma procura por outroslugares e formas de escrever. Uma forma de escrita que deixasse transpassar as multiplicidades que foram aparecendo nas falas, e uma forma de escrita que, sendo na forma de contos, nos permitisse também um espaço de criação e invenção, assim como o que as pessoas tiveram no momento das entrevistas.

Histórias que pudessem ser visitadas como a um lugar, ou vários lugares, lugares de escrita e de leitura. Lugares abertos onde se pode chegar por vários caminhos, andar por muitas curvas, passar por encruzilhadas e sair de diversas formas. Um escrita que pudesse, como os lugares, permitir uma visita múltipla, e não uma fixação de caminhos.

Além das histórias, havia o desejo de se construir as árvores genealógicas das famílias do bairro. Desejo que a professora Lígia trabalhava há anos para concretizar. Muitas pessoas já haviam sido procuradas e algumas árvores já estavam traçadas, outras estavam em papéis de rascunhos misturados e guardados em uma pasta. Uma pasta guardada a sete chaves que Lígia abriu para podermos passar todas as informações para o computador e, dali, corrigir e ampliar o que estava traçado e procurar novas famílias para terminar o trabalho.

Também uma tentativa de sistematização das relações familiares entre as pessoas do bairro, a busca de uma origem das famílias, de um início. Uma sistematização que foi realizada com dois formatos. Primeiramente, as árvores foram organizadas em um

---

<sup>22</sup> Susana de Oliveira Dias desenvolve um projeto em conjunto com nosso grupo para auxiliar no desenvolvimento das publicações com as diferentes comunidades que participaram da pesquisa e a divulgação desses trabalhos na mídia. Este projeto é desenvolvido em uma parceria entre o Laboratório de Jornalismo Científico (Labjor) e o NEPAM e conta com o financiamento do programa "Mídia Ciência" da Fapesp.

programa de computador específico para montagem de árvores genealógicas (ver *Anexo 2*) mas como mostrar esse trabalho a todos do bairro? Surge, então, a idéia de organizarmos grandes painéis com essas árvores. Idéia que também ficou guardada até o início da colaboração de Susana Dias e do artista plástico Dirceu Marins.

Dirceu Marins teve acesso a essas árvores linearmente organizadas, ao vídeo da Ciranda de Senhoras, a algumas fotos e relatos meus sobre o trabalho e o bairro. Suas criações (para minha surpresa e felicidade) acabaram desestabilizando a forma de “árvore” do trabalho desenvolvido. Não há uma raiz, um tronco e galhos, o que existe são ramificações que não trazem mais uma idéia de origem e de hierarquia, mas de interligações recheadas de imagens, cores, sentimentos, transparências, opacidades e texturas.

Imagens que podem ser visitadas. Com diversas entradas, caminhos, encruzilhadas, saídas, sentidos.

**Cirandar** – v. 1. Acirandar. 2. dançar e cantar a ciranda (*ciranda cirandinha, vamos todos c. – cantavam as crianças*). 3. movimentar-se, agitar-se em torno de alguma coisa. 4. transcorrer, passar, suceder-se. 5. passagem do tempo, decurso, roda.

Na próxima parte desta dissertação fizemos uma opção de misturar extratos de falas de diferentes pessoas para montar pequenas histórias. Fragmentos de entrevistas com moradores e moradoras do bairro da Serra.

Entrevistas que aqui queremos pensar como um momento de interação que envolve mais do que simples e desinteressadas perguntas e respostas, *“arena de significados (...) eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador-entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise”*<sup>1</sup>.

E, se as entrevistas são construídas nessa relação de interação entre as pessoas envolvidas, as histórias contadas durante esses momentos também podem ser vistas como uma construção conjunta.

É o que Rosa Maria Hessel Silveira nos coloca dialogando com Leonor Arfruch e Jorge Larrosa.

---

<sup>1</sup> Silveira, Rosa Maria Hessel. 2002. p. 120.

De Leonor Arfruch, nos traz as instigantes indagações: *“Como se conta uma história? Como se tece o que, de outro modo, seria uma mera enumeração de acontecimentos ou anedotas? De quantas maneiras se conta uma vida?”*<sup>2</sup> que costura com os pensamentos de Jorge Larrosa sobre a multiplicidade de nossas histórias, e de como, ao contar uma história construímos diferentes histórias, dependendo do momento e de para quem a contamos *“procurando provocar uma interpretação (sua interpretação) e procurando controlá-la. E aqui se abrem múltiplas diferenças, múltiplos espaços de sentido”*<sup>3</sup>.

Nas voltas da roda, nas voltas que as entrevistas podem dar há a construção de diferentes histórias e sujeitos para o bairro. E nessas voltas e reviravoltas as repetições surgem como refrões de nossa ciranda. Refrões diferenciados conforme a interpretação que se quer dar. O refrão dos entrevistados nos parece procurar uma repetição com diferença enquanto o refrão buscado pelas entrevistadoras era mais perto de uma repetição que se pudesse manter.

E é no entremeio desses diferentes sentidos procurados que novos sentidos são construídos.

Rosa Maria Hessel Silveira nos fala, ainda, mais precisamente de entrevistas que buscam trazer a história de vida dos/as entrevistados/as, isso porque acredita que grande parte das investigações na área de Educação, de uma forma ou outra,

---

<sup>2</sup> *Idem*, p. 134.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 135.

suscitam narrativas de episódios e fatos quando buscam experiências, sentimentos e vivências dos/as entrevistados/as. E, ao analisar essas entrevistas, nos traz novamente essa relação de construção que se dá entre entrevistador/a – entrevistado/a, com as discussões de Graciela de Garay: *“essa narrativa conversacional é diferente de uma autobiografia, uma biografia ou uma memória porque as conversas gravadas através da entrevista de história oral são o resultado de uma atividade conjunta, de uma negociação entre entrevistado e entrevistador”*<sup>4</sup>.

Um pensamento que encontra o de Leonor Arfruch e, neste encontro, ainda nos traz outra dimensão: não só a narrativa conversacional é o resultado de uma negociação como também de uma invenção. Uma invenção de formas e de sentidos.

*“Isto é, justamente, um relato de vida: a invenção de uma forma que dá sentido àquilo que de outro modo seria pura flutuação, heterogeneidade, torvelinho. (...) Tão ficcional como uma novela, construída com os mesmos procedimentos”*<sup>5</sup>.

E invenção de sujeitos, de espaços, de histórias forjadas num movimento entre passado-presente-futuro nem seria futuro-passado-presente nem presente-passado-futuro ou...

Trabalharemos, então, com momentos de criação, de invenção. *“Arena de significados (...) um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a ‘quersaberalgo’, propondo ao/à entrevistado/a*

---

<sup>4</sup> *Idem*, p. 135.

<sup>5</sup> Leonor Arfruch *in* Silveira, Rosa Maria Hessel. 2002. p. 136.

*uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes. Para completar essa 'arena de significados', ainda se abre espaço para mais um personagem: o pesquisador, o analista, que - fazendo falar de novo tais discursos - os relerá e os reconstruirá, a eles trazendo outros sentidos" <sup>6</sup>.*

---

<sup>6</sup>silveira, Rosa Maria Hessel. 2002. p.139-40.

## 8. VÁRIAS HISTÓRIAS PARA CIRANDAR

Trago agora, um pouco das histórias, das falas, das memórias que foram buscadas no decorrer deste trabalho. São as falas de entrevistas, conversas e da *Ciranda de Senhoras* que foram transcritas, recortadas, recoladas e revividas <sup>7</sup>, de forma a compor pequenos trechos de histórias. Trechos que tentamos deixar com os desdobramentos que apareceram nas falas, com as diferenças e oposições, trazendo a multiplicidade das versões e visões explicitadas pelos entrevistados.

Desta forma, pretendemos buscar quais os sentidos que são procurados e dados para cada assunto abordado, na busca pela possibilidade de identificação das pessoas com essas histórias. E, nesses cortes e recortes, vamos tentando mostrar os desdobramentos que foram surgindo nos sujeitos que estão sendo inventados para o bairro da Serra.

Propomos, aqui, nos concentrar em toda a situação de entrevista, e não apenas nas respostas às perguntas formuladas, o que Rosa Maria Hessel Silveira chama de perspectiva da interação: *"Da perspectiva de interação, não se pensa que existam afirmações ou posições de sujeitos 'imparciais'. Existe apenas uma fala situada*

*Antes era tudo caminho. A estrada era caminho, como esses que vão para a roça. Era andando um atrás do outro. Antigamente viajava lá pela caverna do Alambari, do meio lá que pegava do outro lado do rio. Aqui em cima da estrada. Ainda não existia a ponte para atravessar o rio, a ponte sobre o rio Ribeira de Iguape, em Iporanga. A balsa pegava o caminho que é o mesmo da estrada. Além de Iporanga a gente não conhecia mais nada. Só Apiaí. Mas Apiaí era muito difícil de ir. Iporanga mesmo era difícil da gente ir.*

---

<sup>7</sup> Este trabalho só foi possível com o apoio de Susana de Oliveira Dias, com sua criatividade, paciência e disposição para compor as pequenas histórias a partir das entrevistas. Esse trabalho, como dito anteriormente, é o início do desenvolvimento da publicação resultante do projeto de "resgate histórico-cultural", que será complementado conjuntamente com as professoras Cecília e Lígia.

*que alguém pode usar como dado, quando se tenta fazer sentido de fenômenos sociais ou culturais*<sup>8</sup>.

*Antes do Parque a gente trabalhava com lavoura. Todos os meus filhos foram criados na lavoura. O alimento era todo tirado daqui. A gente plantava feijão, arroz, mandioca. Uma mandioca deliciosa. Fazia farinha, socava o arroz no pilão. O arroz socado em pilão é bom, sustenta mais. Hoje as crianças não comem mais o arroz assim. Era uma fartura. Ah! Como era bom trabalhar na roça.*

*entrevistado também lança mão de numerosas estratégias de fuga, substituição e subversão dos tópicos propostos (...) E é nesse terreno movediço entre o esperado e o inesperado, entre a repetição e a inovação, que resvalam as entrevistas*<sup>9</sup>.

No caso das entrevistadoras há uma tentativa de produção de estabilizações para determinados acontecimentos: como a chegada do PETAR afetou a vida do bairro, como as pessoas viviam bem, antes disso, como a escola era diferente e, talvez, melhor.

---

<sup>8</sup> Silveira, Rosa Maria Hessel. 2002. p. 124.

<sup>9</sup> *Idem.* p. 126-7.

Falas situadas que são dadas por pessoas que estão também construindo sentidos ao que está sendo perguntado. Máscaras que podem ser usadas pelo entrevistador e pelo entrevistado. Perguntas que são formuladas procurando, intencionalmente, determinada resposta, e respostas que são dadas procurando, também intencionalmente, responder precisamente a esses anseios do entrevistado ou fugir deles. Um momento, portanto, de produção de sentidos e de fuga.

*"Se, por um lado, nossa imagem usual de entrevistas tenda a incluir um sujeito perguntando 'querendo saber', questionando, e chegando, em certas ocasiões, a encurralar o entrevistado (...) o*

E há a fuga pelas respostas que trazem outros momentos: como a chegada da energia elétrica foi boa, como as pessoas tinham fartura nas roças mas também era um tempo de pobreza, como eram bonitos - mas difíceis - os caminhos para se chegar às cidades, a saudade de algumas coisas e de outras não.

Com a construção das genealogias das famílias, podemos pensar num movimento de querer saber a origem do bairro, quem é de lá, quem não é. E nas respostas, aparecem pessoas que não estão mais morando no bairro, mas que são das famílias e acabam compondo, juntamente com os que ali vivem, as árvores genealógicas (de algumas) famílias do bairro da Serra.

São desdobramentos que pensamos ser incapturáveis por uma escrita que tentasse buscar apenas uma história ou uma versão da história, por um espaço – a escola - que tentasse fixar essa história como única ou qualquer movimento que tentasse transformar essa multiplicidade em algo único. Não poderíamos encontrar e, nem mesmo inventar, um sujeito para o bairro cuja unicidade não guardasse relações com os excessos “de ser”.

*De melhoria mesmo chegou muito pouco, a única coisa que melhorou foi que deu um servicinho para os monitores, nem todos. Em casa mesmo é um só. O que ele ganha para ele dá, mas para nós é um bico. Então não dá para viver disso. E antes a gente tinha liberdade para roçar, para plantar... criar as criações, galinha e criava porco, com liberdade... Mas agora não dá mais. Nós todas crescemos na roça. Eu ia longe buscar mandioca para fazer farinha. Tenho saudades até agora!*

*Aqui não tinha nenhuma venda e quando a gente queria outro mantimento tinha que comprar em Iporanga. Aqui era tudo difícil. Então tudo tinha que ir para Iporanga. E muitos não tinham dinheiro, e então pegava o que tinha me casa e levava para trocar.*

Talvez a escola não consiga trabalhar com essa multiplicidade que surgiu neste trabalho e, por isso, acabou se distanciando como um espaço para o desenvolvimento do mesmo.

Mas essas lembranças podem inventar diversas identidades para o

bairro da Serra, diversos sujeitos, diversas histórias com as quais as pessoas poderiam ter diversas identificações. Identidades, sujeitos, histórias e identificações que estão em movimento, sendo inventadas e reinventadas a cada momento, a cada fala.

*“A figura emblemática do momento leva a uma identidade em movimento, uma identidade frágil, uma identidade que não é mais, como foi o caso da modernidade, o único fundamento sólido da existência individual e social. A vida errante é uma vida de identidades múltiplas e às vezes contraditórias. Identidades plurais podendo conviver*

*seja ao mesmo tempo, seja, ao contrário, sucessivamente”<sup>10</sup>.*

Naquela época a pessoa trabalhava muito em trocar os dias. Por exemplo, hoje ia para uma pessoa, outro dia ia para outra. Fazia uma reunião. Trocava o serviço. Então, por exemplo, você tinha uma roça de feijão, a Dona Elisabeth uma de milho e a Dona Clara de arroz. Cada um tinha a sua roça e trocava só o dia de trabalho.

Falas errantes no ir e vir de um assunto a outro, no fugir das questões mais problemáticas ligadas ao PETAR, no trazer os sentimentos e sensações e não

---

<sup>10</sup> Maffesoli, Michel. 2001. p. 118.

apenas fatos datados, com nomes e espaços definidos. E, com esse movimento, a invenção de um lugar com características diferentes das que se constrói habitualmente com os discursos do ecoturismo e sustentabilidade para o Vale do Ribeira <sup>11</sup>.

Um lugar com sentimentos, com pessoas que, ao mesmo tempo, se identificam com esse lugar, que dali querem sair, que o querem mudar, que ali querem permanecer e que para ali querem voltar.

Mas não é voltar a um lugar que já foi um dia desse ou daquele jeito, mas voltar a um lugar que está se construindo.

Onde existiu muita coisa da qual se sente saudade e que se sabe que não voltará, como as roças, as criações, o viver dentro do mato. E onde existiu mais cooperação entre as pessoas, onde nasceram muitos

*A eletricidade chegou foi em 80. Tem pouco tempo! Quando vimos pela primeira vez ficamos admiradas! A gente conhecia lá de Iporanga. Foi uma festa! Teve arrastapé, um tal de ligar o ferro elétrico, a geladeira. Antes a gente punha brasa dentro do ferro. Eu pegava o ferro elétrico e até batia forte o coração de medo de choque! Mas com a luz é melhor. Ajudou muito a chegada da luz e da água. O banho agora é quente. Antes, no calor, a gente tomava banho de rio, no frio a gente sofria, pegava no rio a água numa bacia e levava para casa. Tinha dia que chovia, a gente enchia um caldeirão assim. Agora melhorou pra gente.. era a gente gosta de morar nessas casas de alvenaria porque acostumou, principalmente pelo banho que é quente, na época de frio...*

---

<sup>11</sup> Frases como "O Vale do Ribeira tem uma vocação natural para o ecoturismo" ou "Alto Vale do Ribeira: área de importância mundial para a preservação" trazem um pouco desses discursos construídos para a região. Essas frases foram retiradas de recortes de jornais sobre o PETAR, uma compilação que faz parte da dissertação de Mestrado de Luiz Afonso Vaz de Figueiredo (2000).

amores e amizades, onde famílias se construíram, onde se sabia o que existia na mata, onde tinha baile, festa – e isso se quer de volta. Um lugar que mudou e trouxe estrada, carro, eletricidade, água encanada, PETAR, turismo e, com eles, muitas famílias de volta à região – coisas que não se quer perder.

*Aqui se tornou bairro porque, quando no tempo das tropas, aqui era um ponto de parada para pernoite para se subir a serra. Posteriormente, começou a crescer e quando vinha o ônibus que passava por aqui, o Bairro já era ponto obrigatório de parada. Hoje o Bairro já está merecendo passar a distrito. Aqui também é ponto de distribuição de turismo. As pessoas que vão visitar as cavernas ficam aqui. E nós temos nessa região o maior conglomerado de cavernas do mundo, temos 247 cavernas nessa região.*

criação e manutenção de áreas de proteção ambiental. Para esta autora, um dos motivos pelos quais existem tantos conflitos em áreas de preservação ambiental é a ausência de possibilidades de construção dessas múltiplas identificações com essas áreas, prevalecendo as impostas pelos discursos políticos e científicos <sup>12</sup>.

A construção de um lugar que foge das tentativas de fixação. De pessoas que se recusam a aceitar tanto estabilizações do turismo e o PETAR como a melhor coisa que poderia acontecer para a região, como estabilizações de que isso foi a pior coisa que poderia acontecer.

Um lugar que passa de espaço a paisagem, passagem entremeada por significados, valores, histórias e sentimentos possíveis de identificações. Uma paisagem que se (des)configura nessa relação com as pessoas que ali moram. Paisagens, lugares, pedaços, espaços que são construídos culturalmente.

Relações e identificações múltiplas que Sílvia Serrão aponta que deveriam ser consideradas mais fortemente na

---

<sup>12</sup> Serrão, Sílvia Maria. 2002. p. 187-94.

A Educação Ambiental poderia, aqui, trazer a contribuição de fazer aparecer e fortalecer discursos, conhecimentos e identificações de outros grupos sociais, novas formas de se ver, ouvir, pensar, sentir e contar sobre esses espaços. Uma Educação Ambiental peculiar de cada espaço. Uma Educação Ambiental para o Vale do Ribeira. Uma Educação Ambiental para o bairro da Serra.

*Antigamente, no tempo do lampiãozinho, quando alguém morria todo mundo tinha medo. Medo de defunto! Era a coisa mais feia do mundo para nós! Aí o povo aproveitava para contar história de saci, mula-sem-cabeça. Tem quem conta que o saci ficava assobiando que nem passarinho, igual ao passarinho "sem-fim". Tem quem diz que ele era um passarinho. Até hoje o pessoal fala de saci. Lá pros lados de Iporanga é que diz que tem muito saci.*

*- Ah, é?! Mas como é que é?*

*- Peraí, você nunca viu saci?*

*- Não...*

*- Mas já ouviu?*

*- Também não ouvi não...*

*- Então a gente combina um dia pra ir esperar o saci.*

*- Oba!!!*

## BIBLIOGRAFIA

- Amaral, Adriana Córner Lopes. *Sobre a memória em Jacques Derrida*. in Glenadel, Paula e Nascimento, Evandro (org.) *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Sete Letras. 2000.
- Amorim, Antonio Carlos Rodrigues de. *Mapeando a Educação Ambiental e a Formação de Professores pelos esfacelamentos da Modernidade*. Educação: teoria e prática, vol. 9, no. 16, jan-jul – 2001 e no. 17, jul – dez - 2001.
- Anais do "Seminário de Iporanga: educação como estratégia de sustentabilidade no Vale do Ribeira". Outubro/1997.
- Avanzi, Maria Rita. *Meio ambiente e Educação para a cidadania: experiências locais nas Bacias dos Rios Piracicaba e Capivari*. Mestrado. Faculdade de Educação, USP, SP. 1998.
- Avanzi, Maria Rita; Costa-Pinto, Alessandra Buonavoglia; Nonato, Rita de Cássia; Oliveira, Vivian Gladys de; Oliveira, Caroline; Speglich, Érica; Wunder, Alik. *Primeiro relatório de atividades*. 1999. (mimeo).
- Avanzi, Maria Rita; Costa-Pinto, Alessandra Buonavoglia; Nonato, Rita de Cássia; Oliveira, Vivian Gladys de; Oliveira, Caroline; Speglich, Érica; Wunder, Alik. *A Trama da Rede: Reflexões Metodológicas sobre Construção Coletiva de Conhecimento e Educação Ambiental*. in Speranza, Franca da Matta, Gavazza, Sérgio, Almeida, Maria Cândida Moreira e Barros, Rubenildo Pithon. *Educação Ambiental: projetivas do século*. Rio de Janeiro: MZ Editora, 2001.
- Avanzi, Maria Rita. *A trama da rede: uma proposta teórico-metodológica em educação ambiental*. In: V ANPED-Sudeste: Anais. Águas de Lindóia/SP, Novembro, 2002 (no prelo).
- Badiou Alain. *Deleuze, o clamor do ser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1997.
- Bhabha, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- Borges, Paulo Humberto Porto. *Ymã; ano 1500: escolarização historicidade guarani Mbya na aldeia de Sapukai*. Mestrado – Faculdade de Educação/UNICAMP. 1998.
- Brandão, Carlos Rodrigues; Tsikioka, Crismeire Gadella & de Carvalho, Maria Celina Pereira. *O cerco do verde: o olhar dos outros sobre a questão do ambiente*. *Ambiente & Sociedade* Ano II, no. 5, 2º semestre de 1999.
- Clifford, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.
- Costa, Marisa Vorraber. *Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade*. in Costa, Marisa Vorraber (org.) *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

- Costa-Pinto, Alessandra; Wunder, Alik; Oliveira, Caroline; Speglich, Érica; Junqueira, Kellen; Avanzi, Maria Rita; Nonato, Rita; Sampaio, Shaula & Oliveira, Vivian. *Partilhando Saberes: Reflexões sobre Educação Ambiental no Vale do Ribeira, SP*. Educação: teoria e prática, vol. 9, no. 16, jan-jul – 2001 e no. 17, jul – dez - 2001.
- Costa-Pinto, Alessandra B. & Sorrentino, Marcos. Trabalhos coletivos e educação ambiental para a participação: uma parceria com moradores de Pedrinhas, Ilha Comprida/SP. *Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental*, vol.08,2002. <http://www.sf.dfis.furg.br/mea/remea>.
- Dayrell, J. *A escola como espaço sócio-cultural*. in: Dayrell, J. (org). *Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, Volume 5*. São Paulo: Editora 34. 1997.
- Deleuze, Gilles & Parnet, Claire. *Diálogos* São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- Dias, Suzana Oliveira. *Quando o conhecimento encorpa em tela: imagens de um encontro entre a escola e a universidade*. Mestrado. Faculdade de Educação/ Unicamp. 2002.
- Ferreira, Lúcia da Costa. *O ambientalismo no Brasil nos anos de 1990 : crise e oportunidade de emancipação*. XXI International Congress of Latin America Studies Association. Chicago, Illinois.1998.
- Figueiredo, Luiz Afonso Vaz. "O Meio Ambiente prejudicou a gente..." – políticas públicas e representações sociais de preservação e desenvolvimento; desvelando a pedagogia de um conflito no Vale do Ribeira (Iporanga – SP). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/Unicamp, 2000.
- Finger, Matthias. *NGOs and transformation: beyond social movement theory in* Princen, Thomas & Finger, Matthias. *Environmental NGOs in world politics: linking the local and the global*. N. York: Routledge. 1996.
- Gagnebin, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000
- Harvey, David. *Condição pós-moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- Hogan, D.; Carmo; R.L.; Alves, H. P. F. & Rodrigues, I. A. *Sustentabilidade no Vale do Ribeira (SP): conservação ambiental e melhoria das condições de vida da população*. Ambiente e Sociedade, 3 e 4:1998 –99.
- Hutcheon, Linda. *The politics of Postmodernism*. London: Routledge, 2002.
- Kincheloe, Joe L. *A Formação do Professor como compromisso político: mapeando o pós moderno*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- Maffesoli, Michel. *Sobre o Nomadismo – vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- Nancy, Jean-Luc. *Dobra Deleuzeana do pensamento*. in Alliez, Eric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

- Nascimento, Evandro. *Derrida e a Cultura*. in Glenadel, Paula e Nascimento Evandro (orgs.). *Em torno de Jaques Derrida*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- Nonato, Rita de Cássia e Avanzi, Maria Rita. *Educação Ambiental no PETAR e EEJI*. in Speranza, Franca da Matta, Gavgazza, Sérgio, Almeida, Maria Cândida Moreira e Barros, Rubenildo Pithon. *Educação Ambiental: projetivas do século*. Rio de Janeiro: MZ Editora, 2001.
- Oliveira, Roberto Chaves Feitosa de. *O gosto do desgosto – mimesis e expressão em Kant e Derrida* in Duarte, Rodrigo e Figueiredo, Virgínia. *Mimesis e Expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- Oliveira, Carolina Ladeira. *Sobre política em práticas de Educação Ambiental – "aprendendo e ensinando uma nova lição"*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, Unicamp, 2001.
- Oliveira, Vivian Gladys. *Educação Ambiental e Manejo de Recursos Naturais: o caso dos Extratores de Samambaias da Ilha Comprida (SP)*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências Florestais, ESALQ, USP, 2002.
- Ortega, Francisco. *Para uma política da Amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2000.
- Santos, Boaventura de Souza. *A queda do Angelus Novus: para além da equação moderna entre raízes e opções*. *Novos Estudos* no. 47, março/1997
- Secretaria do Meio Ambiente. *Porque conservar a Mata Atlântica? Verde perto*. SMA. São Paulo. 1996.
- Serrão, Sílvia Maria. *Para além dos domínios da mata*. Uma discussão sobre o processo de preservação da Reserva da Mata de Santa Genebra, Campinas, SP. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Unicamp. 2002.
- Silveira, Pedro Castelo Branco. *O bairro da Serra e a questão ambiental: modos de ver e agir no Vale do Ribeira (SP)*. Relatório FAPESP Processo no. 97/14513-5. 1998 (*mimeo*).
- Silveira, Pedro Castelo Branco. *Povo da Terra, Terra do Parque*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humans/Unicamp, 2001.
- Silveira, Rosa Maria Hessel. *A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados*. in Costa, Marisa Vorraber (org.) *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- Swain, Tânia Navarro. *Identidade nômade. Heterotopias de mim*. in Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- Tahan, Malba. *As mil e uma noites*. Ediouro, 2000.
- Wunder, Alik. *"Encontro de águas na Barra do Ribeira" – imagens entre experiências e identidades na escola*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/Unicamp, 2002.

## **ANEXO 1**

**Esboço da sistematização de histórias do bairro da Serra a partir de entrevistas realizadas com moradores/as do bairro entre os anos de 2000 e 2001**

**Entrevistas:** Tânia Nestlehner Costa, Sandra Heloísa Mancebo Depetris e Érica Speglich

**Organização:** Susana de Oliveira Dias

## Sobre o processo de criação dessas histórias

- Contar na primeira pessoa. Uma só pessoa, que traz em sua voz as diversas vozes ouvidas durante as entrevistas. A idéia de uma autoria coletiva. O EU perde-se no meio das falas...
- Manter a linguagem o mais próximo possível da linguagem dos moradores. Manter a escrita o mais próximo possível da linguagem oral.
- Respeitar a diversidade de versões que a história do Bairro da Serra apresenta. Os múltiplos olhares dos moradores, repletos de sentidos próprios, religiosos, morais, políticos de cada um.
- Procurar não hierarquizar os depoimentos.
- Misturar depoimentos em torno de temas: comidas, trabalho, caminhos, energia elétrica, parteiras, namoro...
- Entre as histórias criar pequenos textos que contem sobre as marcas da produção de um resgate histórico-cultural, ou seja, marcas da reconstituição de uma memória, de uma história... ou de várias memórias e histórias...
- Pedacos colados sem muito nexos, sem tempo e espaço determinados de forma linear;
- A proximidade com a fala;
- O esquecimento, e ao mesmo tempo, o desejo de não esquecer, de guardar, de fazer com que outros se lembrem;
- Várias versões – várias histórias – a contradição – a multiplicidade de olhares: mas será que era bem assim? Podia ser também de outra forma...
- Percepção de tempos diferentes – busca pela valorização
- Elas e eles contam a história.
- A invenção – quem conta um conto aumenta um ponto.
- A dúvida, as incertezas... a tensão entre mudança e permanência

## Os caminhos

Aqui se tornou bairro porque, quando no tempo das tropas, aqui era um ponto de parada para pernoite para se subir a serra. Posteriormente, começou a crescer e quando vinha o ônibus que passava por aqui, o Bairro já era ponto obrigatório de parada. Daí prá... aqui faz um tempo. Hoje o Bairro já está merecendo passar a distrito. Aqui também é ponto de distribuição de turismo. As pessoas que vão visitar as cavernas ficam aqui. E nós temos nessa região o maior conglomerado de cavernas do mundo, temos 247 cavernas nessa região. A Caverna de Santana, por exemplo, é considerada a terceira maior do mundo.

- E a respeito de ser atrativo turístico, a caverna, porque, assim, a serra era um bairro pequeno, então, não era grande...
- É, era pequeno, muito pequeno, agora, a maior parte justamente cresceu por causa dos turistas que vinham prá cá e acabavam gostando daqui, e achando necessidade de colocar alguma coisa aí prá...
- Quem mora no bairro hoje é gente que não era só daqui né, que era de outros bairros aí do meio do PETAR, né?

Em Bombas, onde nasceu Dona Carmelinda era muito difícil, como é até hoje pela dificuldade de chegar até lá.

*Antes era tudo caminho. A estrada era caminho, como esses que vão para a roça. Era andando um atrás do outro. Antigamente viajava lá pela caverna do Alambari, do meio lá que pegava do outro lado do rio. Aqui em cima da estrada.*

O primeiro passeio de carro foi em cima de um caminhão. A gente saía da escola, todo mundo subia no caminhão e ele dava uma voltinha. Quando alguém morria tinha que transportar o corpo nas costas. Quando não tinha caixão amarrava bem o defunto numa vara e levava. Saía todo mundo de madrugada para enterrar no meio dia.

Ainda não existia a ponte para atravessar o rio, a ponte sobre o rio Ribeira de Iguape, em Iporanga. A balsa pegava o caminho que é o mesmo da estrada. Além de Iporanga a gente não conhecia mais nada. Só Apiaí. Mas Apiaí era muito difícil de ir. Iporanga mesmo era difícil da gente ir.

## As comidas

Antes do Parque a gente trabalhava com lavoura. Todos os meus filhos foram criados na lavoura. O alimento era todo tirado daqui. A gente plantava feijão, arroz, mandioca. Uma mandioca deliciosa. Fazia farinha, socava o arroz no pilão. O arroz socado em pilão é bom, sustenta mais. Hoje as crianças não comem mais o arroz assim. Era uma fartura. Ah! Como era bom trabalha na roça. Eu, minha vida inteira trabalhei na roça. Naquele tempo a gente comia bastante arroz, bastante feijão, não é como agora que a gente compra e na mesma hora já acaba. A gente também tinha em casa. A gente comia bem, era melhor... Até hoje eu sinto saudade da roça, mas agora não dá mais. A gente comia, mas também não limitava o que a gente gastava de mantimento. Aqui não tinha nenhuma venda e quando a gente queria outro mantimento tinha que comprar em Iporanga. Aqui era tudo difícil. Então tudo tinha que ir para Iporanga. E muitos não tinham dinheiro, e então pegava o que tinha em casa e levava para trocar.

Com o Parque melhorou um pouquinho, principalmente para nós do outro lado do rio. De melhoria mesmo chegou muito pouco, a única coisa que melhorou foi que deu um servicinho para os monitores, nem todos. Em casa mesmo é um só. O que ele ganha para ele dá, mas para nós é um bico. Então não dá para viver disso. E antes a gente tinha liberdade para roçar, para plantar... criar as criações, galinha e criava porco, com liberdade... Mas agora não dá mais. Nós todas crescemos na roça. Eu ia longe buscar mandioca para fazer farinha. Tenho saudades até agora! A gente plantava em qualquer parte por aqui. Naquela época não tinha esse negócio de terreno de cada um. Chegava a época de plantio e cada um pegava um pedaço e plantava. Não tinha essa coisa de dizer esse aqui é meu, esse não é meu. Depois, conforme foi mudando as coisas, cada um foi se apossando do pedaço que plantava. Foi bom, porque daí que surgiu essa história de posseiro. Daí que surgiu os direitos das terras.

A gente cozinha até hoje em fogão de lenha. Tem quem acha o gás mais prático, mas a comida na lenha fica melhor. Mas tem quem gosta de buscar a lenha até hoje. Eu também gosto. É mais melhor que o outro. A comida fica ali quentinha. Mas voltando à comida. Tinha também a prexada, ou peixada, que eu não sei fazer, mas eu sempre comia, uma tia minha que fazia. Só que eu não vi ela fazer e não aprendi. Diz que só tem um homem que vende hoje em dia, lá em Apiaí. Não sei se tem alguém no bairro que

saiba fazer. Tinha o cuscuz de arroz, a canjica de milho com amendoim, o virado de banana, a paçoca. Paçoca de amendoim com farinha de milho.

Não tinha merenda escolar na época que eu estudava. Essa coisa de merenda é novidade. Todo mundo era pobre e tinha rapadura em casa. Não tinha nada de sanduichinho igual hoje. Não tinha essas coisas de hoje. Para nós era novidade, e quando aparecia a gente não sentia falta dessas coisas porque não era acostumado. Tinha quem levava para a escola uma batata assada, um cará assado, um viradinho de feijão, um qualquer coisa. A gente saía, brincava, e levava o lanche. Era uma época muito gostosa aquela. Tinha também aqueles que não levavam nada. Comiam em casa e depois iam para a escola.

Mas não é só a merenda que mudou. Naquela época tinha os mais adiantados e, vamos dizer assim, os mais fracos. E tinha que aprender a somar e as letras. E as notas não eram assim, tipo "A". Era "100" e quando a gente tirava "100", a gente ficava todo alegre. Ficava todo mundo junto, brincava junto. (brigas) A sala de aula não era como agora, era banquinho. Mesmo assim era muito alegre. Caneta também não tinha naquela época. A nossa caneta era de pena. Mas não é pena de galinha não! É um negócio que você põe assim no tinteiro. Só que isso era para a turma mais adiantada, senão era lápis. Era um lápis com uma borrachinha na cabeça do lápis. Hoje em dia é diferente. E a caneta era difícil, a gente tinha que ter a mão muito leve, senão borrava tudo. Mas mesmo assim era gostoso lá! Era muito bom. E tinha as brincadeiras. Tinha cantar, tinha aquele de amarrar um pano e tampar o olho. Cobra-cega, cabra-cega, não sei bem. Acho que é cobra-cega. É.

De professora na época teve a Dona Iolanda. Tem quem diz que ela se formou em Itapeva e o marido dela trabalhava aqui na mineração, lá no Lajeado, e que foi da Secretaria de Educação da região. Mas, tem quem conta que a Dona Iolanda foi na verdade a mãe do Carlão, mulher do Seu Pedro. Sabe-se que ela era uma professora brava, mas também muito boa, do jeito dela. Teve escola também na Pousada das Cavernas. Era num porão e de professora teve Dona Gilda e Dona Tereza. Mas voltando à comida. A gente saía, brincava, e levava o lanche. Era uma época muito gostosa aquela. Vocês podem até querer saber mais, mas a hora tá pouca. A gente tem que fazer o almoço. Uma hora qualquer que vocês puderem ler de novo a gente volta!

*Contam que aqui no Bairro da Serra depois esgotou o ouro os portugueses trouxeram prá cá a cana-de-açúcar. A cana foi uma das primeiras riquezas aqui da região. Nós tivemos aqui inúmeras fábricas de aguardente, fabricava o açúcar mascavo, a rapadura, a cachaça. Foi uma das formas de desenvolvimento econômico aqui da região. Depois veio o período do arroz, do feijão, que plantava muito aí. Depois o milho, e o café foi o último a chegar. Embora todo fazendeiro tivesse o seu café até hoje não foi muito explorado. O palmito sempre foi extraído prá alimentação de subsistência. Posteriormente começou a chegar a técnica de industrialização. Até uns cinquenta, quarenta, anos atrás o palmito saía daqui prá ser industrializado fora, "in natura". Ia prá São Paulo. Ultimamente quase acabaram com o palmito. Normalmente são indústrias de fora que vêm prá cá explorar. O palmito tem uma desvantagem: se derruba um tronco, uma árvore, dá pra retirar aproximadamente 57 cm de palmito. Um palmiteiro bem grande que dá perto da costa chamado de palmito juçara. O caboclo, quando tem oportunidade, ele aprende as coisas fácil. Aí ele aprendeu a fazer o palmito no próprio mato. Então ele pegava e comprava vidro velho dessas indústrias, vidro comum que tem por aí, e cozinhava o palmito lá, no próprio mato. Depois era só botar o rótulo da outra, e vender. Mas teve uma desvantagem, porque eles não tinham, naturalmente, as técnicas de higiene necessárias para isso. Aí acabaram os palmiteiros, hoje também não tem mais palmiteiro porque o Ibama não deixa.*

## **O trabalho**

Tinha uma época em que a gente falava falava mil réis, dez mil réis. Aí depois mudou para cruzeiro e agora para real. Mas aqui no Bairro da Serra ainda tem gente que fala réis. Não tinha essa história de banco para depósito. Existia uma caixa que trancava e o dinheiro ficava guardado. A gente trabalhava como hoje, por dia, ou quando você conseguia fazer algo mais fixo. Naquela época a pessoa trabalhava muito em trocar os dias. Por exemplo, hoje ia para uma pessoa, outro dia ia para outra. Fazia uma reunião. Trocava o serviço. Então, por exemplo, você tinha uma roça de feijão, a Dona Toninha uma de milho e a Dona Judite de arroz. Cada um tinha a sua roça e trocava só o dia de trabalho.

## A energia elétrica

E quando chegou a eletricidade?

Foi em 80. Tem pouco tempo! Quando vimos pela primeira vez ficamos admiradas! A gente conhecia lá de Iporanga. Foi uma festa! Teve arrastapé, um tal de ligá o ferro elétrico, a geladeira. Antes a gente punha brasa dentro do ferro. Eu pegava o ferro elétrico e até batia forte o coração de medo de choque! Mas com a luz é melhor. Primeiro as casas mais pra baixo da casa de Izalina é que receberam luz. A partir de 82 é que puseram no resto das casas. Teve casa que só recebeu luz em 90. Eles foram ponhando aos poucos a luz no Bairro. Ajudou muito a chegada da luz e da água. O banho agora é quente. Antes, no calor, a gente tomava banho de rio, no frio nós sofria, pegava no rio a água numa bacia e levava para casa. Tinha dia que chovia, a gente enchia um caldeirão assim. Agora melhorou pra gente.. era A gente gosta de morar nessas de alvenaria porque acostumou, principalmente pelo banho que é quente, na época de frio...

Antigamente, no tempo do lampiãozinho, quando alguém morria todo mundo tinha medo. Medo de defunto! Era a coisa mais feia do mundo para nós! Aí o povo aproveitava para contar história de saci, mula-sem-cabeça. Tem quem conta que o saci ficava assobiando que nem passarinho, igual ao passarinho "sem-fim". Tem quem diz que ele era um passarinho. Até hoje o pessoal fala de saci. Lá pros lados de Iporanga é que diz que tem muito saci.

- Ah. é? Mas como é que é?
- Peraí, você nunca viu saci?
- Não...
- Mas já ouviu?
- Também não ouvi não...
- Então a gente combina um dia pra ir esperar o saci.
- Oba!!!

Mas dizem que o saci vem só na lua minguante, o lobisomem é que é de lua cheia. E olha que para esses lados, parece que já teve uns três ou quatro lobisomens. E eles não brigavam a noite quando se encontravam.

*No Bairro da Serra tem quem nunca viu assombração, e acha que é coisa que agente põe na cabeça. Se você põe na cabeça que não vai ter, então não vai ter mesmo. Se você pensa que não pode ir em algum lugar, porque fulano vai estar lá, e vai vir mexer comigo essa noite, aí acontece mesmo. Não tem nada disso, se acontecer alguma coisa, nunca é a pessoa que morreu, é uma imitação dele, podemos dizer que é uma tentação, um diabo, que aparece. Quem já morreu não volta mais.*

## **As roupas**

Era assim: saia, tinha uma que era toda estampada e parecia uma seda. Mas só quem tivesse mais dinheiro para por uma daquela. O vestido era todo rodado, não tinha essa coisa de shorts como é agora. Para ir para a escola a gente tinha uniforme certo: saia, blusa branca. Eu achava bem bonito! Para ir para a escola era aquilo ali, chegava em casa e trocava.

## **E os namoros...**

Namorei mais uns aí... eu não tiro a razão das crianças porque, quando as pessoas estão namorando não namora só um rapaz, porque as pessoas não são o que aparecem.

Já eu tive vários, vários namorados!

É, a gente pesquisou um par deles, não é? Até escolher o certo!

- E com quantos anos a senhora casou?

Dona Carmelinda – com 18.

Dona Judite – com 20.

Dona Dita – 18.

Dona Toninha – 17.

Namorava olhando pelo buraco da parede! Ninguém pegava na mão, não!

Não tinha esse negócio de escondido nem de escuro, tinha que ser ali na presença de mãe. Não tinha sair de casa... E o namorado tinha que enfrentar o pai para namorar. Não tinha beijo, só depois do casamento. Essa história de beijinho é só agora. Hoje tem até quem não é namorado e beija!

## As parteiras

Antigamente quando a gente ficava doente só usava folha e chá, o remédio caseiro, não tinha outro tipo. Sempre tinha uma pessoa mais velha do que a gente que sabia o remédio certo. Ainda hoje tem quem faz chá de hortelã, que é bom pra dor de barriga, estômago e enjôo. Quando alguém quebrava o braço o gesso utilizado era feito com taquara e enrolava alguma coisa.

A parteira era a Celina. As mulheres tinham muitos filhos: nove, dez, treze... A maioria tinha os filhos na parteira. Eu tive só um no hospital, graças a Deus! Depois que tinha o neném tinha que ter o resguardo. Três dias no quarto deitada. Depois levantava e durante quarenta dias não podia fazer esforço, lavar cabeça, tomar banho no rio. Era só dentro de casa. A comida era sopa de frango, feijão. Eu comia arroz, comia feijão. Ah, e não era qualquer feijão, era um especial, bom... O feijão moiro. É um feijão assim diferente, menorzinho.

Tinha também uma história de não poder ver a criança no sétimo dia. Eu nunca guardei isso, mas tinha. Era o chamado "mal de sete dias". Quando a criança estava no sétimo dia só a mãe que podia entrar no quarto, nem o pai podia entrar. Dentro de casa não podia entrar nada de verde. Não podia entrar mandioca, vassoura, banana... Se entrasse a criança morria. Eu mesmo tive uma que morreu assim. A gente tinha ama de leite e era uma época de muitas chuvas e nesse dia entrou peixe dentro de casa. Na mesma noite deu uma doença na criança. Ela só durou 24 horas. Travava o queixinho da criança e ela não mamava, não tomava remédio, nada. Isso acontece mesmo. A doença dá na contagem dos sete dias. Quando não é bem curada, aí ela volta. Aos 7 anos, aos 14 anos... Não, não... é aos 7 anos, 7 meses, 17 anos, 27 anos...

## **ANEXO 2**

**Árvores genealógicas de algumas famílias do bairro da Serra, organizadas a partir de entrevistas realizadas com moradores/as do bairro entre os anos de 2000 e 2001**

**Pesquisa e organização:** Tânia Nestlehner Costa e Érica Speglich

**Colaboração:** Sandra Heloísa Mancebo Depetris

22 Aug 2002

**Antônio Monteiro Bastos**

sp: Efigênia de Souza

- José Monteiro Bastos
- Plácio Monteiro Bastos
- Maria Monteiro Bastos
- Enedina Monteiro Bastos
- Herculana Monteiro Bastos
- Abigail Monteiro Bastos
- Efigênia Monteiro Bastos
- Manuel Monteiro Bastos

sp: Hilda Rodrigues Aguiar

- Noemi Rodrigues Bastos
- Enedina Rodrigues Bastos
- Odete Rodrigues Bastos
- Noêmia Rodrigues Bastos

sp: UNKNOWN

- Noemi
- Noeli

- Erundina Rodrigues Bastos
- Azuir Rodrigues Bastos
- Ageu Rodrigues Bastos
- Jacira Rodrigues Bastos

sp: Benedito Pedroso

- Gedeoni Rodrigues Bastos
- Gediane Rodrigues Bastos
- Jaques Rodrigues Bastos
- Giovani Rodrigues Bastos

Josué Rodrigues Bastos

sp: Vani Ribas Dos Santos

- Josiane Rodrigues Bastos
- Cássia Rodrigues Bastos
- Daniele Rodrigues Bastos
- Ingrid Rodrigues Bastos
- sp: Odair Rodrigues Dos Santos
- Débora Rodrigues Bastos
- Joarimuli Rodrigues Bastos
- Josadac Rodrigues Bastos

**Juca Dias Monteiro**

sp: Inácia Pedroso

- Sebastião Dias Monteiro
- Lourenço Dias Monteiro
- Isidoro Dias Monteiro

sp: Benedita Dias De Oliveira Monteiro

— Paulo Edson de Oliveira Monteiro

sp: UNKNOWN

- Oriel
- Natanael
- Érica
- Luciene

— Gonçala De Oliveira Monteiro

sp: Levi Batista

— Bóris De Oliveira

— Moisés De Oliveira Monteiro

sp: UNKNOWN

— Adriele

— João Carlos De Oliveira Monteiro

sp: Elza De Oliveira Monteiro

- Maria Aparecida De Oliveira Monteiro
- Bruna De Oliveira Monteiro

— Aguinaldo De Oliveira Monteiro

— José César De Oliveira Monteiro

— Alcides De Oliveira Monteiro

sp: UNKNOWN

- Jane De Oliveira Monteiro
- Maria Aparecida De Oliveira Monteiro

— Minigildo De Oliveira Monteiro

sp: Ana De Oliveira Monteiro

— Antônio De Oliveira Monteiro

sp: UNKNOWN

- Evandro De Oliveira Monteiro
- Dirce De Oliveira Monteiro
- Denise De Oliveira Monteiro
- sp: UNKNOWN
- Marcos

— Vanderson De Oliveira Monteiro

— Naine De Oliveira Monteiro

— Jacira De Oliveira Monteiro

sp: João

— Iraci De Oliveira Monteiro

sp: Edson

- Luan
- Ricardo
- Laura

— Maria De Oliveira Monteiro

sp: Levi Andrade

- Vanessa
- Altiere
- David

— Vaúdo Dias Monteiro

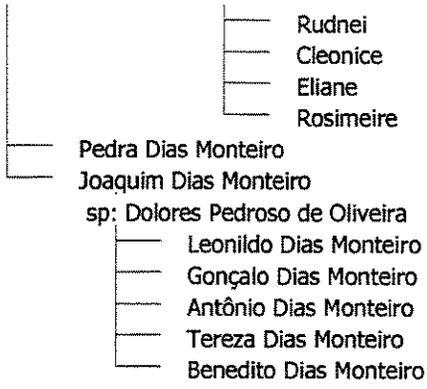
sp: Gedinéia Rodrigues Da Motta

— Cathelin

— Narciso De Oliveira Monteiro

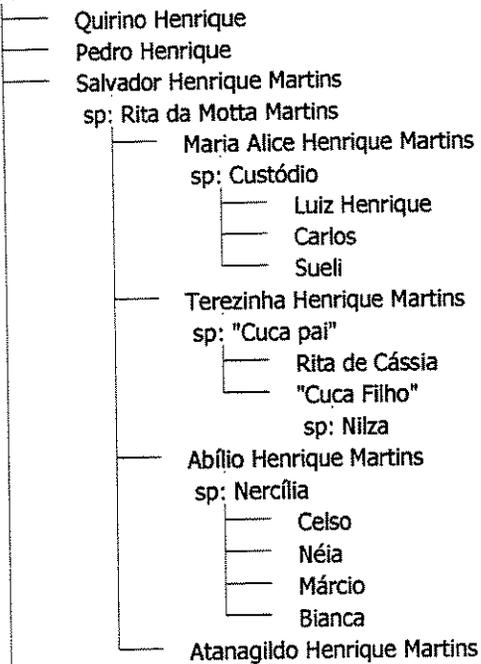
sp: Neli Motta Monteiro

— Leila



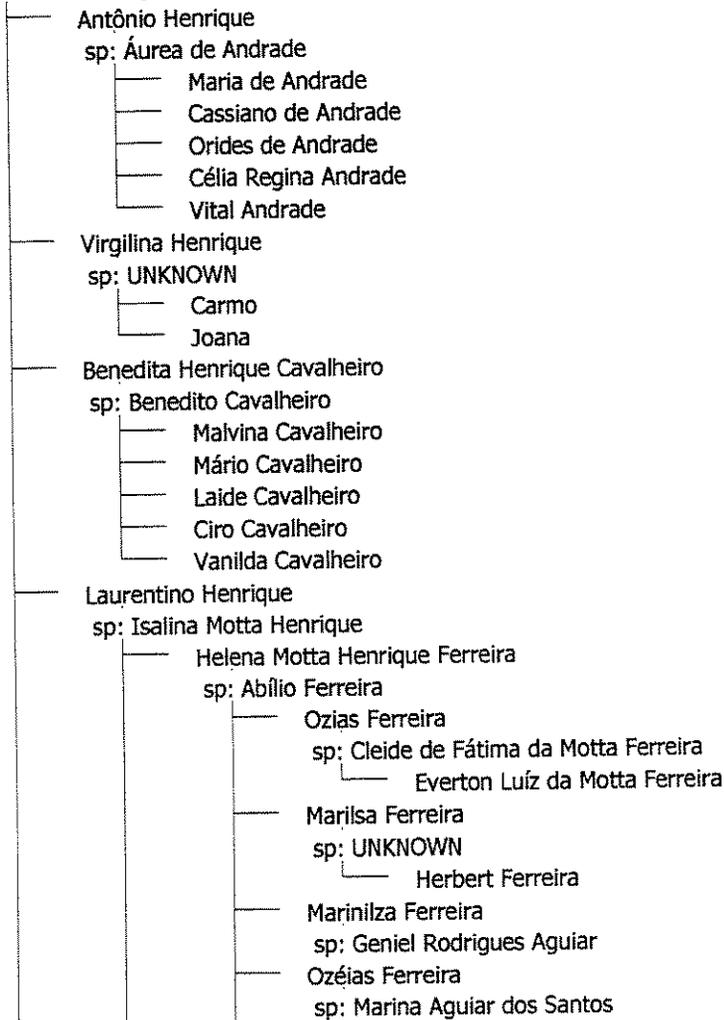
**Ezequiel Enrique Rodrigues**

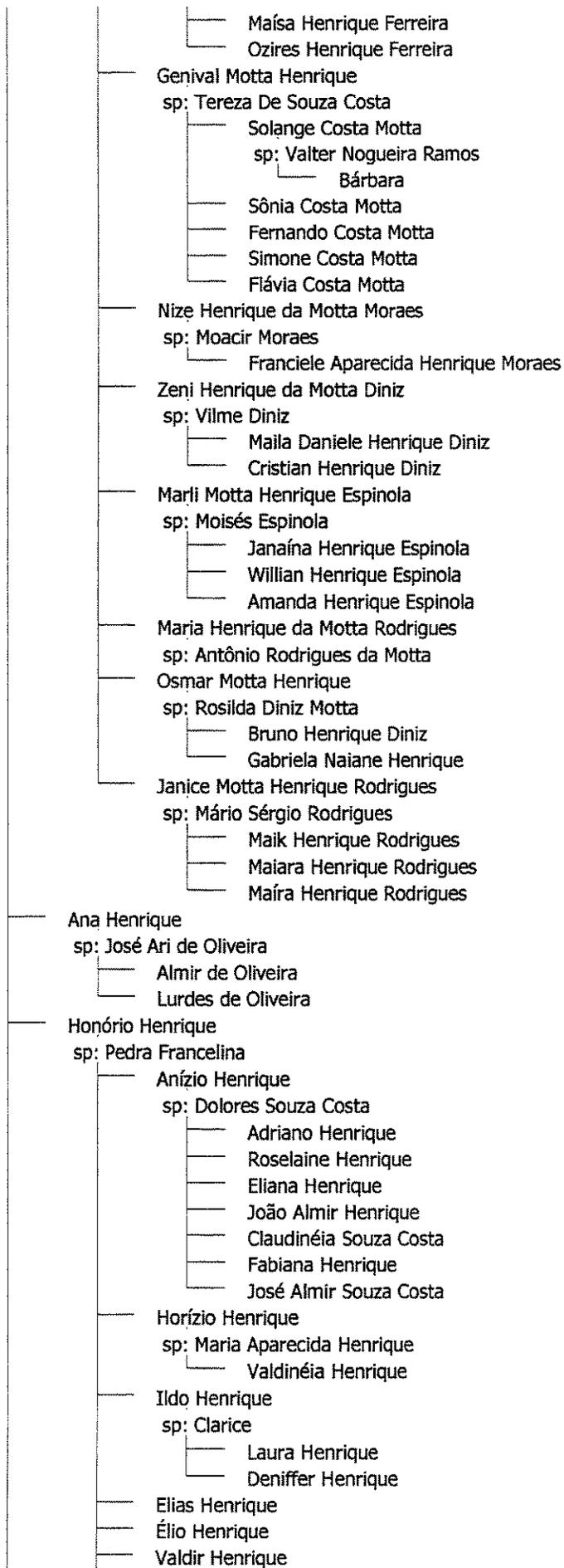
sp: Rosa Pereira da Costa



João Enrique Pereira

sp: Ernesta Gonçalves de Lima







**João Pedroso Da Motta**

sp: Ernesta Pedroso Da Motta

